Nora Roberts

Construir um Amor



Título: Construir um Amor.
Autor: Nora Roberts.
Título original: Best Laid Plans.
Dados da edição: Harlequin Ibérica, Alcochete, 2009.
Género: romance.
Digitalização: Dores Cunha.
Correção: Edith Suli.

Tinha de conquistar aquela mulher... Era a mulher mais sexy que o arquiteto Cody Johnson alguma vez vira na sua vida. Contudo, a engenheira Open Wilson tinha uma personalidade tão forte como uma viga de aço... e estava disposta a enfrentar quem quer que fosse para atingir os seus objetivos. Todavia, Cody tinha planos... aos quais nem sequer a impetuosa e bela Open conseguiria resistir.

Editado por HARLEQUIN IBÉRICA, S.A. 1989
Nora Roberts.
CONSTRUIR UM AMOR, Nº 182 - 1.6.09
Título original: Best Laid Plans Publicada originalmente por Silhouette Books.
Todos os direitos, incluindo os de reprodução total ou parcial, são reservados.
Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Enterprises II BV.
Todas as personagens deste livro são fitícias. Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência. (r) Harlequin y logotipo Harlequin são marcas registadas por Harlequin Enterprises II BV. (r) e São marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas que têm (r) estão registadas na Oficina Espanola de Patentes y Marcas e noutros países.
I.S.B.N.: 978-84-671-7113-6
Depósito legal: B-14995-2009
Fotocomposição: M.T. Color Diseno, S.L., Las Rozas. Madrid.
Impresso: LITOGRAFÍA ROSES, S.A. Gavá (Barcelona) DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA PORTUGAL: LOGISTA Expansão da Área Industrial do Passil lote 1 - A Palhavã 2890 Alcochete - Portugal

Um

Decididamente, aquela mulher merecia que olhasse para ela pela segunda vez.

Havia mais razões, muito mais básicas, do que o fato de ser uma das poucas mulheres que havia na obra.

Era natural que os olhos de um homem se vissem atraídos pelas formas femininas, especialmente quando estas se encontravam no que ainda era um domínio predominantemente masculino.

Era verdade que havia muitas mulheres que colocavam um capacete para trabalharem na construção e, desde que soubessem espetar um prego ou assentar um tijolo, não importava a Cody como abotoassem as camisas.

No entanto, havia qualquer coisa naquela mulher que lhe prendia o olhar.

Estilo.

Embora vestisse roupa de trabalho e estivesse de pé sobre um monte de escombros, podia afirmar-se que tinha estilo.

Enquanto ela se balançava sobre as solas gastas das suas botas, Cody chegou à conclusão de que também tinha segurança em si mesma, o que o atraía tanto, bom, quase tanto, como a renda preta ou a seda branca.

Apesar de tudo, não tinha tempo para permanecer sentado, a especular sobre o assunto.

Tinha realizado a viagem desde a Flórida até ao Arizona com um atraso de uma semana para cuidar daquele projeto e tinha muitos assuntos para pôr em dia.

A manhã fora muito atarefada, com muitas distrações.

O ruído dos homens e das máquinas, ordens que se gritavam e que se cumpriam, gruas a levantarem vigas pesadas de metal para formarem o esqueleto de um edifício onde antes só havia pedras e terra, a cor forte daquelas rochas e da terra sob os raios poderosos do sol, inclusive a sede crescente de Cody.

No entanto, as distrações não lhe importavam.

Passara tempo mais do que suficiente nas obras para conseguir ver para além dos escombros, para vislumbrar o que para os principiantes poderia parecer apenas confusão ou inclusive destruição.

Em vez de suor e de esforço, ele via possibilidades.

No entanto, naquele instante, só conseguia observar a mulher.

Ali, também havia possibilidades.

Deu-se conta de que era alta, aproximadamente de um metro e sessenta e cinco de altura com as suas botas de trabalho, e mais magra do que esbelta.

Parecia ter uns ombros fortes, que estavam cobertos por uma t-shirt amarela que estava encharcada de suor nas costas.

Como arquiteto, Cody apreciava linhas direitas e frugais.

Como homem, gostava do modo como aquelas calças jeans puídas lhe rodeavam os quadris.

Sob um capacete tão vistoso como a t-shirt, adivinhava-se uma trança curta e grossa cor de mogno, o que, na verdade, era uma das suas madeiras favoritas para trabalhar devido à sua beleza e cor rica.

Compôs os óculos de sol sem deixar de a observar da cabeça aos pés.

Decididamente, merecia que a observasse pela segunda vez.

Admirou o modo como se mexia, sem desperdiçar gestos, enquanto se inclinava olhando através do taquímetro de um topógrafo.

Tinha o bolso traseiro das calças jeans roçado numa linha fina. Cody deduziu que aquilo significava que colocava a carteira naquele bolso. Decidiu que era uma mulher prática. Uma mala só estorvaria na obra.

Não tinha a pele frágil e pálida de uma ruiva, mas um bronzeado quente e dourado que provavelmente o sol tórrido do Arizona lhe teria provocado. Fosse de onde fosse, agradava-lhe, tal como gostava dos traços angulosos do seu rosto. O queixo, de aspeto um pouco duro, rebatia-se com umas maçãs do rosto elegantes. Ambas se viam equilibradas por uma boca suave e sem maquiagem.

Cody não conseguia ver-lhe os olhos por causa da distância e da sombra que o capacete lhe provocava sobre o rosto, mas a sua voz era firme e clara.

Parecia muito mais apropriada para noites tranquilas e nebulosas do que para tardes calorosas como aquela.

Enfiou os dedos nos bolsos das calças jeans e sorriu. Sim, efetivamente as possibilidades eram ilimitadas.

Sem se dar conta de que Cody estava a observá-la, Open franziu a sobrancelha e passou um braço pela testa úmida.

Naquele dia, o sol estava implacável.

Às oito horas da manhã já era abrasador.

O suor caía-lhe pelas costas, evaporava-se e voltava a encharcá-la num ciclo constante com o qual ela já tinha aprendido a viver.

Uma pessoa só conseguia mexer-se a uma certa, e muita limitada, velocidade com aquele calor.

Só se conseguia levantar uma quantidade limitada de metal e só se conseguia partir um número reduzido de pedras quando a temperatura superava largamente os trinta graus.

Apesar dos barris de água, cada dia representava uma batalha dura.

Até aquele momento, estavam a seguir em frente, mas... Não!

Recordou a si mesma que não podia haver "mas". A construção daquele complexo turístico era o projeto mais importante que tinha realizado na sua carreira e não ia estragar tudo.

Era o seu trampolim. Apesar de tudo, teria sido capaz de matar Tim Thornway por comprometer a Construções Thornway, e ela mesma, com prazos tão apertados.

As cláusulas de penalização eram atrozes e, como Tim costumava fazer sempre, tinha delegado a responsabilidade diretamente sobre os ombros de Open exatamente para evitar essas cláusulas.

Endireitou-se como se realmente conseguisse sentir o peso. Seria necessário um milagre para finalizar o projeto a tempo e dentro do orçamento estipulado. Dado que ela não acreditava em milagres, aceitava as longas horas de trabalho e os dias intermináveis de trabalho que ainda faltavam.

Construiriam aquele complexo turístico e o construiriam a tempo, nem que ela mesma tivesse de pegar no martelo e na serra.

No entanto, enquanto observava como uma viga de metal se erguia majestosamente no ar, prometeu a si mesma que aquela seria a última vez.

Quando finalizasse aquele projeto, cortaria todos os seus laços com a Thornway e começaria uma caminhada sozinha.

Estava em dívida para com eles por lhe terem dado uma oportunidade, por terem tido fé suficiente nela para lhe permitirem subir de engenheira assistente para engenheira estrutural.

Nunca o esqueceria, mas a sua lealdade fora para com Thomas Thornway. Dado que ele já partira, faria tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar que Tim arruinasse o negócio, embora não pensasse passar o resto da sua carreira a fazer de ama dele.

Depois de pensar numa das bebidas que tinha guardadas na geladeira, aproximou-se para fiscalizar a colocação das vigas.

Charlie Gray, o assistente entusiasta que praticamente tinham impingido a Cody, esteve prestes a arrancar-lhe a camisa.

— Quer que diga à senhorita Wilson que está aqui? - perguntou-lhe.

— Neste momento, está ocupada - respondeu Cody.

Tirou o seu maço de cigarros do bolso da camisa e procurou nos bolsos das calças até que encontrou os fósforos.

— O senhor Thornway queria que se conhecessem.

— Teremos tempo para isso - respondeu Cody. Acendeu um fósforo e, automaticamente, curvou os dedos à sua volta, apesar de não haver nenhum

vento.

— Não assistiu à reunião de ontem, por isso...

— Sim...

O fato de não ter assistido à reunião não faria com que Cody perdesse o sono.

O plano do complexo turístico era dele, mas quando tinham surgido os seus problemas familiares, o seu sócio encarregara-se de grande parte das tarefas preliminares.

Ao olhar novamente para Open, pensou que fora uma pena.

A poucos metros dali, estava estacionada um treiler. Cody dirigiu-se para lá, com Charlie atrás dele.

Tirou uma cerveja de uma geladeira e, enquanto entrava no interior do treiler, onde os ventiladores portáteis lutavam contra o calor, abriu a lata.

Felizmente, ali dentro parecia que a temperatura descia alguns graus.

— Quero voltar a ver as plantas do edifício principal.

— Sim, senhor. Tenho-as aqui mesmo - disse Charlie, enquanto pegava no tubo onde se encontravam as plantas. — Na reunião... - acrescentou, depois de pigarrear, — a senhorita Wilson assinalou algumas alterações que quer realizar, do ponto de vista de um engenheiro, é claro!

— A sério?

Sem mostrar preocupação alguma, Cody recostou-se nas almofadas estreitas de um sofá-cama. Felizmente, o sol tinha esbatido a tapeçaria berrante verde e cor de laranja, até lhe dar uma tonalidade mais inofensiva. Olhou à sua volta para procurar um cinzeiro e, por fim, contentou-se com uma xícara vazia.

Em seguida, desenrolou as plantas.

Gostava daquele projeto.

O edifício seria em forma de cúpula, coroado por algumas vidraças no vértice superior.

Os andares de escritórios contornariam o átrio central, o que daria uma sensação de amplitude. Espaço para respirar.

De que servia ir para o Oeste se não se tivesse espaço para respirar?

Cada escritório contaria com uma janela fumada muito grossa para combater a luminosidade do sol, ao mesmo tempo que permitiria uma visão sem restrição alguma do complexo turístico e das montanhas.

No rés-do-chão, o hall curvar-se-ia num semicírculo para que fosse mais acessível da entrada, do bar de dois níveis e da cafetaria envidraçada.

Os clientes poderiam apanhar os elevadores envidraçados ou ir de escadas para subirem um andar e poderem comer num dos três restaurantes, ou poderiam subir mais um pouco e explorar as salas.

Cody bebeu um longo gole da sua cerveja enquanto analisava o projeto.

Via-o como uma espécie de casamento entre o moderno e o antigo.

Não via nada que pudesse mudar-se no plano básico, como também não via nada que ele permitisse que se mudasse.

Open Wilson teria de se aguentar.

Quando ouviu a porta do treiler a abrir-se, levantou o olhar. Ao ver que era Open quem entrava, Cody decidiu que era muito melhor vê-la de perto.

Estava um pouco suada, um pouco coberta de pó e, pelo que parecia, muito zangada.

Cody estava certo quanto à última parte.

Open tinha-se cansado de ter de ir buscar os trabalhadores que faziam intervalos não programados.

— O que raios estás a fazer aqui? - perguntou-lhe, enquanto Cody voltava a levar a lata aos lábios. — Precisamos de toda a gente lá fora acrescentou.

Open arrebatou-lhe a cerveja antes que ele conseguisse beber.

— A Thornway não te paga para que passes o dia sentado. Além disso, ninguém deste projeto bebe durante o horário de trabalho.

Deixou a cerveja sobre a mesa antes que pudesse sentir a tentação de aliviar a sua garganta ressequida com ela.

— Senhorita Wilson...

— O que foi? - perguntou a Charlie. Estava sem paciência. — Você é o senhor Gray, não é? Espere, por favor! - acrescentou. Limpou a face húmida com a manga da t-shirt. — Olha, companheiro - disse a Cody, — a menos que queiras que te mandemos embora, é melhor que te levantes e te apresentes ao teu capataz.

Ele sorriu-lhe com insolência.

Open sentiu que umas palavras muito pouco profissionais vinham aos seus lábios.

Reprimiu-as com o pouco controlo que ainda lhe restava, tal como estava a fazer com a necessidade de bater naquela face arrogante com o punho.

Tinha de admitir que era um tipo muito atraente. Os homens com aquele tipo de aspeto pensavam sempre que podiam livrar-se dos problemas com um sorriso... e normalmente era assim.

Mas não com Open. No entanto, ela tinha consciência de que não lhe serviria de nada ameaçar um empregado.

— Tu não devias estar aqui - acrescentou. com um gesto de frustração, arrebatou-lhe as plantas, — como também não tens o direito de ver essas plantas.

— Senhorita Wilson... - voltou a dizer Charlie, daquela vez, com um certo desespero.

— O que foi, bolas? Já conseguiu fazer com que esse seu ilustre arquiteto saia

da banheira, Gray? Interessa à Thornway ver como o seu projeto avança segundo os prazos previstos.

— Sim, mas...

— Espere! - interrompeu-o ela. Mais uma vez, virou-se para Cody. — Ouve, dissete para te ires embora. Falas a mesma língua que eu, ou não?

— Sim, senhorita.

— Então, mexe-te!

Ele o fez, mas não como Open tinha esperado.

Preguiçosamente, como um gato que se esticava antes de saltar do parapeito de uma janela, esticou o seu corpo. Tinha umas pernas muito compridas. Não parecia um homem receoso de perder o seu emprego.

Pegou a cerveja que Open deixara na mesa e bebeu um gole. Então, levantou-se, apoiou-se contra o frigorífico e sorriu.

— É muito alta, não é, ruiva?.

Open teve de fazer um esforço para não ficar boquiaberta.

Talvez o negócio da construção fosse uma coisa de homens, mas nenhum dos operários com que Open trabalhava tinha tido, até então, o descaramento de se mostrar condescendente com ela, pelo menos, não diante dela.

Aquele homem estava despedido. Com ou sem atraso, fosse ou não do sindicato, redigir-lhe-ia os papéis de despedimento pessoalmente.

— Pega nas tuas coisas, mete-te no teu carro e Vá embora, imbecil! - exclamou.

Voltou a arrebatar-lhe a cerveja e, daquela vez, despejou-lhe o conteúdo da lata sobre a cabeça. Felizmente para Cody, já não estava muito cheia.

— Conta ao teu representante do sindicato!

— Senhorita Wilson... - sussurrou Charlie. Ficara muito pálido e tremia-lhe a voz. — Não compreende...

— Vá embora, Charlie! - exclamou Cody, com voz suave, enquanto passava os dedos pelo cabelo húmido.

— Mas...

— Vá embora!

- Sim, senhor - disse Charlie. Partiu rapidamente.

Por causa disso e por Charlie ter chamado de "senhor" aquele empregado atraente, Open começou a suspeitar que tinha cometido um erro. Automaticamente, ficou com os ombros tensos.

— Acho que não fomos apresentados - disse Cody.

Tirou os óculos de sol que usara até então. Ela viu que ele tinha os olhos castanhos, de um castanho dourado suave.

Não estavam cheios de raiva ou de vergonha. Observavam-na com uma certa

neutralidade.

— Sou Cody Johnson. O arquiteto.

Poderia ter tentado balbuciar alguma coisa. Poderia ter-se desculpado. Poderia ter-se desatado a rir por causa do incidente e ter-lhe oferecido outra cerveja. Ocorreram-lhe as três opções, porém, pelo modo tranquilo e firme como olhava para ela, rejeitou-as todas.

— Foi muito amável da sua parte ter passado por aqui - sussurrou.

Cody decidiu que era uma mulher muito dura, apesar dos olhos cor de avelã e da boca atraente. Já se deparara com mulheres duras antes.

— Se tivesse sabido que encontraria uma recepção tão calorosa, teria vindo antes.

— Lamento, tivemos de deixar a orquestra de fora.

Como queria salvar o seu orgulho, tentou contorná-lo e ir-se embora, contudo, descobriu rapidamente que, se quisesse chegar à porta, ao sofá ou a qualquer outro lugar, teria de passar justamente ao seu lado.

Não questionou por que razão aquela perspetiva não lhe agradava. Ele era um obstáculo e os obstáculos deviam ser derrubados.

Levantou o queixo muito ligeiramente, apenas o suficiente para poder olhar para ele nos olhos.

— Alguma pergunta?

— Sim, algumas - respondeu Cody. — Costuma entornar cerveja por cima da cabeça dos seus homens?

— Depende do homem.

Mais uma vez, Open tentou avançar, no entanto, encontrou-se aprisionada entre ele e o frigorífico.

Ele tivera apenas de se virar para conseguir. Cody demorou algum tempo olhando para ela nos olhos. Neles não viu medo algum, nem desconforto, mas apenas uma fúria que o fez querer voltar a esboçar um sorriso.

— Temos muito pouco espaço, senhorita Wilson. Talvez ela fosse engenheira, uma profissional que tinha lutado muito para chegar à posição em que se encontrava e que conhecia todos os recursos, mas continuava a ser uma mulher e tinha muita consciência da pressão que o corpo de Cody exercia contra o dela.

Fosse qual fosse aquela que poderia ter sido a sua reação, a expressão de diversão que viu nos olhos dele anulou-a por completo.

— Esses dentes são todos seus? - perguntou-lhe, muito calmamente.

— Da última vez que confirmei, sim - respondeu ele, sem compreender.

— Se quiser que continue a ser assim, afaste-se de mim!

Cody teria gostado de a beijar naquele momento, tanto devido à admiração que sentia pela coragem que ela tinha demonstrado, como por prazer.

Embora fosse um homem impulsivo, também sabia como mudar de tática e seguir pelo caminho mais longo.

— Sim, senhorita.

Quando se afastou, Open contornou-o e passou ao seu lado. Teria preferido dirigir-se diretamente para a porta sem parar, mas sentou-se no sofá e voltou a estender as plantas.

— Pressuponho que Gray já o terá informado da reunião que perdeu.

— Sim - disse Cody.

Sentou-se e reparou que, pela segunda vez, estavam muito perto um do outro. As suas coxas tocavam-se, calças jeans contra calças jeans, músculo contra músculo.

— Disseme que você queria mudar algumas coisas.

— Tive problemas com o plano básico desde o começo, senhor Johnson. Não o escondi.

— Vi a correspondência. Você deseja um design arquitetônico típico do deserto.

— Não recordo ter utilizado a palavra "típico", mas há boas razões para o estilo arquitetônico desta região.

— Também há boas razões para experimentar uma coisa diferente, não lhe parece? - perguntou ele, enquanto acendia outro cigarro. — A Barlow e Barlow deseja um design moderno. Um complexo que contenha tudo o que é necessário e que seja suficientemente exclusivo para atrair a clientela mais seleta. Querem uma coisa diferente do que pode encontrar-se nos complexos turísticos que há por Phoenix inteira. E isso é precisamente o que eu vou dar-lhes.

— Com algumas modificações...

— Não haverá modificações, senhorita Wilson.

Open esteve prestes a apertar os dentes. Aquele homem não só estava a comportar-se de um modo arrogante, como também, além disso, a enfurecia com o modo como pronunciava a palavra "senhorita".

— Por alguma razão - replicou ela, calmamente, - tivemos o azar de termos sido escolhidos para trabalharmos juntos neste projeto.

— Deve ter sido o destino - murmurou ele.

— Vou ser muito sincera consigo, senhor Johnson. Do ponto de vista de um engenheiro, o seu projeto não presta.

Cody deu um bafo no seu cigarro e expeliu o fumo muito lentamente. Reparou que ela tinha reflexos cor de âmbar nos olhos. Na verdade, parecia que aqueles olhos não conseguiam decidir se queriam ser cinzentos ou verdes. Olhos taciturnos.

Sorriu.

— O problema é seu. Se não for suficientemente boa, a Thornway poderá atribuir o projeto a outra pessoa.

Open apertou os punhos. A ideia de o fazer engolir as plantas tinha um certo encanto para ela, mas recordou a si mesma que estava comprometida com aquele projeto.

— Sou suficientemente boa, senhor Johnson.

— Nesse caso, não devemos ter nenhum problema. Porque não me informa dos progressos que se fizeram?

Open esteve prestes a dizer-lhe que aquele não era o seu trabalho, mas estava vinculada por um contrato, um contrato que não lhe deixava muita margem de erro.

Pagaria a dívida que tinha com a Thornway, mesmo que isso significasse trabalhar lado a lado com aquele arquiteto arrogante da costa leste.

— Como provavelmente já terá visto, as explosões controladas produziram-se tal como estava previsto. Felizmente, pudemos reduzi-las ao mínimo para se preservar a integridade da paisagem.

— Era essa a ideia.

— Era? - perguntou ela. Olhou para as plantas e, em seguida, para Cody. — De qualquer forma, teremos finalizado a estrutura do edifício principal até o fim da semana. Se não se realizarem alterações...

— Não se realizarão.

— Se não se realizarem alterações - repetiu Open, apertando os dentes,

— cumpriremos os prazos do primeiro contrato. O trabalho nos bangalôs individuais só começará quando o edifício principal e o spa tiverem a cobertura. O campo de golfe e os campos de tênis não fazem parte do meu trabalho, por isso, terá de falar com Kendall sobre eles, tal como sobre a jardinagem e a decoração de exteriores.

— Muito bem. Sabe se já se encomendaram os azulejos do hall?

— Sou engenheira, não sou fornecedora. Marie López trata desse assunto.

— Terei isso em conta.

Em vez de assentir com a cabeça, Open levantou-se e abriu o frigorífico.

Estava bem abastecido de refrigerantes, sumos e água engarrafada. Depois de demorar o seu tempo a decidir-se, escolheu uma água. Disse para si que tinha sede.

Aquele gesto não tivera nada a ver com o fato de querer pôr distância entre eles. Fora apenas um benefício colateral.

Embora soubesse que não era muito cortês da sua parte, tirou a tampa da garrafa e bebeu sem lhe oferecer água.

— O que se passa? - perguntou-lhe, ao dar-se conta da intensidade com que

ele a observava.

— É porque sou homem, porque sou arquiteto ou porque venho do Leste?

Open bebeu outro longo gole de água.

Bastava passar um dia ao sol para se dar conta do paraíso que podia encontrar-se numa garrafa de água.

— Terá de se explicar.

— Deseja cuspir-me na cara porque sou homem, porque sou arquiteto ou porque venho do Leste? - repetiu Cody.

Open não se teria sentido incomodada com a pergunta se ele não tivesse sorrido enquanto a formulava. Conhecia-o há menos de uma hora, mas já o tinha amaldiçoado meia dúzia de vezes por causa daquele sorriso.

Apoiou-se sobre a mesa e olhou fixamente para ele.

— Não me importa o seu sexo.

Ele continuou a sorrir, mas alguma coisa rápida e perigosa se refletiu nos seus olhos.

— Vejo que gosta de provocar, Wilson.

— Sim - replicou ela. Aquela foi a sua vez de sorrir, - mas, para acabar a minha resposta, os arquitetos são, com frequência, artistas pomposos e temperamentais que põem os seus egos sobre o papel e que esperam que os engenheiros e os construtores os mantenham para a posteridade. Posso entendê-lo e inclusive respeitá-lo, quando o arquiteto se fixa no meio ambiente e cria para este, em vez de para si mesmo. Quanto ao fato de ser do Leste, esse pode ser o maior dos problemas. Você não compreende o deserto, as montanhas, nem esta terra. Eu não gosto que você decida o que a gente daqui tem de ter na sua terra, sob uma laranjeira a mais de dois mil quilômetros daqui.

Como Cody estava mais interessado nela do que em defender-se, não mencionou o fato de que tinha viajado três vezes até ao lugar onde iam desenvolver-se as obras. Tinha realizado grande parte do plano praticamente quase no mesmo lugar onde se encontrava sentado naquele instante, em vez de no seu escritório.

— Se não quer construir, porque se dedica a isso?

— Eu não disse que não queria construir - respondeu ela, - mas nunca achei que fosse necessário destruir para poder fazê-lo.

— Cada vez que se enfia uma pá na terra, retira-se um pouco de terra. É a vida.

— Cada vez que se enfia uma pá na terra para retirar um pouco de terra, devia pensar-se no que vai ser devolvido. É uma questão de moralidade.

— Engenheira e filósofa... - disse ele. Observou como um rubor irado começou a refletir-se nas faces de Open.

— Antes que me entorne essa água sobre a cabeça, digamos que concordo com você até certo ponto, mas não vamos pôr aqui plástico e néon. Esteja de acordo com o meu plano ou não, o plano é meu. O seu trabalho é torná-lo realidade.

— Sei qual é o meu trabalho.

— Nesse caso - observou Cody, enquanto começava a enrolar as plantas, - o que lhe parece se fôssemos jantar?

— O que disse?

— Jantar - repetiu ele.

Quando acabou de enrolar as plantas, meteu-as no rolo e levantou-se.

— Eu gostaria de jantar com você.

— Não, obrigada - respondeu Open.

Aquele parecia-lhe o convite mais ridículo que alguma vez ouvira na sua vida.

— É casada?

— Não.

— Tem um companheiro?

— Isso não lhe diz respeito.

— Salta muito depressa, ruiva - comentou Cody. — Gosto disso.

— Você é muito descarado, Johnson. E eu não gosto disso - replicou.

Open aproximou-se da porta e pôs uma mão sobre a maçaneta.

— Se tiver alguma pergunta que tenha a ver com a obra, estarei por aqui.

Cody não teve de fazer um grande esforço para lhe pôr a mão no ombro.

— Eu também - recordou-lhe. — Jantaremos juntos noutra ocasião. Parece-me que me deve uma cerveja.

Depois de olhar fixamente para ele durante alguns segundos, Open abriu a porta e partiu.

Cody Johnson não era o que ela tinha esperado. Era muito atraente, coisa com que conseguia lidar. Quando uma mulher se introduzia num território tão masculino, o mais provável era que encontrasse um homem atraente de vez em quando.

No entanto, Johnson parecia mais um da equipe, em vez de um sócio de um dos ateliers de arquitetura mais importantes do país.

O seu cabelo loiro-escuro, com as pontas mais claras, era demasiado comprido. A sua compleição forte, com músculos fortes e pele bronzeada, as suas mãos largas e calosas... Tudo era mais próprio de um dos operários. Sentira a força daquelas mãos. Para além disso, havia a voz, lenta e quente.

Colocou o capacete quando se aproximou da estrutura metálica do edifício.

Algumas mulheres teriam considerado aquela voz muito atraente. No entanto, ela não tinha tempo para deixar que a cadência suave daquele sotaque sulista ou

um sorriso arrogante a seduzissem.

Na verdade, não tinha muito tempo para pensar em si mesma como mulher. Ele fizera-a sentir-se como tal. Franziu os olhos para se proteger do sol e observou como as vigas eram postas no seu lugar.

Não a preocupava que Cody Johnson a tivesse feito sentir-se feminina. om demasiada frequência, "feminina" significava "indefesa" e "dependente".

Open não tinha intenção de ser nenhuma das duas coisas.

Tinha trabalhado demasiado durante demasiado tempo para alcançar a auto-suficiência. Decidiu que algumas palpitações... sim, tinham sido isso, palpitações... não a afetariam absolutamente.

Desejou que a lata de cerveja estivesse cheia. Cm um sorriso triste, observou como punham a viga seguinte.

Havia qualquer coisa muito bonita em ver como um edifício crescia. Peça a peça, andar a andar. Sempre a tinha fascinado ver como uma coisa forte e útil ganhava forma...

Do mesmo modo que a tinha incomodado ver a terra destruída pelo progresso.

Nunca fora capaz de resolver aquele conflito de sentimentos e fora por isso que tinha escolhido uma profissão que lhe permitia participar no desenvolvimento e tentar fazer com que o progresso se realizasse com integridade.

No entanto, aquele edifício... Abanou a cabeça. Aquele projeto parecia-lhe a fantasia de um intruso. A cúpula, as curvas, as espirais...

Open tinha passado noites em branco sobre o seu estirador, com uma régua e uma calculadora, tentando encontrar um sistema de apoio satisfatório.

Os arquitetos não se preocupavam com assuntos tão mundanos, mas apenas com a estética. Era tudo uma questão de ego.

Construiria aquele maldito edifício e o faria bem, mas não lhe agradava. Com o sol a abrasar-lhe as costas, inclinou-se sobre o taquímetro.

Tinham tido de encontrar soluções para a montanha e para um leito muito instável de pedra e areia, mas as medidas e a localização estavam muito bem calculadas.

Sentiu um grande orgulho quando confirmou os ângulos e os graus.

Apropriada ou não, aquela estrutura contaria com um trabalho impecável de engenharia. O importante era precisamente isso, a perfeição.

Durante a maior parte da sua vida, tinha tido de se contentar com segundas escolhas.

A sua preparação profissional, os seus conhecimentos e as suas capacidades estavam muito acima disso.

Não tinha intenção de voltar a contentar-se com segundas escolhas. Nem para ela, nem para o seu trabalho.

Sentiu o cheiro dele e experimentou um formigueiro na nunca. Sabonete e suor.

Toda a gente na obra cheirava a sabonete e a suor. Então, porque tinha tanta certeza de que Cody Johnson estava atrás dela?

— Algum problema? - perguntou, sem se afastar do taquímetro.

— Não saberei até ver. Importa-se?

—É claro que não!

Open afastou-se do taquímetro e, quando ele se inclinou sobre o aparelho, enfiou os dedos nos bolsos traseiros das calças jeans.

Esperou.

Não encontraria discrepância alguma, mesmo que soubesse como reconhecê-la.

Quando ouviu um grito, virou-se e viu dois membros da equipe a discutir. Sabia que o calor tinha um modo muito desagradável de aquecer o mau temperamento.

Deixou que Cody continuasse a inspeccionar a obra e aproximou-se dos homens.

— É um pouco cedo para isso - disse, calmamente, quando viu que um dos homens agarrava o outro pelo peitilho da camisa.

— Este desgraçado esteve prestes a arrancar-me os dedos com aquela viga.

— Se este idiota não sabe quando tem de se afastar, merece perder uns quantos dedos.

— Já chega! - ordenou-lhes Open.

— Eu não tenho de aguentar o que este...

— Talvez não - interrompeu-o Open, - mas terás de aguentar o que eu te disser. Agora, acalma-te ou vai dar uma volta. Se os dois quiserem andar à bulha fora do vosso horário de trabalho, por mim, podem fazê-lo, mas não vou consentir que o façam quando estiverem a trabalhar. Se o fizerem, serão despedidos. Tu - acrescentou, apontando para o homem que lhe pareceu o mais volátil dos dois, — como te chamas?

O homem hesitou durante um instante. Em seguida, respondeu: — Rodríguez.

— Bom, Rodríguez, faça um intervalo ou joga um pouco de água fria sobre a cabeça - disse. Virou-se, como se não restassem dúvidas de que o homem lhe obedeceria imediatamente. — E tu?

— Swaggart.

— Muito bem, Swaggart, regressa ao teu trabalho. E eu teria um pouco mais

de respeito pelas mãos do meu colega, se estivesse no teu lugar, a menos que queiras contar-lhe os dedos e ver quantos lhe faltam.

Rodríguez lançou um sopro ao ouvir aquelas palavras, mas obedeceu a Open e dirigiu-se para o lugar onde se encontravam os barris de água.

Satisfeita, Open fez sinal ao capataz e indicou-lhe que mantivesse os dois homens afastados durante alguns dias.

Quando voltou para o taquímetro, quase se tinha esquecido de Cody.

Ele ainda se encontrava ali, ao lado do aparelho, mas não estava olhando através dele.

Tinha as pernas afastadas e as mãos apoiadas nos quadris, enquanto a observava.

— Interfere sempre numa discussão?

— Quando é necessário.

Desceu os óculos para a observar, antes de voltar a subi-los rapidamente.

— Ninguém conseguiu fazer com que esse tipo de costumes seja esquecido?

Open não teria sabido responder porque teve de reprimir um sorriso, mas conseguiu fazê-lo. — Ainda não.

— Bom, talvez eu seja o primeiro.

— Pode tentar, mas faria muito melhor em concentrar-se neste projeto. É mais produtivo.

Cody sorriu muito lentamente.

— Consigo concentrar-me em mais de uma coisa ao mesmo tempo. E você?

Em vez de responder, Open tirou um lenço do bolso e limpou a nuca.

— Sabe uma coisa, Johnson? O seu sócio pareceu-me um homem sensato.

— Nathan é efetivamente muito sensato - respondeu Cody.

Antes que ela pudesse impedi-lo, arrebatou-lhe o lenço das mãos e secou-lhe as têmporas.

— Viu-a como uma perfeccionista.

— E o que é você? - replicou.

Teve de resistir ao impulso de lhe tirar o lenço. Havia alguma coisa relaxante, demasiado relaxante, naquela carícia.

— Terá de julgá-lo por si mesma - disse.

Virou-se olhando para o edifício. Os alicerces eram fortes, os ângulos eram perfeitos, mas aquilo era apenas o começo.

— Vamos trabalhar juntos durante bastante tempo.

— Eu consigo suportá-lo se você também conseguir - respondeu ela.

Naquele momento, arrebatou-lhe o lenço. Voltou a enfiá-lo no bolso.

— Open... - disse, pronunciando o nome como se estivesse a saboreá-lo. — Estou desejoso de fazê-lo - acrescentou.

Ela sobressaltou-se quando lhe roçou uma face com o polegar.

Cody ficou muito satisfeito com aquela reação e sorriu.

— Até breve!

"Imbecil!", pensou Open, enquanto avançava pelos escombros, tentando ignorar a comichão que sentia na pele.

Dois

Alguns dias depois, Open pensou que, se havia coisa de que não precisava era que a afastassem do seu trabalho para assistir a uma reunião. Tinha os mecânicos a trabalharem no edifício principal, os rebitadores no spa e tinha de se ocupar das rixas que ainda existiam entre Rodríguez e Swaggart.

Não era que algum daqueles assuntos não pudesse seguir em frente sem ela, mas parecia-lhe que podia ocupar-se deles melhor do que ninguém. No entanto, ali estava, no escritório de Tim, à espera de que ele aparecesse.

Ninguém precisava de lhe dizer como estavam apressados para acabarem o projeto. Sabia perfeitamente o que tinha de fazer para conseguir que o contrato fosse acabado no seu devido tempo.

Todos os momentos da sua existência eram dedicados ao seu trabalho. Passava todos os dias a suar na obra, com as equipes e os capatazes, a encarregar-se de todos os detalhes, por mais pequenos que estes fossem.

De noite, deitava-se na cama ao entardecer ou ficava a trabalhar até às três horas da manhã, alentada pelo café e pela ambição.

O projeto era seu, muito mais do que poderia ser de Tim Thornway.

Transformara-se numa coisa pessoal de um modo que não podia explicar.

Para ela, era um tributo ao homem que tinha tido fé suficiente nela para a incentivar e fazer com que não se conformasse com segundas escolhas.

De certo modo, aquele era o último trabalho que realizaria para Thomas Thornway e queria que fosse perfeito.

Não a ajudava muito ter um arquiteto que pedia materiais que disparavam as despesas e que provocava atrasos inevitáveis.

Apesar de Cody Johnson, dos seus lavatórios de mármore e dos seus azulejos de cerâmica, Open conseguiria levar aquele projeto avante.

Quer dizer, se não tivesse de abandonar constantemente o seu posto de trabalho para ir a reuniões intermináveis. Com impaciência, dirigiu-se para a janela. Estava a desperdiçar tempo e havia poucas coisas que a zangavam mais do que o desperdício de qualquer tipo.

Depois de olhar para o relógio, decidiu que não permaneceria ali de braços cruzados durante muito mais tempo.

Aquele fora o escritório de Thomas Thornway.

Tim tinha realizado urna série de alterações na decoração. Pusera plantas,

quadros e um tapete grosso cor de salmão.

O velho Thornway tinha preferido utilizar tapetes escuros, para que não se notasse o pó e a sujidade. No entanto, ao contrário de Thomas, Tim não visitava com frequência as obras, nem pedia ao seu capataz que se reunisse com ele ali.

Open decidiu não continuar a pensar no assunto. Evidentemente, Tim dirigia a empresa de um modo diferente. Era o seu negócio e podia fazer o que quisesse.

O fato de ela ter admirado e apreciado tanto o pai não significava que tivesse de criticar o filho.

No entanto, não conseguia evitá-lo. Faltava a Tim o impulso e a compaixão que tinham feito parte do seu pai. Com Thomas Thornway, construía-se pelo amor à construção. Com Tim Thornway, estava sempre a pensar-se nos benefícios econômicos.

Se Thomas ainda fosse vivo, Open não estaria a pensar em deixar a empresa.

Porém, naquele momento, não sentiria remorso algum quando chegasse a hora de partir. Ou melhor, pelo contrário, só sentia excitação e nervosismo. Fosse o que fosse o que acontecesse em seguida, fá-lo-ia por si mesma.

Reconhecia que a ideia era tão aterradora como premente. Tudo era desconhecido para ela.

Como Cody Johnson.

Aquele pensamento era ridículo. Ele não era aterrador, nem premente. Também não era desconhecido.

Era apenas um homem, um pouco incômodo, na verdade, devido à frequência com que aparecia na obra. Era o tipo de homem que sabia que era muito agradável olhar para ele e que explorava esse sentimento.

Open conhecera tipos como Cody antes.

De fato, podia considerar-se sortuda por ter sido vítima apenas uma vez de um rosto bonito e de algumas palavras agradáveis. Algumas mulheres nunca aprendiam e voltavam a cair várias vezes na armadilha.

A sua mãe era uma delas.

Teria bastado a Jessie Wilson olhar uma só vez para um homem como Cody para se atirar de cabeça. Felizmente, naquele caso, a filha não se parecia com a sua mãe.

Open não sentia um interesse pessoal por Cody Johnson e quase não conseguia tolerá-lo profissionalmente.

Quando ele entrou no escritório minutos mais tarde, Open perguntou-se porque os seus pensamentos e os seus sentimentos não pareciam concordar.

Passados poucos segundos, Tim também entrou no escritório.

— Open, lamento ter-te feito esperar - disse Tim, com um sorriso. — O almoço prolongou-se mais da conta.

— Interessa-me muito mais saber porque me fizeste sair da obra - replicou ela, franzindo a sobrancelha. A hora a que se pressupunha que iria decorrer aquela reunião tinha-a impedido de almoçar.

— Pensei que precisávamos de falar frente a frente - comentou ele, depois de se sentar. Imediatamente, indicou a Open e a Cody que fizessem o mesmo.

— Leste os relatórios?

— É claro! - respondeu Tim. — Tão completos como sempre. Esta noite, vou jantar com o Barlow pai e gostaria de lhe dar mais alguma coisa do que dados e números.

— Pois, podes dar-lhe as objeções que eu tenho a respeito do design interior do edifício! replicou Open, depois de olhar brevemente para Cody.

— Pensava que já tínhamos resolvido esse assunto.

— Você me perguntou - respondeu Open, encolhendo os ombros. — Podes dizer-lhe que devia ter-se acabado o cabeamento da estrutura principal até ao fim da semana. É um processo complexo, dado o tamanho e a forma do edifício. Além disso, vai custar uma fortuna à sua empresa.

— Tem uma fortuna - comentou Cody. — Acho que lhes interessa mais o estilo do que poupar na conta da eletricidade.

— É claro! - concordou Tim. Aquele projeto ia dar-lhe muitos lucros. — Eu examinei os planos e posso garantir-te que o nosso cliente só recebe o melhor, tanto em materiais como em capacidade mental.

— Sugiro-te que lhe digas que venha vê-lo ele mesmo - disse Open.

— Bom,não acho que...

Cody interrompeu-o.

— Concordo com a senhorita Wilson. É melhor que venha agora e que diga se há alguma coisa de que não gosta, em vez de o fazer mais tarde, quando já estiver tudo revestido a betão.

Tim franziu a sobrancelha.

— Já se aprovaram os planos.

— As coisas têm sempre um aspeto diferente no papel - observou Cody, enquanto olhava para Open. — Às vezes, as pessoas surpreendem-se muito quando vêem o projeto acabado.

— Naturalmente, irei sugeri-lo - disse Tim. — Open, no teu relatório vi que sugeres prolongar o intervalo para almoçar para que seja de uma hora.

— Sim. Querifalando contigo a esse respeito. Depois de algumas semanas na obra, vi que, enquanto o tempo não nos ajudar, os homens vão precisar de um intervalo maior ao meio-dia.

— Tens de compreender o que pressupõe em termos de tempo geral e de dinheiro uma extensão de trinta minutos - replicou Tim.

— E tu tens de compreender que os homens não podem trabalhar debaixo deste sol sem um intervalo adequado. Os comprimidos de sal não são suficientes. Talvez estejamos em Março e talvez se esteja muito bem no interior de um edifício quando se está a beber o segundo Martini, mas lá este calor é asfixiante.

— Aqueles homens são pagos para que suem -recordou-lhe Tini. — Acho que estarás de acordo comigo que será melhor para eles que tenham os edifícios com a cobertura quando chegar o Verão.

— Não conseguirão fazê-lo se caírem com um esgotamento ou uma insolação.

— Acho que ainda não fui informado de que tenha acontecido algo do gênero.

— Ainda não - afirmou Open, tentando conter-se. — Tim, precisam de mais descanso. Trabalhar debaixo daquele calor esgota um homem. Debilita-te, faz-te cometer descuidos e então vêm os erros... Erros que podem ser muito perigosos.

— Eu pago a um capataz para que se ocupe de que ninguém cometa erros.

Open levantou-se. Estava pronta para explodir quando a voz de Cody o impediu.

— Sabes uma coisa, Tim? Os homens costumam prolongar, de qualquer modo, o tempo que têm para comer. Se lhes deres mais trinta minutos, sentir-se-ão bem, agradecidos. A maioria não demorará mais. Acabarás por conseguir com que se faça a mesma quantidade de trabalho e terás o apreço dos teus homens.

— Faz sentido - admitiu Tim. — Terei isso em conta.

— Faça-o - replicou Cody. Então, levantou-se. — Eu vou regressar à obra com a senhorita Wilson. Assim, poderemos falar de como podemos trabalhar mais estreitamente juntos. Obrigado pelo almoço, Tim.

— Não tens de quê.

Antes que Open pudesse falar, Cody tinha-a agarrado pelo cotovelo e estava a puxá-la devagar. Quando conseguiu libertar-se dele, já estavam diante dos elevadores.

— Não preciso que me mostre o caminho! exclamou.

— Bom, senhorita Wilson, parece que, mais uma vez, não estamos de acordo - respondeu ele.

Entrou no elevador com Open e carregou no botão para o estacionamento.

— Na minha opinião, faziam-lhe muito bem alguns conselhos sobre como lidar com mentecaptos.

— Não preciso que... - disse Open. Rapidamente, interrompeu-se e olhou para Cody. A expressão divertida que viu nos seus olhos fê-la esboçar um sorriso.

— Pressuponho que se refere a Tim.

— Eu disse isso?

— Devo presumir que sim, a menos que estivesse falando sobre si mesmo.

— Escolha você.

— Torna-me as coisas muito difíceis.

Naquele momento, o elevador chegou ao andar onde se encontrava o estacionamento. Open estendeu a mão para evitar que a porta voltasse a fechar-se e começou a observar Cody.

Nos seus olhos adivinhava-se uma inteligência perspicaz e uma grande segurança em si mesmo. Ela esteve prestes a suspirar, mas preferiu sair do elevador.

— Já se decidiu? - perguntou-lhe Cody, depois de sair também.

— Digamos que já sei como lidar consigo.

— Como? - quis saber ele.

Os saltos das botas de ambos ecoavam enquanto avançavam entre os carros.

— Já ouviu falar de postes de três metros?

— Meu Deus, não me parece que seja um comentário muito amistoso!

— Sim - disse Open.

Parou diante de um Jeep. Tinha muitos arranhões e estava coberto de pó. Tinha os vidros fumados para combater o sol forte. Tirou as chaves do bolso.

— Tem a certeza de que quer ir à obra? Posso deixá-lo no seu hotel.

— Tenho um ligeiro interesse neste projeto.

— Como queira.

Quando Cody se sentou no interior do veículo, empurrou o banco para trás até quase conseguir esticar as pernas.

Open sentou-se ao volante e ligou o motor.

O rádio e o ar condicionado começaram a trabalhar imediatamente.

A música tocava muito alta, mas ela não se incomodou em baixá-la.

Sobre o console via-se uma série de ímãs decorativos, que, por sua vez, seguravam papéis onde havia algumas notas rabiscadas.

Pelo que Cody conseguia distinguir, ela tinha de comprar pão e leite, e de confirmar cinquenta toneladas de betão.

Telefonar à "manga"? Não. Semicerrou os olhos e tentou novamente.

À sua mãe. Tinha de telefonar à sua mãe.

— Belo carro! - comentou ele, quando o veículo parou, aos solavancos, num semáforo.

— Precisa urgentemente de uma revisão, mas ainda não tive tempo para a fazer.

Cody observou a mão de Open quando ela colocou a primeira e voltou a arrancar. Era comprida e esbelta, completamente de acordo com o resto do seu corpo. Usava as unhas muito curtas e não estavam pintadas.

Também não usava jóias.

Cody conseguia imaginar aquelas mãos a servirem delicadas xícaras de chá... tal como a mudarem as velas do carro.

— Então, como lidarias com Tim?

— O quê? - perguntou Cody. Perdera-se na sua pequena fantasia.

— Tim, como lidarias com ele? - reiterou Open, enquanto se dirigiam para o sul de Phoenix.

— Com sarcasmo não, ruiva - disse. — Pessoalmente, não me importo, mas acho que concordarás que, quando tens de lidar com Thornway, o azeite tem mais efeito do que o vinagre.

— Aquele homem não reconheceria o sarcasmo nem que o tivesse diante do nariz.

— Talvez em nove das dez vezes, não, mas é precisamente a décima vez que poderá meter-te numa confusão. Antes que o digas, sei que não te importas de ter alguns problemas.

Muito para seu pesar, Open sorriu. Não pôs objeção alguma quando ele baixou o volume do rádio.

— Já viu aqueles cavalos de desfile que usam viseiras para que possam seguir o caminho e não olhem à sua volta, nem se assustem com as pessoas que os rodeiam?

— Sim e também vi que Thornway usa essas viseiras para que possa seguir o caminho e receber os seus lucros sem distração alguma. Tu queres condições de trabalho melhores para os homens, materiais melhores... O que seja. Por isso, tens de aprender a ser sutil.

— Não consigo.

— Claro que consegues! És muito mais inteligente do que Thornway, ruiva, portanto, tenho a certeza de que sabes como ser muito mais inteligente do que ele.

— Deixa-me doente. Quando penso nele... Faz com que fique furiosa e, quando me zango, não consigo evitar expressar o que penso.

— A única coisa que precisas de fazer é utilizar o denominador comum. com Thornway, é o lucro. Tu queres que os homens tenham mais meia hora para almoçar, por isso, não deves dizer-lhe que é para lucro dos operários. O que tens de lhe dizer é que conseguirá maior eficiência e, portanto, maiores benefícios, mas para ele.

Open franziu a sobrancelha durante alguns instantes e então suspirou.

— Pressuponho que devo agradecer-te por o teres convencido.

— Está bem. O que te parece se jantarmos juntos?

— Não - replicou ela, depois de olhar para ele nos olhos.

— Por quê?

— Porque tens um rosto bonito - respondeu ela.

Quando Cody sorriu, Open dedicou-lhe um sorriso breve.

— E eu não confio nos homens que têm um rosto bonito.

— Tu também tens um rosto bonito e eu não te faço sentir culpada por isso.

— Aí está a diferença entre mim e ti, Johnson - replicou Open.

O seu sorriso tornou-se muito mais amplo.

— Se jantássemos juntos, poderíamos encontrar muitas outras.

— E porque haveríamos de querer encontrar outras?

— Ajuda a passar o tempo. O que te parece se...? - Cody interrompeu-se quando viu que Open dava uma guinada com o volante. Ela disse um palavrão e, depois de controlar o carro, conduziu-o para a berma da estrada.

— Temos um furo no pneu - anunciou, muito zangada. — Temos um furo no pneu e eu já estou atrasada...

Saiu do carro depois de bater a porta com força e dirigiu-se para a parte traseira do veículo, praguejando com uma facilidade admirável.

Quando Cody se juntou a ela, já tinha tirado o pneu sobressalente.

— Esse não parece estar em melhor estado - comentou ele, depois de olhar para o pneu.

— Preciso de trocar todos, mas acho que este aguentará um pouco - disse ela.

Tirou o macaco e pô-lo no seu lugar, sem deixar de dizer palavrões.

Cody esteve prestes a oferecer-se para lhe mudar o pneu, mas recordou como gostava de vê-la trabalhar. Então, enfiou os polegares no cinto e manteve-se em segundo plano.

— No lugar de onde eu venho, os engenheiros ganham muito dinheiro. Já pensaste em comprar um carro novo?

— Este serve-me muito bem - replicou ela, enquanto tirava o pneu que estava furado e punha o outro.

— Este pneu está completamente careca - comentou Cody.

— Provavelmente.

— Provavelmente, não. Garanto-te que as solas dos meus tênis estão em melhor estado. Não sabes que é uma loucura conduzires com um pneu tão gasto? E os outros não estão muito melhores - acrescentou, depois de examinar os outros três.

— Dissete que preciso de trocar todos. Não tive tempo para o fazer.

—Pois,faça isso!

Cody tinha-se posto atrás dela. Open, no chão, olhou para ele por cima do ombro.

— Já chega!

— Quando trabalho com alguém que é tão descuidado a nível pessoal, tenho

de me perguntar se será assim a nível profissional.

— Eu não cometo erros no meu trabalho - replicou ela, enquanto apertava os parafusos. — Podes confirmá-lo.

Levantou-se. Sentiu-se mais zangada do que surpreendida quando a virou para que olhasse para ele. Não se importava de estar perto de Cody Johnson, mas sim de o sentir tão perto.

— Quantos erros cometes fora do trabalho?

— Não muitos.

Open sabia que devia afastar-se dele. Os sinais de alarme não deixavam de se acender diante dela. Estavam frente a frente.

Conseguia ver facilmente a camada fina de suor que cobria o rosto de Cody, tal como conseguia ver, querendo ou não, o desejo que se refletia nos olhos dele.

— Eu não gosto de discutir com uma mulher que tem uma chave-inglesa na mão - disse. Tirou-a de sua mão e a pôs sobre o pára-choques.

— Esta tarde, vai um inspetor à obra.

— Às duas e meia. Tens tempo - afirmou Cody, depois de virar o pulso de Open e confirmar que horas eram.

— Não tenho tempo próprio. O tempo é de Thornway. Se tens alguma coisa que queiras dizer, faça-o, mas tenho trabalho para fazer.

— Neste momento, não me ocorre nada - disse ele, sem lhe largar a mão. O polegar acariciava suavemente a parte interior do pulso de Open. — E a ti?

— Não - respondeu ela.

Tentou afastar-se dele, mas Cody puxou-lhe a mão com força e fez com que chocasse violentamente contra o seu peito.

— Qual é o teu problema, Cody?

— Não sei... Há um modo de o descobrir - sussurrou. Tinha-lhe posto a mão que tinha livre no rosto. — Importas-te?

Quase sem deixar de falar, Cody desceu os lábios até aos dela.

Open não teve a certeza do que a fez afastar-se à última hora. Levantou uma mão e apertou-a com firmeza contra o peito de Cody, apesar de estar a saborear o calor do fôlego dele sobre os seus próprios lábios.

— Sim - disse, embora soubesse que era uma mentira. Não se teria importado. De fato, desejara sentir e saborear a boca dele sobre a sua.

— Não devia ter perguntado - afirmou ele, depois de recuar. — Para a próxima vez, não o farei.

Open compreendeu que ia começar a tremer a qualquer momento.

Aturdiu-a perceber que, a qualquer instante, o seu sistema nervoso a trairia e que, mais uma vez, não seria por causa de raiva.

Rapidamente, inclinou-se sobre o pneu.

— Sugiro-te que arranjes outra pessoa com quem brincar, Cody.

— Não creio - afirmou ele.

Tirou-lhe o pneu das mãos e guardou-o na parte traseira do carro. Antes que Open conseguisse fazê-lo, retirou também o macaco e também o arrumou.

Tentando acalmar-se, ela dirigiu-se para a porta do veículo. Suavam-lhe as palmas das mãos. Quando se acomodou ao volante, secou-as contra as pernas das calças jeans e rodou a chave na ignição.

— Não me pareces o tipo de homem que continue a bater a uma porta quando ninguém abre.

— Tens razão - disse ele, enquanto se acomodava também no banco. — Depois de um momento, limito-me a abri-la sozinho - acrescentou. Com um sorriso, voltou a aumentar o volume do rádio.

O inspetor aparecera mais cedo.

Open amaldiçoou-se por isso, mas não se torturou muito, dado que a estrutura de madeira tinha passado na inspeção.

Passeou pelo edifício, que já estava a ganhar forma, e subiu ao segundo e terceiro andares para fiscalizar a colocação do isolante.

Tudo funcionava como um relógio. Devia sentir-se mais do que satisfeita.

No entanto, a única coisa em que conseguia pensar era que tinha estado na beira de uma estrada, com os lábios de Cody a um centímetro dos seus.

Quando estava sobre uma plataforma a seis metros do chão, recordou a si mesma que era uma engenheira, não uma romântica.

Desenrolou um plano e começou a analisar o sistema de refrigeração.

Aquilo iria roubar-lhe muito tempo e energia durante os próximos dias.

Não tinha tempo, nem vontade de voltar a pensar no que teria sentido se tivesse beijado Cody Johnson.

Paixão. Paixão e excitação.

Nenhuma mulher conseguia observar aquela boca e não ver o mal que poderia fazer ao seu sistema nervoso. Já tinha destruído o seu e sem estabelecer contato algum.

Provavelmente, Cody sabia-o.

Os homens como ele sabiam sempre o efeito que eram capazes de produzir numa mulher. Não se podia culpá-los por isso, mas podia-se e devia-se evitá-los.

Praguejou novamente e enrolou os projetos.

Não pensaria nele, nem no que teria acontecido se lhe tivesse dito que não, em vez de ter dito que sim, que se importava, ou se tivesse guardado silêncio e se tivesse deixado levar pelo instinto, em vez de pelo raciocínio.

Além disso, tinha de começar a pensar nos elevadores.

Não faltava muito tempo para que tivessem de os instalar.

Tinha trabalhado muito arduamente e durante muito tempo com outro engenheiro no plano.

O que naquele momento estava apenas em papel, seria realidade muito em breve, subindo e descendo pelas paredes, vidro reluzente completamente silencioso.

Alguns homens conseguiam provocar precisamente isso, que o coração de uma mulher subisse e descesse, que o coração pulsasse com força, embora só ela conseguisse ouvi-lo.

Por muito que uma mulher se esforçasse para fingir que não estava acontecendo, no interior estaria a subir e a descer tão rapidamente que faria com que um acidente fosse quase inevitável.

E não havia nada que alguém pudesse fazer a esse respeito.

Maldito!

Maldito fosse por ter dado aquele passo e a ter convertido numa mulher vulnerável.

Open não conseguia esquecer o modo como tinha sentido a sua mão na dele, o modo como os olhos de Cody a tinham observado. Só podia especular, no entanto, devia recordar que a culpa de tudo aquilo era de Cody Johnson.

Baixou o olhar e viu-o no chão, falando com Charlie Gray.

Cody assinalava a parede posterior, onde o sopé da montanha se tornava parte do edifício ou, melhor dizendo, onde o edifício se tornava parte da montanha.

Ali, haveria painéis enormes de vidro curvado para formar o teto que ajustariam a linha das rochas à da cúpula.

Open já decidira que aquela solução seria ostentosa e pouco prática, porém, tal como ele lhe dissera, o seu trabalho era organizar os projetos, não era dar-lhes a sua aprovação.

Cody abanou a cabeça por causa de alguma coisa que Gray lhe disse e levantou um pouco a voz, embora Open não conseguisse distinguir o que dizia.

Evidentemente, Cody estava incomodado, coisa que lhe agradava.

Desceu para o chão, utilizando as escadas temporárias. Tinha de confirmar os progressos do spa e os trabalhos de escavação dos primeiros bangalôs.

Justamente naquele momento, ouviu um grito procedente de um andar superior.

Teve tempo suficiente para ver uma placa de metal caindo na direção dela, antes que alguém a agarrasse pela cintura e a afastasse para um lado.

A placa caíu a poucos centímetros dos seus pés, levantando muito pó e provocando um estrondo forte. Se lhe tivesse caído em cima, naquele momento estaria a caminho do hospital.

- Estás bem? - perguntou-lhe uma voz masculina.

Os braços ainda lhe rodeavam a cintura e estava apertada contra o corpo forte de um homem.

Não teve de levantar o rosto para saber de quem se tratava.

— Sim - sussurrou. — Estou bem. Deixa-me...

— Quem diabos é responsável por isto? - gritou Cody, sem largar Open.

Naquele momento, dois homens desceram rapidamente as escadas, com os rostos tão pálidos como o dele.

— Escapou-nos. Meu Deus, senhorita Wilson, está bem? Havia uma caixa elétrica no chão. Fez com que eu tropeçasse e a placa escapou-me.

— Não me acertou - disse Open.

Tentou afastar-se de Cody, mas não teve forças para o fazer.

— Subam e certifiquem-se de que o chão e as plataformas não têm objetos soltos. Se houver mais descuidos, os responsáveis serão despedidos.

— Sim, senhor.

O martelar que se ouvia nos andares superiores, e que se interrompeu de repente, recomeçou com mais vigor.

— Olha, eu estou bem! - murmurou Open, apesar de se sentir muito trêmula. — Eu posso ocupar-me dos homens.

— Cala-te! - replicou ele. Cody teve de se conter para não lhe pegar ao colo.

— Estás branca como a cal. Senta-te - acrescentou, depois de lhe assinalar uma caixa.

Como as pernas de Open estavam bambas, não discutiu.

— Toma - disse Cody, antes de lhe pôr um copo de água na mão.

— Obrigada, mas não precisas te incomodar.

— Não, claro! Devo deixá-la aqui, como se não tivesse acontecido nada! - exclamou ele.

Aquelas palavras não lhe tinham saído como desejara, mas sentia-se furioso e morto de medo. Tinha estado tão perto... Se não tivesse olhado naquela direção...

— Podia ter ficado imóvel a ver como aquela placa te esmagava, mas pareceu-me uma pena que o betão se sujasse de sangue.

— Não queria dizer isso - comentou ela, depois de acabar a água.

Sabia que Cody tinha evitado que sofresse ferimentos muito graves. Gostaria de lhe agradecer e o teria feito se ele não tivesse mostrado uma atitude tão arrogante.

— Acho que eu mesma teria conseguido desviar-me.

— Muito bem. Da próxima vez, não me meterei no que não me diz respeito.

— Muito bem - replicou.

Amassou o copo de plástico entre os dedos e atirou-o para o chão. Levantou-

se, tentando suportar a sensação de enjoo que se apoderara dela.

Apesar de os martelos terem reatado a sua atividade, sabia que toda a gente estava olhando para eles.

— Não há necessidade de armar tanta confusão.

— Não fazes ideia da confusão que consigo armar, Wilson. Se estivesse no teu lugar, faria com que o capataz incutisse naqueles homens algumas noções de segurança no trabalho.

— Farei isso. Agora, se me perdoares, tenho de voltar para o meu trabalho.

Quando Cody a agarrou pelo braço, sentiu a raiva que emanava dos dedos dele. Agradeceu-o, dado que a tornava muito mais forte. Lentamente, virou a cabeça para poder olhar para ele. Viu que estava completamente furioso, muito mais do que poderiam expressar as palavras. "O problema é dele", - disse para si Open.

— Não vou voltar a dizer-te que te mantenhas afastado de mim, Johnson!

Cody esperou um instante, até que teve a certeza de que falaria com tranquilidade, apesar de, mentalmente, ainda conseguir ouvir o som aterrador da placa de metal a bater no chão.

— Isso é uma coisa sobre a qual temos de chegar a um acordo, ruiva. Não volte a dizer-me que me mantenha afastado de ti.

Largou-a.

Depois de hesitar durante um momento, Open partiu.

Enquanto observava como ela se afastava, Cody pensou que Open não voltaria a dizê-lo e que, mesmo que o fizesse, não lhe serviria de nada.

Três

Tinha outras coisas em que pensar.

Cody deixou que a água quente da ducha lhe caísse sobre a cabeça e recordou a si mesmo mais uma vez que Open Wilson não era problema dele.

Indubitavelmente, era um problema, mas não lhe pertencia. Era melhor evitar as mulheres tão complicadas como ela, particularmente quando tinham um aspeto muito feminino, que contrastava com um temperamento demasiado vivo.

O projeto Barlow já estava a dar-lhe dores de cabeça suficientes. Não precisava de crescentá-la à lista. No entanto, era tão fácil olhar para ela...

Cody sorriu e fechou a torneira da ducha. Fácil de olhar não significava fácil de lidar. Normalmente, gostava de desafios, porém, naquele momento, tinha demasiado entre mãos.

Dado que o seu sócio se casara e que estava à espera do seu primeiro filho, Cody tinha de fazer todos o possível para levar as coisas avante. Com uma empresa florescente, isso significava trabalhar mais de doze horas por dia.

Para além de fiscalizar a construção do complexo turístico, tinha de fazer e de receber inúmeras ligações telefônicas e de tomar muitas decisões referente a outros projetos. Não lhe importava a responsabilidade, nem os longos dias de trabalho. Pelo contrário, sentia-se agradecido por eles.

Não era preciso muito para lhe recordar o menino que tinha crescido numa fazenda enlameada entre a Geórgia e a Flórida. Aquele menino sempre tinha desejado muito mais e o homem em que se transformara tinha lutado muito para conseguir.

Enrolou uma toalha à cintura e saiu da ducha. Tinha um corpo esbelto e o peito bronzeado.

Continuava a trabalhar no exterior, embora já só o fizesse por decisão própria e não por necessidade. Havia uma casa junto de um lago da Flórida que estava a meio da construção. Estava decidido a acabá-la ele mesmo.

Não por falta de recursos, mas por uma questão de orgulho. Tinha muito dinheiro e nunca tinha negado que gostava dos benefícios que lhe proporcionava.

No entanto, tinha crescido trabalhando com as mãos e era-lhe impossível acabar com aquele hábito. Corrigiu-se: não queria acabar com aquele hábito.

Havia vezes em que nada lhe agradava mais do que sentir o contato de um

martelo ou de uma tábua de madeira.

Passou os dedos pelo cabelo molhado. Estavam cobertos de calos, tal como estavam desde a sua infância. Entrou no quarto da sua suíte. Era quase tão grande como a casa onde tinha crescido.

Habituara-se ao espaço, aos pequenos luxos, mas não os via como um dado adquirido. Como tinha crescido no meio de uma pobreza extrema, tinha aprendido a apreciar a boa vida, a boa comida e o bom vinho.

Talvez os apreciasse mais do que alguém que tinha nascido dentro dessa boa vida, mas preferia não pensar nisso. O trabalho, o talento e a ambição eram o segredo, ao qual devia acrescentar-se um pouco de boa sorte.

Cody sabia que a sorte podia mudar, portanto, nunca evitava o trabalho. Tinha percorrido um longo caminho desde que passara de escavar na lama a ganhar a vida.

Naquele momento, podia sonhar, imaginar e criar, desde que não esquecesse que tornar os sonhos realidade pressupunha sujar as mãos.

Era capaz de assentar tijolos ou misturar cimento, se fosse necessário. Durante os anos que passara na universidade, trabalhara como operário.

Aqueles anos tinham-lhe dado não só uma visão muito prática sobre a construção de edifícios, mas também um profundo respeito pelos homens que suavam para os criarem.

Aquilo fê-lo pensar em Open.

Ela compreendia perfeitamente os operários da construção.

Cody sabia muito bem que muitas das pessoas que trabalhavam desenhando os projetos se esqueciam dos homens que martelavam os pregos e levantavam as paredes de tijolo. Open não. Com ar pensativo, vestiu um robe, pensando em telefonar ao serviço de quartos para comer na suíte.

Open Wilson.

Faria qualquer coisa para conseguir mais trinta minutos para os homens. Também era capaz de se interpor entre dois operários para evitar que discutissem ou de entornar cerveja sobre a cabeça de um empregado insubordinado.

Aquela lembrança fê-lo sorrir. Não se bebia no trabalho.

Open Wilson dizia muito a sério tudo o que proclamava. Isso agradava a Cody. Preferia a franqueza à sutileza, tanto no trabalho como na sua vida pessoal.

Open não era o tipo de mulher que se deixasse levar pelos jogos de sedução ou pelas indiretas. Dizia "sim" ou "não" tal como o sentia.

Tal como tinha feito na beira daquela estrada...

Dissera-lhe "sim", que se importava, embora tivesse parecido a Cody que quisera dizer-lhe "não".

Seria muito interessante descobrir as razões daquela contradição. Era uma

pena que só pudesse encaixar Open na sua vida profissional. Poderiam ter-se divertido muito juntos.

O problema era que ela era demasiado tensa para relaxar e deixar-se levar.

Talvez fosse mais justo dizer que ela era demasiado sincera para encarar a intimidade de um modo tão casual.

Não podia culpá-la por isso, o que pressupunha uma razão mais do que suficiente para que mantivessem a sua relação exclusivamente a um nível profissional.

Havia demasiada fricção.

A fricção normalmente levava às faíscas e as faíscas levavam ao fogo. Naquele momento, Cody não tinha tempo para apagar fogos.

Olhou para o relógio que tinha sobre a mesa-de-cabeceira e calculou as horas que seriam no Leste. Era demasiado tarde para telefonar. Isso significava que teria de se levantar às cinco horas para poder fazer todos os telefonemas necessários entre as seis e as sete horas da manhã.

Encolheu os ombros e decidiu que o que podia fazer era telefonar para o serviço de quartos para que lhe trouxessem qualquer coisa para jantar e poder deitar-se cedo.

Acabava de pegar no telefone quando a campainha da sua porta tocou.

Se havia alguém que nunca teria esperado que se apresentasse ali era Open.

Tinha um saco de supermercado sobre um dos quadris. Usava o cabelo solto, que se frisava vivamente sobre os ombros. Foi a primeira vez que Cody a viu sem trança e sem presilhas de cabelos.

Ainda estava vestida com umas calças jeans e uma t-shirt, mas tinha trocado as botas de trabalho por uns ténis.

A surpresa seguinte era que estava a sorrir.

— Olá! - cumprimentou ela.

Era ridículo, mas nunca se sentira tão nervosa em toda a sua vida.

— Olá! Estavas nas redondezas? - perguntou Cody, depois de se apoiar na ombreira da porta.

— Não exatamente. Posso entrar?

— Claro! - respondeu ele. Afastou-se para lhe permitir a passagem. Atrás de si, Open ouviu a porta a fechar-se. O seu coração disparou.

— É muito bonita - comentou, enquanto observava a sala da suíte.

Depois de alguns instantes, Open encheu-se de coragem e virou-se.

— Queria desculpar-me.

— Por quê? - Open apertou os dentes. Durante o caminho, preparara-se para a possibilidade de ele não facilitar as coisas.

— Por ter sido rude e ingrata esta tarde.

— Só esta tarde?

O veneno invadiu-a por dentro. Foi-lhe muito difícil engoli-lo, mas sabia que devia desculpar-se.

— Sim. Estamos falando de um exemplo muito concreto. Tu ajudaste-me esta tarde e eu mostrei-me ingrata e rude. Errei e, quando é assim, gosto de pensar que sei admiti-lo - acrescentou.

Sem dizer mais nada, aproximou-se da bancada que separava a sala da cozinha.

— Trouxe algumas cervejas.

— Para que as beba ou para que as entornes pela cabeça? - perguntou ele, ao ver que Open tirava uma embalagem de seis garrafas.

— Isso depende de ti - respondeu ela.

Sem conseguir evitá-lo, esboçou um sorriso. Os seus lábios suavizaram-se como que por arte de magia.

Cody sentiu que o seu coração disparava.

— Não sabia se já tinhas jantado, portanto, trouxe-te um hambúrguer e batatas fritas.

— Trouxeste-me o jantar?

— É só um hambúrguer - disse ela, encolhendo os ombros.

Open tirou o hambúrguer e o prato de plástico que continha as batatas fritas. Por muito que lhe custasse, ia pronunciar as palavras.

— Aqui tens - acrescentou. — Queria agradecer-te por teres agido tão depressa esta tarde. Não sei se teria conseguido desviar-me a tempo ou não, mas não estamos falando disso. O fato é que te certificaste de que eu não fosse ferida e eu não te agradeci a altura. Pressuponho que estava mais assustada do que queria admitir.

Cody aproximou-se dela. Open tinha o saco vazio nas mãos e não parava de dobrá-lo e desdobrá-lo. Aquele gesto mostrou-lhe mais do que as palavras como lhe tinha custado vir até ao hotel.

Tirou-lhe o saco das mãos e deixou-o sobre a bancada.

— Podias ter escrito isso tudo num bilhete e tê-lo metido debaixo da porta, mas pressuponho que esse não é o teu estilo - disse.

Resistiu à necessidade de lhe tocar no cabelo, sabendo que seria um erro para ambos.

Se o fizesse, só quereria tocar-lhe ainda mais e Open já parecia pronta para sair correndo. Por isso, decidiu pegar uma garrafa de cerveja.

— Deseja uma?

Open hesitou durante um instante. Parecia que, afinal de contas, Cody iria facilitar-lhe as coisas. — Claro!

— Queres metade do hambúrguer?

— Acho que poderia comer um pouco - comentou ela, mais relaxada e sorridente.

Acabavam de negociar uma trégua. Partilharam o hambúrguer e as cervejas no terraço. Ali, havia uma pequena jacuzzi e algumas flores vermelhas e cor de laranja que subiam pelas paredes, envolvendo-os na sua fragrância suave. O sol estava a pôr-se e o ar tornou-se mais fresco.

— Todas as comodidades do lar - comentou ela.

— Não completamente - respondeu ele, pensando na sua casa, onde estava tudo por acabar, — Mas é o mais próximo.

— Viajas muito?

— O suficiente. E tu?

— Na verdade, não. Bom, costumo fazê-lo pelo estado e fui ao Utah algumas vezes. Gosto de hotéis.

— A sério?

— Sim. Eu gosto de poder tomar uma ducha e, ao sair, ver que já mudaram as toalhas, telefonar para o serviço de quartos e jantar na cama. Esse tipo de coisas. Certamente, também deves gostar. Não me pareces o tipo de pessoa que conseguisse continuar a fazer uma coisa de que não gostasse.

— Não me importo de viajar, mas gosto de saber que tenho um lugar para onde regressar. É só isso.

Open compreendia-o muito bem, embora a surpreendesse que ele sentisse aquela necessidade.

— Sempre viveste na Flórida?

— Sim. Não posso dizer que goste muito da neve ou do tempo gélido do norte. Eu gosto de sol.

— Eu também. Aqui, só chove algumas vezes por ano. Na verdade, a chuva é um acontecimento. No entanto, tenho de reconhecer que gostaria de ver o oceano.

— Qual deles?

— Qualquer um.

— Para se chegar à costa oeste basta um voo muito curto.

— Eu sei, mas sempre imaginei que precisava de uma razão muito mais importante para realizar a viagem.

— Férias?

— Durante os últimos anos, estive trabalhando muito arduamente. Talvez esta seja a época da emancipação feminina, mas ainda existem barreiras para se derrubar quando se é engenheira e mulher ao mesmo tempo.

— Porque decidiste tornar-te engenheira?

— Sempre gostei de saber como funcionam as coisas... ou o que as faz funcionar melhor. Tinha jeito para os números e gosto da lógica que têm. Se os juntares e aplicares a fórmula certa, vais sempre conseguir a resposta certa.

— A resposta certa nem sempre é a melhor.

— Isso é o que pensa um artista. É precisamente por isso que um arquiteto precisa de um bom engenheiro, para que o faça seguir pelo caminho certo.

Cody bebeu um gole de cerveja e dedicou-lhe um sorriso.

— É o que estás fazendo, ruiva? Estás fazendo-me seguir pelo caminho certo?

— Não me é fácil, como, por exemplo, com o desenho do spa.

— Já sabia que puxarias esse assunto!

Relaxada com a refeição agradável, Open ignorou o sarcasmo que havia na sua voz.

— A cascata da parede leste. Ignoraremos o fato de que é um detalhe muito pouco prático.

— Tens alguma coisa contra as cascatas?

— Estamos no deserto, Johnson.

— Já ouviste falar de oásis?

Open suspirou, decidida a ser paciente. A noite estava muito agradável, a comida estava muito boa e a companhia era muito mais agradável do que tinha imaginado.

— Conceder-te-ei esse pequeno capricho.

— Graças a Deus!

— Mas, se a tivesses posto na parede oeste, tal como eu te sugeri...

— Na parede oeste não contribui para nada. Lá, são necessárias janelas para que entre a luz da tarde e o pôr-do-sol. Além disso, a vista é melhor a oeste.

— Eu falo de logística. Pensa na canalização.

— Deixo isso contigo. És tu quem tem de pensar na canalização. Eu pensarei na estética e nos daremos muito bem.

— Cody, o que quero dizer é que este projeto poderia ter tido metade da dificuldade com alguns ajustes sem importância.

— Se o trabalho árduo te assusta, devias ter escolhido outra profissão - replicou ele.

Open levantou o olhar e observou-o com os olhos semicerrados e cheios de raiva.

— Não me assusta o trabalho árduo e sou muito boa no que faço - respondeu. - São as pessoas como tu, que vêm com uns egos exagerados e que se recusam a fazer alterações, que fazem com que as coisas sejam impossíveis.

— Não é o meu ego exagerado que me impede de realizar alterações - disse Cody, tentando manter a calma. — Se as fizesse, não estaria a levar a cabo o

trabalho para o qual me contrataram.

— Tu chamas-lhe integridade profissional. Eu chamo-lhe ego.

— E enganas-te - replicou ele, com tranquilidade enganosa. — Mais uma vez.

— Estás a dizer-me que mudar aquela cascata estúpida de leste para oeste teria posto em causa a tua integridade?

— Sim.

— Esse é o comentário mais ridículo que já ouvi em toda a minha vida, mas é típico - respondeu Open. Levantou-se e começou a passear de um lado para o outro pelo terraço. — Deus sabe que é típico. Às vezes, acho que os arquitetos se preocupam mais com a cor da tinta do que com os pontos de apoio.

— Tens o hábito de generalizar, ruiva.

— Não me chame de ruiva! - murmurou ela. — Adorarei quando este projeto acabar e eu ficar sozinha. Então, poderei escolher o arquiteto com que quero trabalhar.

— Boa sorte! Talvez seja difícil encontrares um que esteja disposto a suportar as tuas birras e as tuas tolices.

Open virou-se. Tinha muito mau gênio. Não o negaria, nem se desculparia por isso, porém, quanto ao resto...

— Eu não estou com tolices. Não acho que seja uma tolice fazer uma sugestão que pouparia uma série de metros de canalizações. Só um arquiteto egocêntrico e teimoso como tu o veria desse modo.

— Tem um problema grave, senhorita Wilson - disse, gostando do modo como ela ficava tensa ao ouvir o tom com que pronunciava a palavra "senhorita". — Tens uma péssima ideia das pessoas da minha profissão, porém, enquanto continuares a exercer a tua, terás de nos aguentar.

— Nem todos os arquitetos são uns idiotas. No Arizona, há arquitetos excelentes.

— Então, isso significa que são só os arquitetos do Leste que não são do teu agrado.

— Para começar, não faço ideia de por que razão Tim achou que tinha que contratar um atelier de outro estado, porém, dado que o fez, vou fazer todos o possível para trabalhar contigo.

— Isso devia incluir melhorares as tuas maneiras - afirmou Cody.

Deixou a cerveja sobre a mesa e levantou-se. Tinha o rosto coberto pelas sombras, mas Open tinha a certeza de que estava muito zangado.

— Se tens mais queixas, porque não as dizes agora que estamos a sós?

— Muito bem. Farei. Enfureceu-me que não te incomodasses em ir a nenhuma das reuniões preliminares. Eu era contra contratar-se um atelier do Leste, mas Tim não quis me ouvir. O fato de tu não estares presente complicou

ainda mais as coisas. Entretanto, eu tive de me encarregar de Gray, que não para de roer as unhas e que está sempre à procura de códigos ou a remexer em papéis. Então, tu apareces e comportas-te como o galo da capoeira, e recusaste a modificar uma só linha do teu maravilhoso projeto.

Cody deu um passo em frente. Saiu das sombras, e pelo que Open reparou imediatamente que estava muito zangado. Era terrível que o mau gênio o tornasse ainda mais atraente.

— Em primeiro lugar, tive uma razão muito boa para não assistir às reuniões preliminares. Razões pessoais de peso que não me vejo na obrigação de discutir contigo. O fato de o teu chefe ter contratado o meu atelier, apesar das tuas objeções, é problema teu, não meu.

— Prefiro pensar que foi um erro de Thornway e não meu.

— Muito bem. Quanto a Gray, talvez seja muito jovem e um pouco chato, mas também trabalha arduamente.

De repente, Open sentiu-se muito envergonhada. Enfiou as mãos nos bolsos.

— Não era minha intenção...

— Esquece! - exclamou Cody, enquanto dava um último passo que o aproximou completamente de Open, até ao ponto de os seus corpos quase se tocarem. — E eu não me pavoneio como se fosse o galo da capoeira.

Open sentiu uma vontade ridícula de começar a rir-se, mas alguma coisa que viu nos olhos de Cody avisou-a de que era o mais perigoso que podia fazer. Em vez disso, engoliu em seco e arqueou as sobrancelhas.

— Queres dizer que não o fazes de propósito?

— Não, simplesmente digo que não o faço. Tu, por outro lado, pões o capacete e aquelas botas com biqueira de aço, e dedicas-te a passear por toda a obra, tentando demonstrar como és dura.

— Eu não tenho de demonstrar nada a ninguém. Simplesmente, faço o meu trabalho - replicou ela.

— Nesse caso, é melhor que faças o teu e que eu faça o meu.

— Muito bem. Até amanhã!

Open começou a virar-se para se dirigir para a porta, mas Cody agarrou-a pelo braço.

Ele não sabia o que o tinha levado a fazê-lo, a para-la quando o fato de ela partir teria sido o melhor para ambos.

No entanto, já era demasiado tarde. Já a tinha agarrado pelo braço.

Os seus rostos estavam muito perto e os seus corpos, diante um do outro. A fricção entre eles tinha feito saltar uma faísca... Não, dúzias de faíscas. Cody teve a sensação de sentir a pele a arder. O calor que emanava deles era rápido e perigoso, mas controlável. Se ele tentasse apagar as faíscas, poderia ateá-las e

então...

"Que se dane!", pensou, enquanto cobria a boca de Open com a sua.

Ela estava pronta. O desejo fora evidente desde o primeiro momento. Era suficientemente sincera para admitir que o desejo tinha existido desde o começo. No entanto, apesar de estar pronta, não lhe servia de nada.

Devia ter sabido controlar a sua reação, uma coisa que sempre fora capaz de fazer.

Agarrara-se a ele, mas não se lembrava de ter estendido as mãos. O seu corpo apertava-se contra o de Cody sem que ela conseguisse lembrar-se de se ter mexido.

Quando afastou os lábios, foi tanto para pedir como para o convidar.

A resposta brusca de Cody foi exatamente o que ela desejava. Ele apertou-a contra o seu corpo, surpreendido com o fato de a necessidade poder avivar-se tão rapidamente. Outra surpresa.

O que despertou entre eles provinha de ambos. Open não tinha protestado, nem resistira, mas respondera-lhe com a mesma força e paixão que ele estava a empregar.

Sem conseguir evitá-lo, agarrou-lhe o cabelo entre as mãos e beijou-a tão possessivamente como a sua própria necessidade lhe pedia.

Mordiscou-lhe os lábios. O gemido profundo e gutural que ela exalou foi tão estimulante como o modo como acariciava a língua de Cody com a sua.

Ele permitiu-se percorrer-lhe o corpo com as mãos, para tocar, atormentar e possuir. O corpo dela tremia contra o seu e apertava-se contra ele. Open sabia que devia parar e pensar, mas não lhe era possível.

Como conseguiria pensar quando o sabor de Cody se espalhava por todo o seu corpo, enchendo-a plenamente?

Quando se afastaram, os dois estavam sem fôlego. Open estava tão disposta como ele quando se uniram para um último longo e apaixonado beijo.

Ao voltarem a afastar-se, permaneceram muito perto.

Ele tinha as mãos apoiadas sobre os ombros de Open. Ela, sobre os braços de Cody. A raiva tinha desaparecido para dar lugar à paixão.

— O que vamos fazer sobre isto? - perguntou Cody.

Open só conseguiu abanar a cabeça. Era demasiado cedo para pensar e demasiado tarde para não o fazer.

— Por que não te sentas?

— Não - respondeu ela, antes que Cody pudesse conduzi-la até uma cadeira. — Não quero sentar-me. Tenho de me ir embora.

— Ainda não. Temos de resolver isto, Open.

— Nada disto devia ter acontecido.

— Não se trata disso.

— Eu acho que se trata precisamente disso - afirmou ela.

A frustração levou-a a passar a mão pelo cabelo.

— Não devia ter acontecido, mas aconteceu. E agora, acabou. Acho que somos ambos suficientemente sensatos e demasiado profissionais para deixar que isto se interponha na nossa relação profissional.

— Mesmo? - perguntou Cody.

Devia ter imaginado que ela trataria o assunto como se fosse uma encomenda errada de betão.

— Talvez tenhas razão. Talvez, mas estarás sendo demasiado ingênua se pensares que não voltará a acontecer.

— Se acontecer, simplesmente trataremos disso... Separadamente da nossa relação profissional.

— Nisso, estamos de acordo. O que aconteceu agora não tem nada a ver com a nossa relação profissional, mas isso não vai evitar que te deseje durante o horário de trabalho.

Open sentiu um calafrio pelas costas.

— Olha, Cody, isto foi um... Uma coisa momentânea. Talvez nos sintamos atraídos um pelo outro, mas...

— Talvez?

— Está bem. Olha, tenho de pensar no meu futuro. Ambos sabemos que não há nada mais difícil, nem mais incômodo do que relacionamentos sentimentais com um colega de trabalho.

— A vida é muito dura. Olha, ruiva, eu gostaria de deixar uma coisa muito clara: eu te beijei e tu me beijaste. E gostei. vou querer beijar-te outra vez e muitas mais vezes. O que não vou fazer é esperar que te seja conveniente.

—_ Por acaso és tu quem toma as decisões todas? - perguntou-lhe ela. — És tu quem faz tudo?

— Está bem.

—- Não, não está bem - replicou ela, absolutamente furiosa. —- És um canalha arrogante! Beijei-te porque queria fazê-lo, porque gostei de fazê-lo. Se voltar a beijar-te, será pelas mesmas razões, não porque tu tenhas decidido que é a altura e o lugar certos. Se for para a cama contigo, será pelas mesmas razões. Compreendeste-me?

Open era maravilhosa. Irritante, mas maravilhosa. Conseguiu não voltar a segurá-la entre os seus braços. Limitou-se a sorrir. Quando uma mulher era tão explícita, não se podia discutir.

— Perfeitamente...! Fico contente por teres gostado - acrescentou, enquanto lhe punha uma madeixa atrás da orelha.

O som que ela emitiu parecia indicar tudo menos complacência. O que só fez com que o sorriso de Cody se tornasse muito mais amplo. Em vez de lhe dar um murro no rosto, Open limitou-se a afastar-lhe a mão e dirigiu-se para a porta.

— Open!

— O que foi? - perguntou ela, depois de abrir a porta de par em par.

— Obrigado pelo jantar.

Open fechou a porta com força. Então, Cody desatou a rir.

Dez segundos mais tarde, ouviu a porta principal da suíte fechando-se.

Seguindo um impulso, tirou o robe e, depois de ligar o temporizador da jacuzzi, entrou na água quente e borbulhante.

Esperava que assim conseguisse livrar-se das dores que lhe tinha deixado no corpo e espairecer a cabeça o suficiente para conseguir pensar.

Quatro

Trabalho.

Open decidiu que, a partir daquele momento até que acabasse o projeto, manteria uma relação estritamente profissional com Cody. De engenheiro para arquiteto.

Falariam de detalhes do seu trabalho. com um pouco de sorte, não falariam de absolutamente nada.

O que tinha acontecido no terraço da sua suíte fora devido a um ataque de loucura temporário. Loucura herdada.

Evidentemente, parecia-se mais com a sua mãe do que alguma vez quisera admitir. Um homem atraente, um bocadinho de pó de estrelas e bum! Estava pronta para fazer uma figura ridícula.

Pegou a pasta que o capataz lhe entregou, examinou os papéis e assinou-os.

Tinha chegado até aquele momento da sua vida sem permitir que as fraquezas congênitas a arruinassem.

Tinha a intenção de continuar dessa maneira.

Talvez tivesse herdado aquele pequeno defeito da sua mãe, porém, ao contrário da doce e eternamente otimista Jessie, não tinha intenção de se deixar levar pelo romantismo para acabar estatelada no chão.

Aquele momento de fraqueza passara e tudo voltara à normalidade.

Passara aquela manhã entre o spa e o edifício principal, com uma breve visita ao lugar onde estavam a levar-se a cabo os trabalhos de escavação dos bangalôs.

Os trabalhos nas três seções do projeto avançavam de acordo com os prazos.

Além disso, tivera uma conversa telefônica com o engenheiro mecânico da Thornway e depois decidira ir aos escritórios da empresa para examinar os protótipos do elevador e do teto mecanizado que iria pôr-se sobre a piscina.

Gostava tanto daqueles aspetos do seu trabalho como da elaboração dos planos.

Ninguém das pessoas com quem lidara naquele dia teria adivinhado os pensamentos distraídos que a perturbavam sob o seu comportamento exterior competente.

Se estava constantemente à procura de Cody com o olhar, disse para si que o fazia para que ele não a surpreendesse completamente desprevenida.

Ao meio-dia, decidiu que ele não apareceria. Disfarçou a desilusão com alívio.

Passou a hora do almoço no treiler com uma garrafa de suco de laranja bem fresco, uma embalagem de batatas fritas e os projetos. Depois da conversa que tinha tido com o engenheiro mecânico, decidira que havia alguns problemas para calcular a dinâmica do telhado que Cody queria sobre a piscina.

Se não fosse a cascata que ele tinha insistido que caísse da parede até um dos cantos da piscina...

Open abanou a cabeça. Era um maníaco de cascatas. Bom, basicamente, era um maníaco.

Ajudou-a pensar que era um arquiteto com delírios de grandeza, em vez de um homem que conseguia arrebatar a sensatez de uma mulher com um beijo.

Decidiu que ia dar-lhe o seu telhado de vidro, as suas cascatas, as suas espirais e as suas cúpulas.

Utilizaria aquele desenho louco para lançar a sua própria carreira.

Como quase nunca estava satisfeita, realizou um esboço de alguns dos detalhes e levou a cabo novos cálculos. Recordou a si mesma que o seu-trabalho não consistia em aprovar o que realizava, mas em organizar o que aparecia nos planos.

Quando a porta se abriu, não se incomodou em levantar o olhar.

— Fecha a porta depressa, está bem? Vais deixar que entre o calor.

— Sim, senhora.

Aquela voz fez com que Open levantasse a cabeça imediatamente. Então, viu Cody a entrar pela porta do treiler.

— Não achei que te veríamos hoje por aqui.

Ele simplesmente sorriu e afastou-se para deixar entrar Tim Thornway e William Walton Barlow. Ao vê-los, Open levantou-se imediatamente.

— Open... - disse Tim. — W. W., suponho que te lembrarás da senhorita Wilson, a nossa engenheira de estruturas.

— É claro, é claro! - respondeu o interpelado, um homem de baixa estatura, cabelo branco e olhos ardilosos. Estendeu rapidamente a mão. — Um Barlow nunca esquece um rosto bonito.

— É um prazer voltar a vê-lo, senhor Barlow - respondeu Open.

— W. W. achou que tinha chegado a altura de vir dar uma olhadela à obra - explicou Tim. — Claro que não queremos interromper...

— Eu não sei muito sobre como se constróem as minhas empresas - comentou Barlow, — embora saiba como as dirigir. No entanto, gosto do que vi. Eu gosto de curvas e de arcos. Muito elegante. A Barlow e Barlow inclina-se sempre para as operações com classe.

Open não prestou atenção alguma ao sorriso que Cody tinha nos lábios e contornou a mesa.

— Escolheu um dia muito quente para vir de visita, senhor Barlow. Deseja beber alguma coisa gelada? Um chá? Um suco?

— Bebo uma cerveja. Nada ajuda melhor a engolir o pó do que uma cerveja bem gelada.

Cody abriu o pequena geladeira e tirou algumas garrafas.

— Estávamos prestes a mostrar a W. W. os progressos do spa.

— Sim? - perguntou ela.

Open abanou a cabeça quando Cody lhe ofereceu uma cerveja, embora estivesse prestes a esboçar um sorriso quando viu que Tim aceitava torpemente uma garrafa.

— Vêm numa boa hora. Acabei de calcular os detalhes finais do telhado da piscina. Acho que Lafferty e eu resolvemos a maioria dos problemas esta manhã, ao telefone.

Barlow olhou para os planos e para os papéis cheios de números e de cálculos.

— Deixo isso vocês. Os únicos números para os quais tenho jeito são os do meu talão de cheques. No entanto, fico contente por ver que sabe o que tem de fazer, senhorita Wilson - disse Barlow, depois de beber um gole de cerveja. — Thornway sempre disse que você tinha a cabeça sobre os ombros. Uns ombros muito bonitos, na verdade - acrescentou, piscando-lhe um olho.

Em vez de irritá-la, aquele gesto fê-la sorrir. Aquele homem tinha idade suficiente para ser seu avô e, por muito multimilionário que fosse, tinha um certo encanto.

— Obrigada. Ele também sempre falou muito bem do senhor.

— Sinto a falta dele - comentou Barlow. — bom, comecemos a nossa visita, Tim. Não devemos desperdiçar tempo.

— É claro! - afirmou Tim.

Pousou imediatamente a cerveja na qual nem sequer tinha tocado.

— Esta noite, vou dar um pequeno jantar em honra do senhor Barlow, Open. Às sete horas. Tu acompanharás o senhor Johnson.

Dado que não era uma pergunta, Open abriu a boca com a intenção de apresentar uma desculpa. Antes que pudesse fazê-lo, Cody tomou a palavra.

— Eu irei buscar a senhorita Wilson - disse. — Porque não se dirigem para o spal Já iremos alcançá-los.

— Porque não afrouxas essa maldita gravata, Tim? - perguntou-lhe Barlow, enquanto saíam do treiler. — Podes sufocar com este calor.

Cody fechou a porta e apoiou-se contra ela.

— Efetivamente, são uns ombros muito bonitos. Pelo que pude ver.

— Não é necessário que vás buscar-me esta noite.

—Não - disse ele.

Observou-a atentamente, sem saber se aquela recusa o divertia ou o zangava.

Não tinha dormido bem e sabia que a culpa recaía precisamente sobre aqueles bonitos ombros, que, naquele momento, estavam prontos para atacar.

— No entanto, irei buscá-la.

Open garantiu a si mesma que o permitia apenas por motivos de trabalho e que devia encará-lo como tal.

— Muito bem. Precisarás do endereço de minha casa.

— Bom, acho que conseguirei encontrar-te, ruiva - afirmou Cody, com um sorriso.

— Tal como tu me encontraste.

Dado que ele tinha puxado o assunto, Open decidiu que o melhor seria enfrentar o sucedido na noite anterior.

— Fico contente por termos um minuto a sós. Assim, poderemos esclarecer as coisas.

— Que coisas? - perguntou ele, afastando-se da porta para se aproximar dela. — Na fazenda, tínhamos uma mula que também era um pouco assustadiça.

— Eu não sou assustadiça. Simplesmente, acho que ficaste com a impressão errada.

— Fiquei com a impressão errada... - afirmou Cody. Estendeu a mão para brincar com a ponta da trança de Open. — Sei perfeitamente o que o teu corpo sente quando está contra o meu. É uma impressão muito correta e muito agradável.

— Foi tudo um erro.

— O quê?

— Ontem à noite - respondeu Open. Decidiu que ia comportar-se de um modo tranquilo e razoável. - Nunca devia ter acontecido.

— Pensas mesmo isso?

— Suponho que nos deixamos levar pelo momento. O melhor que podemos fazer é esquecê-lo e seguir com as nossas vidas.

— Muito bem - afirmou ele.

Open viu o sorriso de Cody, mas não se deu conta de como era frio.

— Esqueceremos o que aconteceu ontem à noite.

Contente com a facilidade com que se resolvera o problema, Open também sorriu.

— Muito bem, nesse caso, por que não...? Interrompeu as suas palavras quando sentiu que ele a apertava contra o corpo dele e lhe cobria a boca com a dele.

Sentiu que o seu corpo ficava tenso.

De surpresa. De fúria.

Era no que desejava acreditar.

Naquele beijo não havia nada da exploração suave e sensual da noite anterior.

Aquele beijo era ousado e brilhante como o sol que reluzia do outro lado das janelas. Igualmente tórrido.

Tentou libertar-se dele, mas não conseguiu fazê-lo. Os músculos de Cody pareciam de aço.

Encontrou-se vítima de um abraço que ameaçava quase tanto como prometia.

Cody não se importava. Ela podia dizer tudo o que quisesse sobre erros com aquela voz tão razoável. Já tinha cometido muitos erros antes. Talvez Open fosse o maior de todos eles, mas não voltaria atrás.

Recordou o que tinha sentido ao tê-la entre os seus braços na noite anterior e compreendeu que nunca tinha sentido nada semelhante com nenhuma outra mulher.

Não consentiria que tudo aquilo caísse no esquecimento.

— Chega! - conseguiu exclamar ela, antes de ele voltar a beijá-la. Estava se afogando e sabia que nada poderia salvá-la. Afogando-se contra os lábios de Cody, afogando-se em sensações, em desejos, em paixão.

Por que se agarrava a ele quando sabia que tudo aquilo era uma loucura? Por que respondia àquele beijo quando sabia que só poderia conduzir ao desastre?

Apesar de tudo, Abraçava-se a Cody, tinha os lábios afastados e o seu coração pulsava ao ritmo do dele.

Aquilo era muito mais do que uma tentação, muito mais do que uma rendição. O que sentia naquele momento não era a necessidade de dar, mas de possuir.

Quando se afastaram, ela respirou fundo e pôs uma mão sobre a mesa para recuperar o equilíbrio. Naquele momento, compreendeu que se enganara.

Nos olhos de Cody havia raiva, fúria e determinação, juntamente com um desejo que parecia deitá-la ao chão.

No entanto, quando ele falou, fê-lo com voz suave.

— Parece que vamos ter outro ponto de referência, ruiva - comentou e dirigiu-se para a porta. — Até às sete horas!

Naquela tarde, houve, pelo menos, uma dúzia de vezes em que Open pensou numa desculpa plausível e começou a discar o número de telefone do hotel de Cody.

O que a parou em cada uma das vezes foi saber que, se realizasse aquela chamada, estaria a reconhecer não só que havia alguma coisa entre eles, mas também que era uma covarde.

Mesmo que ela própria se obrigasse a aceitar o fato de que tinha medo, não podia consentir que ele o visse.

Enquanto procurava alguma coisa para vestir no armário, recordou a si mesma que era obrigada a fazê-lo.

Na verdade, aquele jantar não passava de uma reunião de negócios em que todos usariam um fato de noite e comeriam canapés no elegante jardim de Tim.

Era necessário demonstrar a Barlow que o seu arquiteto e a sua engenheira eram capazes de passar uma noite juntos.

Tinha de conseguir suportá-lo.

Deixando de lado a atração sexual, Cody Johnson era seu parceiro naquele projeto. Se não conseguisse estar ao seu lado, nem controlar o que a fazia sentir, não poderia encarregar-se do seu trabalho. Nenhum arquiteto arrogante da costa leste a faria admitir que não conseguia enfrentar o que a vida pudesse proporcionar-lhe.

Enquanto se decidia entre dois vestidos, pensou, com certa satisfação, que, quando estivessem lá, haveria tanta gente que não teria de falar com ele.

Certamente, Cody e ela só trocariam algumas palavras.

Quando ele tocou à sua porta, consultou o relógio e praguejou. Estivera a desperdiçar tanto tempo falando consigo mesma que tinha chegado a hora e nem sequer estava vestida.

Apertou o cinto do robe e saiu do quarto para ir abrir a porta.

Cody observou atentamente o robe de algodão e sorriu.

—Belo vestido!

— Estou um pouco atrasada - murmurou ela. Vá sem mim.

— Eu espero.

Sem esperar que ela o convidasse para entrar, entrou na sala e inspecionou o apartamento.

Open talvez fosse uma mulher que tinha de se encarregar de dados e números muito precisos, mas vivia no caos. Havia almofadas amontoadas sobre o sofá, revistas empilhadas sobre uma cadeira...

Além disso, havia uma camada espessa de pó sobre tudo, à exceção de uma coleção de sinos dos ventos de vidro pendurados ao lado da janela e que capturavam os últimos raios de sol.

— Não demorarei muito - disse-lhe Open. — Se quiser beber alguma coisa enquanto espera, a cozinha é por ali.

Desapareceu no seu quarto e trancou a porta.

Estava tão bonito... Não era justo que tivesse um aspeto tão sexy, tão seguro de si mesmo, tão perfeito...

Passou as mãos pelo cabelo que ainda tinha de pentear. Já era suficientemente mau que ele tivesse tão bom aspeto com a roupa de trabalho, mas que ficasse ainda melhor com um casaco creme que realçava o seu cabelo loiro e a sua pele

bronzeada... Não era justo!

Nem sequer vestido formalmente para um jantar perdia o seu encanto masculino.

Como iria ela conseguir livrar-se daquela atração quando, cada vez que o via, estava muito mais bonito?

Enfrentou novamente o seu armário.

Decidiu que iria lutar contra ele e contra a atração que sentia. Isso significava que não iria vestir o vestido azul simples e adequado. Se ia brincar com o fogo, teria de se vestir em consonância.

Cody encontrou a cozinha tão desarrumada como a sala.

Evidentemente, tratava-se de uma mulher que não passava muito tempo a cozinhar. O fato de ter uma lata de biscoitos e outra lata cheia de sacos de chá sobre a placa vitrocerâmica parecia demonstrá-lo.

Encontrou uma garrafa de vinho na geladeira, juntamente com um frasco de manteiga de amendoim e um ovo solitário.

Depois de procurar nos armários, localizou dois copos completamente diferentes e um livro de terror.

Bebeu um gole de vinho e abanou a cabeça. Esperava ter oportunidade de lhe mostrar um pouco dos melhores restaurantes.

Levou os dois copos para a sala e ouviu atentamente os sons que provinham do quarto. Aparentemente, Open estava à procura de alguma coisa e estava abrindo todas as gavetas para a encontrar.

Enquanto bebia mais um pouco de vinho, observou as suas fotografias.

Havia algumas fotografias dela, uma muito formal, onde parecia sentir-se muito incômoda com um vestido de organza cor-de-rosa.

Noutra, estava com uma loira muito atraente. Dado que a loira tinha os mesmos olhos que ela, Cody perguntou-se se seria uma irmã mais velha. Havia mais fotografias da loira, uma com o que poderia ser um vestido de noiva e outra de Open com capacete.

Havia fotografias de vários homens, mas o único que Cody reconheceu foi o Thornway pai. Perguntou-se se algum dos homens seria o seu pai.

Então, virou-se. Os ruídos procedentes do quarto tinham cessado.

— Servi-me de um copo de vinho! - gritou. — Queres o teu?

—Não... Sim,bolas!

— Deduzirei que é um "sim" - disse Cody. Aproximou-se da porta e abriu-a.

Havia qualquer coisa muito especial numa mulher alta e esbelta com um vestido preto. Qualquer coisa que fazia com que um homem ficasse com água na boca.

O vestido tinha um decote profundo e um enfeite prateado que se repetia

novamente em baixo, justamente onde a saia lhe roçava os joelhos. As pernas estavam cobertas com umas meias transparentes.

No entanto, o que estava a dar problemas a Open eram as costas. Estava custando-lhe fechar os colchetes que lhe chegavam até à cintura.

— Ficou qualquer coisa presa.

"O meu coração", pensou Cody. Se se sentia atraído por ela com um capacete e uma t-shirt suada, como não haveria de o fazer naquele instante?

— Deixa-me tentar - disse.

Passou por cima de umas botas pesadas de trabalho e de umas sandálias pretas que não passavam de algumas tiras de couro.

— Desenham estas coisas para que tenhamos de lutar com elas ao tirá-las e ao vesti-las.

— Sim - comentou Cody.

Entregou-lhe os dois copos e tentou não pensar no fato de que seria muito mais interessante ajudá-la a tirar aquele vestido preto do que a prender os colchetes.

— Eu sei - replicou ela, com impaciência. — Consegues resolvê-lo?

Cody levantou o olhar. Os olhares de ambos cruzaram-se no espelho que havia sobre a cômoda.

Pela primeira vez desde que a conhecera, viu que Open colocara batom. Tinha a boca húmida, madura, sugestiva...

— Provavelmente. O que está usando?

— Acho que é evidente - respondeu Open. — Um vestido preto com colchetes defeituosos.

— Referia-me ao perfume.

— Não sei - disse, enquanto ele se concentrava nos colchetes da cintura.

— A minha mãe o comprou.

— Vou ter de conhecer a tua mãe.

— Já acabaste?

— Não - respondeu Cody.

Acariciou-lhe as costas com as pontas dos dedos e teve o prazer de ver a reação que se produzia nela através do espelho.

— És muito sensível, Open.

— É muito tarde - replicou ela. Virou-se rapidamente.

— Nesse caso, acho que mais alguns minutos não terão importância alguma - sussurrou.

Deslizou as mãos sobre a cintura dela.

Para se proteger, Open pôs-lhe os dois copos contra o peito.

Ele os pegou pacientemente e colocou-os sobre a cômoda que ela tinha atrás

dela.

— Tens um gosto péssimo para vinho.

— Sei a diferença que há entre o vinho tinto e o branco - afirmou.

Levantou as mãos até colocá-las em cima dos ombros de Cody ao reparar que ele voltava a rodear-lhe a cintura com as suas.

— Isso é como dizer que você é uma mulher e que eu sou um homem. Há muito mais do que isso - murmurou. Inclinou a cabeça e começou a mordiscar-lhe suavemente os lábios. — Muito mais...

— Cody, não estou preparada para isto...

— Para quê?

— Para o que está acontecendo. Para ti e para o que sinto.

Cody olhou-lhe atentamente para o rosto. Open abrira-lhe o caminho. Os dois sabiam-no. Em vez de pressioná-la, deu-lhe mais espaço.

— De quanto tempo precisas?

— Não sei como responder a essa pergunta. Não paras de me pressionar.

— É verdade - admitiu ele.

Afastou-se dela e esperou que calçasse as sandálias.

— Open... - acrescentou. Quando ela olhou para ele, pegou-lhe na mão. — Isto não é o fim. Eu tenho a sensação de que isto vai chegar muito longe.

Ela tinha a certeza absoluta de que ele tinha razão. Isso era precisamente o que a preocupava.

- Tenho o hábito de querer saber como uma coisa vai acabar antes de começar, Cody. Contigo, não vejo um fim muito claro, portanto, não tenho certeza de querer começar alguma coisa...

— Ruiva - disse ele, depois de levar a mão de Open aos lábios. — Já o fizeste.

Quando chegaram à mansão Thornway, a festa estava em todo o seu esplendor.

O bufet estava transbordando de comida mexicana e o vinho e as margaritas fluíam entre os convidados. Diante do rancho enorme que Tim tinha construído para a sua esposa, havia um jardim maravilhoso que rodeava a piscina.

Os convidados estendiam-se pela relva e pelo terraço da casa. A nata da sociedade de Phoenix estava presente naquela festa.

Open decidira encontrar imediatamente um canto tranquilo. Gostava de construir edifícios para os membros da classe dirigente, mas não sabia como socializar com eles.

— Um Chablis - explicou Cody, enquanto entregava um copo a Open. — É da Califórnia. Boa cor, cheiro penetrante e muito encorpado.

— É branco - comentou ela, encolhendo os ombros.

— E o teu vestido é preto, mas isso não faz com que pareça uma freira.

— O vinho é simplesmente vinho - afirmou, embora o seu paladar lhe dissesse uma coisa muito diferente.

— Meu Deus - sussurrou Cody, enquanto lhe acariciava suavemente o pescoço com um dedo, - tens muito para aprender!

— Aqui está você! - exclamou uma voz feminina.

Marci Thornway, a esposa de Tim, aproximou-se deles. Estava elegantemente vestida com um vestido branco e usava um colar que reluzia com força à luz da lua. Cumprimentou afetuosamente Open e levantou os olhos piscando para Cody.

— Acho que já entendi porque chegaste tarde acrescentou.

— Marci Thornway, Cody Johnson.

— O arquiteto - deduziu Marci. Então, entrelaçou um braço possessivo com o dele. — Tim falou-me muito de ti... Embora não tenha mencionado que eras tão atraente - acrescentou, entre gargalhadas. — No entanto, acho que se deve perdoar aos maridos por não falarem com as suas esposas sobre homens atraentes.

— Ou aos homens por não falarem sobre as suas bonitas esposas.

Open fez uma expressão de incredulidade nas costas de Marci e começou a tirar uma enchilada de queijo.

— És da Flórida, não és? - perguntou Marci. com um pequeno suspiro, começou a afastar-se com Cody. — Eu cresci na Geórgia, numa pequena cidade muito perto de Atlanta. Às vezes, tenho muitas saudades.

— Uma mulherzinha do Sul - murmurou Open. Chocou-se diretamente com o senhor Barlow. — Oh! Peço-lhe desculpa, senhor Barlow.

— Chama-me W. W. Acho que devias pôr mais comida no prato, menina. Toma, prova estas omeletes. Não te esqueças da salada de abacate!

Open observou, atônita, a quantidade de comida que o idoso lhe tinha posto no prato.

— Obrigada.

— Por que não te sentas ao meu lado e fazes companhia a um velho?

Open não tinha a certeza do que tinha esperado daquela noite, mas não fora aproveitar a companhia de uns dos homens mais ricos do país. Tal como receara, não tentou seduzi-la, mas brincou com ela como se fosse um velho amigo da família.

Sentaram-se num banco ao lado da piscina e falaram sobre o amor que ambos sentiam pelo cinema. Aquele era o único vício que Open se permitia, o único entretenimento que não considerava uma perda de tempo.

Se a sua atenção fraquejava de vez em quando, não era por Barlow ser aborrecido, mas para procurar Cody. Encontrava-o quase sempre na companhia

de Marci Thornway.

— Sou um egoísta - comentou Barlow. — Devia deixar que fosses ter com os mais jovens.

— Não, não - respondeu Open, sentindo-se um pouco culpada. — Eu gosto de falar com o senhor. Para dizer a verdade, W. W., eu não gosto muito de festas.

— Uma mulher tão bonita como você precisa de um homem que a mime constantemente.

— Eu não gosto que me mimem - afirmou. Então, viu que Cody acendia o cigarro de Marci.

Barlow era muito ardiloso. Rapidamente, seguiu a direção do olhar de Open.

— Aquela é uma mulher muito bonita - observou. — Como o cristal soprado, caro e fácil de olhar. O jovem Tim deve estar muito ocupado com ela.

— Está completamente entregue a ela.

— Pois, ela passou esta noite na companhia do arquiteto.

— Bom, os dois são do Leste - comentou Open, com um sorriso. — Tenho a certeza de que têm muitas coisas em comum.

— Hum... Hum... - murmurou Barlow. Então, levantou-se. — Eu gostaria de esticar as pernas. Queres dar um passeio pelo jardim?

— Está bem - disse Open.

Levantou-se, deu o braço a Barlow e começou a passear com ele.

Qual era o jogo dela? Cody viu que Open desaparecia com Barlow. Aquele homem tinha idade suficiente para ser pai dela.

Passara a noite toda falando com o idoso enquanto ele tentava livrar-se de Marci Thornway.

Cody reconhecia perfeitamente quando uma mulher ia à caça e, decididamente, Marci estava a enviar-lhe sinais, sinais esses que ele não tinha interesse algum em receber.

Mesmo que não tivesse reparado em Open, não teria sentido a mínima atração por uma mulher como Marci. Casada ou não, representava problemas.

Nunca teria achado que Open era o tipo de mulher que pudesse sentir interesse por um idoso, que pudesse sorrir e seduzi-lo para ver o que aquilo poderia proporcionar-lhe.

Não havia dúvida alguma de que Barlow estava interessado nela, nem de que ela se perdera entre as roseiras com uma das maiores fortunas dos Estados Unidos.

Acendeu um cigarro e semicerrou os olhos quando o fumo o incomodou.

Também não havia dúvida alguma de que Open o desejava. Talvez não tivesse sido ela quem tinha iniciado o beijo, mas a sua resposta não deixara lugar para nenhuma dúvida. Ninguém fingia quando beijava daquele modo.

No entanto, fora ela quem o tinha interrompido. Todas as vezes.

Cody tinha pensado que o fizera por cautela, talvez inclusive por medo ao ver como a ligação se tornara forte entre eles. Talvez na verdade ele fosse um idiota e ela o tivesse rejeitado porque desejava pescar um peixe maior.

Afastou aquele pensamento quase assim que lhe ocorreu. Era injusto.

Estava se permitindo pensar daquele modo porque se sentia frustrado, porque desejava Open mais do que alguma vez tinha desejado alguém e, principalmente, porque não sabia o que fazer a esse respeito.

— Dá-me licença - disse a Marci, interrompendo-a a meio da frase. Dedicou-lhe um sorriso rápido e dirigiu-se para o jardim.

Ouviu a gargalhada de Open. Então, viu-a. Estava debaixo do raio de luz de uma das lanternas coloridas que estavam penduradas por todo o jardim.

Estava sorrindo e torcendo uma flor vermelha entre os dedos.

— Não há muita carne - dizia-lhe Barlow, sorrindo também. — O que há é muita variedade.

Open voltou a rir-se e pôs a flor na lapela de Barlow.

— Perdão.

Tanto Barlow como Open se viraram ao ouvirem o som da sua voz.

Pareceu a Cody que o faziam com um certo sentimento de culpa.

— Então, Johnson, está se divertindo? - perguntou-lhe Barlow, depois de lhe dar uma palmada forte no ombro. — Garanto-te que um homem se diverte mais quando dá um passeio à luz da lua com uma mulher tão bonita como Open. Os jovens não dedicam tempo suficiente ao romance hoje em dia. Vou ver se consigo encontrar uma cerveja.

Para um homem bastante corpulento, Barlow mexia-se com rapidez. Depressa, Open encontrou-se a sós com Cody.

— Provavelmente, devia ir conversar com o resto dos convidados - disse.

Rapidamente, Cody cortou-lhe a passagem.

— Não sentiste necessidade de fazê-lo durante o resto da noite.

— Estive a desfrutar da companhia de W. W. É um homem muito agradável.

— Eu reparei. É preciso seres uma mulher muito pouco comum para conseguir saltar de um homem para outro, sem problemas. Os meus parabéns!

O sorriso que Open tinha no rosto transformou-se numa expressão de confusão.

— Talvez tenha mais de sessenta anos, mas imagino que dois ou três biliões façam com que os anos desapareçam, não é?

— Acho que devias entrar e voltar a sair, Cody. Talvez assim conseguisse compreender do que está falando.

— Parece-me que falei suficientemente claro. Barlow é um homem muito rico

e está viúvo há mais de dez anos. Evidentemente, continua a apreciar a companhia de uma mulher jovem e bastante atraente.

Open esteve prestes a começar a rir-se, mas então viu o desdém que se refletia nos olhos de Cody e compreendeu que falava a sério. Sentiu-se insultada.

— Pode dizer-se que, certamente, é um homem que sabe como tratar uma mulher. Agora, se me deres licença...

Cody agarrou-a pelo braço antes que pudesse partir.

— Não encontro nenhuma desculpa para ti, ruiva, mas isso não me impede de continuar desejando-a - disse.

Virou-a até estarem frente a frente.

— Não posso dizer que me importe, mas aí está! Desejo-te e, seja o que for que se passa nessa tua cabecinha calculista, penso ter-te.

— Vai para o inferno, Johnson! - exclamou. Puxou o braço e soltou-se dele — Não me importa o que desejas, nem o que pensas de mim, porém, como sinto demasiado apreço pelo senhor Barlow para deixar que continues a pensar que é um idoso estúpido, vou dizer-te uma coisa. Esta noite, estivemos a conversar, como fazem as pessoas nas reuniões sociais. Descobrimos que nos damos muito bem. Eu não estava atrás dele, nem ele estava atrás de mim.

— E aquela frase que ouvi quando me aproximei de vocês?

— O quê? - perguntou ela.

Depois de hesitar um instante, desatou a rir.

— Era uma frase de um filme, idiota! Um filme antigo de Spencer Tracy e Katherine Hepburn. O senhor Barlow e eu somos admiradores deles. Vou dizer-te outra coisa, se ele estivesse atrás de mim, não te diria respeito. Se quiser seduzi-lo, o problema é meu. Se quiser ter uma aventura com ele, ou com qualquer outro homem, tu não tens nada a dizer a esse respeito. Talvez prefira esse tipo de atenção à que tu me proporcionas.

— Espera...!

— És tu quem vai ouvir - interrompeu-o ela, com os olhos cheios de raiva. — Não tenho intenção de tolerar este tipo de insultos, nem de ti, nem de ninguém. Mantém-te afastado de mim, Johnson, se quiseres que essa tua cara continue inteira.

Open partiu, deixando Cody completamente atônito.

— Mereceu isso, Johnson - suspirou, enquanto esfregava a nuca.

Sabia o que era meter-se num buraco e sabia que estava num muito profundo.

Também sabia que só havia um modo de sair dele.

Cinco

Pensou em mandar-lhe flores, porém, de algum modo, não lhe pareceu que Open fosse o tipo de mulher que se desfizesse ao ver um ramo de rosas.

Também considerou um pedido de desculpas sincero, tal como faria um amigo, mas não achou que Open o considerasse como tal. De qualquer forma, o gelo que escapava dos lábios de Open conseguiria congelar as palavras antes que ela conseguisse ouvi-las.

Portanto, deu-lhe a única coisa que achava que ela aceitaria naquele momento.

Distância.

Durante as duas semanas seguintes, trabalharam juntos, com frequência, lado a lado. No entanto, a distância que havia entre eles era tão grande como a que havia entre o sol e a lua.

Obviamente, tinham de se consultar, contudo, Open conseguia sempre fazer com que não estivessem a sós. Com uma habilidade que Cody teve de admirar, evitou-o sempre que era possível.

Como ele compreendia a necessidade de um período de distanciamento, não fez nada para mudar a situação.

Realizou duas viagens breves, uma aos escritórios principais dos advogados em Ford Lauderdale e outra para resolver alguns problemas num centro médico de San Diego.

Quando regressou das duas vezes, verificou que as águas entre Open e ele continuavam geladas. Com o capacete posto e os olhos protegidos pelos óculos de sol, observou como punham a cúpula de vidro no seu lugar.

Relaxou um pouco quando confirmou que o vidro encaixava no espaço como uma rolha numa garrafa.

— Um toque muito bonito. Um toque com muita classe - disse Barlow, com um sorriso amplo nos lábios.

— W. W., não sabia que estava de volta à cidade.

— Vim ver como estão as coisas - comentou Barlow, enquanto secava o rosto com um lenço.

— Espero que ponham o sistema de refrigeração a trabalhar.

— Está no programa para hoje.

— Ainda bem. Tenho de te dizer, rapaz, que cumpres muito bem a tua palavra - observou o idoso, enquanto olhava à sua volta com uma expressão de

satisfação no rosto. — Admito que, por vezes, não gostei de alguns detalhes do projeto quando os vi nos planos, mas o meu filho viu qualquer coisa nisto tudo e eu deixei-me levar pela avaliação dele. Agora, posso dizer que tinha razão. Construíste uma coisa muito importante aqui, Cody. Nem todos os homens podem olhar para trás na sua vida e dizer o mesmo.

— Agradeço-lhe.

— Quero que me mostres o resto - pediu, depois de lhe dar uma palmada nas costas. — Entretanto, há algum lugar onde um homem possa beber uma cerveja por aqui?

— Acho que poderemos resolvê-lo.

Cody conduziu-o até uma geladeira que havia no exterior e tirou duas latas. Barlow bebeu um longo gole e suspirou. — Farei sessenta e cinco anos no meu próximo aniversário e garanto-te que não há nada como uma cerveja gelada numa tarde quente como esta - disse Barlow. Olhou na direção do spa e viu Open. — Bom, talvez uma coisa - acrescentou. Com uma gargalhada, sentou-se na cadeira e afrouxou o colarinho da camisa.

— Eu gosto de me considerar um estudioso da natureza humana. Suponho que foi assim que ganhei a maior parte do meu dinheiro.

— Hum... Hum... - respondeu Cody, de modo ausente.

Ele também tinha visto Open.

— Parece-me que és um homem que tem mais do que aço e vidro na cabeça. Não tem nada a ver com uma engenheira de pernas compridas, pois não?

— Talvez - comentou Cody.

Tirou o seu maço de cigarros do bolso. Ofereceu um a Barlow, mas este recusou.

— Tive de deixar de fumar. Os malditos médicos não paravam de me mandar deixar de fumar. Eu gosto muito daquela rapariga - acrescentou, voltando a concentrar-se no assunto de Open. — Claro, a maioria dos homens gosta de beleza física, mas aquela mulher também tem inteligência e coragem. Acho que nos meus anos mais jovens poderia ter-me assustado. Pareceu-me que os dois tiveram uma discussão na festa que Tim Thornway organizou na sua casa.

— Poderíamos chamar-lhe isso – admitiu Cody, depois de beber um gole da cerveja. - Estava com ciúmes de você.

— Ciúmes? - perguntou Barlow, muito surpreendido. Então, soltou uma gargalhada. — Acabaste de me tirar vinte anos de cima, rapaz. Tenho de te agradecer. Imaginem, um tipo tão bonito como tu, com ciúmes de um velho como eu!

— Um velho muito rico - acrescentou.

— Bom... Suponho que a senhora em questão não o tenha encarado muito

bem.

— A senhora em questão esteve prestes a arrancar-me os dentes com um murro.

— Eu dissete que tinha coragem. Na verdade, tinha-a em mente para o meu filho - comentou.

Ao ver o olhar de Cody, desatou a rir-se novamente.

— Não me faças rir outra vez, rapaz. Um velho como eu só pode receber certas doses de excitação diárias. Além disso, decidi o contrário quando vi o modo como olhava para ti.

— Isso simplifica tudo.

— Pelo menos, entre mim e ti. De outro modo, eu diria que estás enterrado até à cintura em areias movediças.

— Acho que é uma observação muito exata - comentou Cody, depois de atirar a lata para o balde do lixo. — Alguma sugestão? O meu pai recorria sempre às flores.

— Não fariam nenhum mal - respondeu Barlow, enquanto se levantava, — como também não faria mal arrastares-te um pouco - acrescentou.

Ao ver a expressão de Cody, desatou a rir-se novamente.

— Ainda és demasiado jovem para isso, mas aprenderás. Claro que aprenderás! - concluiu, dando a Cody uma palmada forte nas costas.

Não estava disposto a arrastar-se. Nem pensar!

No entanto, pareceu-lhe que tinha chegado o momento de experimentar com as flores.

Se uma mulher não tinha esquecido um aborrecimento em duas semanas, não o esqueceria absolutamente... pelo menos, sem um pouco de ajuda.

De qualquer forma, Cody sabia que lhe devia um pedido de desculpas. Sorriu enquanto mudava os lírios de mão. Desde que se tinham conhecido, parecia que não tinham feito outra coisa senão trocarem pedidos de desculpas.

Por que acabarem com o hábito? Parou diante da porta da sua casa.

Se não aceitasse as suas desculpas naquele momento, continuaria a tentar até que o fizesse.

Além disso, sentira a falta dela. Era tão simples quanto isso.

Tinha sentido falta de falar com ela sobre o projeto, de ouvir a sua gargalhada e do modo forte e desinibido como a segurara entre os seus braços.

Olhou para as flores que tinha na mão. Aqueles lírios eram uma razão muito frágil, mas eram melhor do que nada.

Mesmo que lhos atirasse à cara, o gesto pressuporia uma mudança na cortesia tensa que parecia reinar entre eles desde a noite em casa de Tini.

Bateu à porta e perguntou-se o que lhe diria para que ela não lha fechasse com

força ao vê-lo.

No entanto, não foi Open quem abriu a porta, mas a loira das fotografias. Era uma mulher bela, de faces rosadas e de uns quarenta anos. Parecia-se muito com Open.

Cody sorriu.

— Olá! - cumprimentou a mulher, oferecendo-lhe a mão e um sorriso. — Sou Jessie Peters.

— Cody Johnson. Sou... um colega de trabalho de Open.

— Entendo - respondeu ela.

Olhou para ele de cima a baixo e pareceu dar-lhe a sua aprovação.

— Entra. Eu gosto muito de conhecer, os... colegas de trabalho de Open. Queres beber alguma coisa? Open está a tomar uma ducha.

— Claro! Qualquer coisa gelada, se tiver.

— Acabei de fazer limonada. Fica à vontade - disse, enquanto desaparecia no interior da cozinha. — Open está à tua espera?

— Não - admitiu ele.

Olhou à sua volta e reparou que o apartamento estava muito mais arrumado do que na sua visita anterior.

— Então, trata-se de uma surpresa. Eu adoro surpresas! - comentou, ao reaparecer com dois copos de limonada muito fresca. — Também és engenheiro?

— Não. Sou arquiteto.

Jessie parou um instante. Então, esboçou um ligeiro sorriso.

— O arquiteto... - murmurou.

Fez sinal a Cody para que se sentasse.

— Acho que Open me falou de ti.

— Tenho a certeza disso - afirmou Cody. Pôs as flores sobre a mesa.

— No entanto, não mencionou que fosses tão atraente - comentou Jessie, sentando-se também, — embora seja típico dela reservar esse tipo de detalhes para ela mesma. És do Leste?

— É verdade. Da Flórida.

— Eu nunca penso na Flórida como no Leste, penso sempre na Disneylândia.

Naquele momento, Open saiu do quarto.

Usava umas calças brancas muito largas e uma t-shirt enorme com umas sandálias.

Ainda tinha o cabelo molhado e encaracolado da ducha.

— Tens companhia - anunciou Jessie, enquanto se levantava e pegava nas flores.

— Trouxe-te um presente.

— Estou vendo - disse Open, enfiando as mãos nos bolsos amplos das calças.

Com um sorriso deslumbrante nos lábios, Jessie afundou o rosto entre os lírios.

— Parece-te bem que as ponha em água, querida? - perguntou. — Tens uma jarra, não tens?

— Deve haver uma em algum lado.

— É claro!

Open esperou até que Jessie desaparecesse na cozinha para procurar a jarra. Quando falou, fê-lo em voz muito baixa.

— O que queres?

— Ver-te.

— Nesse caso, já o fizeste. Agora, se me deres licença, estou muito ocupada esta tarde.

— E desculpar-me.

Open hesitou. Então, respirou fundo. Ela tinha ido uma vez a casa dele para se desculpar e ele aceitara-o.

Se havia coisa que compreendia muito bem era como era difícil tentar construir uma ponte quando esta fora destruída.

— Está tudo bem - disse.

Conseguiu esboçar o que esperava que fosse um sorriso casual.

— Vamos esquecê-lo.

— Não gostarias que te desse uma explicação?

— Acho que não. É melhor que...

—Encontrei uma! - anunciou Jessie. Regressou à sala com uma garrafa de leite vazia nas mãos.

— Mais ou menos. Na verdade, acho que ficarão lindas aqui, não te parece? - acrescentou.

Pôs a garrafa no meio da mesa de apoio e recuou para admirar as flores.

— Não te esqueças de lhes mudar a água, Open. Também não seria mau que levantasses a garrafa quando limpares o pó.

— Mamãee...

— É a mãe da Open? - perguntou Cody, atônito.

As suas palavras fizeram com que Jessie esboçasse um sorriso.

— Esse foi o melhor elogio que ouvi durante o dia todo - disse Jessie. — Se não a amasse tanto, negava-o - acrescentou.

Colocou-se nas pontas dos pés e depositou um beijo sobre a face de Open.

— Desejo uma tarde muito agradável. Não te esqueças de me telefonar, filha.

— Mas acabaste de chegar.

— Tenho um milhão de coisas para fazer - afirmou Jessie. Então, ofereceu a mão a Cody. Prazer em conhecer-te!

— Espero voltar a vê-la, senhora Peters.

— Chama-me Jessie - respondeu ela, com um sorriso. — Insisto para que todos os homens bonitos me chamem Jessie. Boa noite, querida! É verdade, resta muito pouco detergente para a máquina de lavar louça.

Open deixou escapar um suspiro quando a porta se fechou.

— Tens a certeza de que é a tua mãe?

— A maior parte do tempo - respondeu Open, enquanto penteava o cabelo com os dedos. — Olha, Cody, agradeço-te muito que tenhas vindo desculpar-te.

— Isso significa que aceitas o meu pedido de desculpas?

— Não quero ser mal-educada. Acho que já utilizámos todas as nossas reservas de má educação durante este ano, mas simplificaria as coisas que reduzíssemos o contato entre nós ao horário de trabalho. ; — Eu nunca disse que queria que as coisas fossem simples - afirmou Cody.

Deu um passo em frente e ela olhou para eles com cautela enquanto ele brincava com as pontas do seu cabelo.

— Mas. se é isso que tu queres, muito bem. Olho para ti e desejo-te. Não pode simplificar-se mais.

— Para ti... Olha, não quero entrar em explicações, mas quando te disse que não estava preparada, estava sendo completamente sincera. A isso é necessário acrescentar o fato de que não nos damos muito bem. Mal nos conhecemos. Não nos compreendemos.

— Muito bem. Nesse caso, vamos nos conhecer.

— Estás a simplificar o assunto.

— Não foi o que acabaste de dizer que querias? - Open sentiu-se encurralada, por isso, virou-se e foi sentar-se.

— Cody, já te disse que tenho razões para não desejar começar uma relação contigo, nem com ninguém.

— Muito bem, Wilson. Porque não vemos este assunto de um modo lógico? Os engenheiros são pessoas muito lógicas, não são? - perguntou ele, sentando-se à frente dela.

—É verdade.

— Ainda temos de trabalhar juntos durante alguns meses. Se houver tensão entre duas pessoas, não trabalham bem. Se continuarmos assim, tal como estivemos nas duas últimas semanas, o projeto sofrerá as consequências.

— Tens razão, mas garanto-te que não vou meter-me na cama contigo só para aliviar a tensão.

— E eu que achava que eras uma profissional dedicada! - observou ele.

Recostou-se no sofá e olhou fixamente para ela.

— Bom, se isso está descartado... -É claro!

— O que te parece se formos comer uma piza e ver um filme?

— Mais nada? - perguntou ela, depois de pensar durante alguns instantes.

— Depende.

— Neste caso, não. Prefiro lidar com absolutos. Se acedermos a nos conhecermos, a tentarmos desenvolver uma relação profissional e pessoal, tenho de saber que a relação pessoal permanecerá a um certo nível. Isso significa que teremos de impor certas regras.

— Achas que devo anotá-las? - perguntou ele, com certo sarcasmo.

— Se quiseres - replicou ela, — mas acho que poderemos fazer com que tudo seja muito simples. Podemos ver-nos como amigos e colegas de trabalho. Não haverá conotações românticas.

— Defina isso de "conotações românticas".

— Acho que sabes ao que me refiro, Johnson. Tens razão quanto a uma má relação pessoal poder afetar o nosso trabalho. A compreensão e o respeito só podem conduzir a uma comunicação melhor.

— Devia anotar isso para a próxima reunião do pessoal. Muito bem - afirmou, antes que Open pudesse protestar. — Tentaremos como tu dizes. Companheiros - acrescentou.

Inclinou-se para a frente e estendeu-lhe a mão. Quando Open a apertou, sorriu.

— Suponho que terei de levar as flores.

— Oh, não! Deste-as antes de estabelecermos as regras - replicou ela.

Levantou-se. Sentia-se muito orgulhosa de si mesma.

— Eu pagarei a piza e tu pagarás as entradas do cinema.

Iria dar certo e traria resultados.

Ao longo dos dias seguintes, Open congratulou-se por ter transformado uma situação potencialmente complicada num acordo muito conveniente. Indevidamente, havia vezes em que chocavam durante o horário de trabalho.

Quando se encontravam depois do dia de trabalho, faziam-no como amigos para desfrutarem de um jantar ou de um espetáculo.

Se desejava mais alguma coisa depois de ter deixado Cody no seu hotel ou de ele a ter levado ao seu apartamento, abafava aquela necessidade.

E pouco a pouco, foi aprendendo muito mais sobre ele, sobre a fazenda onde tinha crescido e sobre o quanto lhe tinha custado acabar os seus estudos.

Cody não falara das dificuldades econômicas, nem dos dias árduos de trabalho que tinha tido de aguentar, porém, à medida que se foram conhecendo, Open soubera ler nas entrelinhas.

Tudo isso mudara o ponto de vista que tinha sobre ele. Sempre o tinha considerado um sócio mimado e privilegiado de um atelier de arquitetura.

Nunca tinha parado para pensar no fato de que tinha trabalhado muito para chegar onde estava, tal como ela. Admirava a ambição quando estava ligada ao esforço e ao trabalho árduo.

Ela não fora tão prolixa ao dar-lhe detalhes sobre a sua vida privada.

Não se importava de falar sobre os anos que trabalhava para a Thornway e sobre a admiração que sentia pelo homem que lhe dera a sua oportunidade.

No entanto, nunca lhe contara nada sobre a sua família ou sobre a sua infância.

Mesmo que Cody tivesse percebido aquela barreira, não fizera tentativa alguma para a derrubar. O que estava a crescer entre eles ainda era muito frágil.

Não tinha intenção de pôr à prova a sua sorte até os alicerces serem um pouco mais firmes. Se Open estava encantada com aquela situação, Cody estava cada vez mais frustrado.

Queria tocar-lhe, mas sabia que, se o fizesse, o fio delicado que estava a tecer-se entre eles se partiria. Em várias ocasiões, disse para si que acabaria tudo, que daria por acabados aqueles encontros platônicos, mas não conseguia.

Vê-la, passar tempo com ela, transformara-se num hábito demasiado enraizado.

No entanto, estava a começar a pensar que quem dissera que metade de um pão era melhor do que nada não sabia nada sobre a verdadeira fome.

Com as mãos nos quadris, Open observava como os mecânicos trabalhavam no mecanismo do telhado móvel sobre a piscina.

A estrutura estava acabada e o vidro seria instalado no fim da semana seguinte. O sol batia em cheio sobre o cimento.

— Querida!

— Mamãe? - perguntou Open, muito surpreendida. — O que estás a fazer aqui?

— Falas tanto deste lugar que pensei que já estava na altura de vir vê-lo com os meus próprios olhos - respondeu, enquanto punha o capacete num ângulo mais favorecedor. - Falei com o senhor Blackerman para que me desse mais um pouco de tempo à hora de almoço - acrescentou, enquanto entrelaçava o braço com o da sua filha.

— Open, este lugar é maravilhoso! Absolutamente fabuloso! Como é óbvio, não sei nada destas coisas e aquelas casinhas ali parecem-me mais barracas sobre montes de terra.

— São os bangalôs.

— Como queiras. No entanto, aquele edifício grande que vi quando entrei é incrível. Parece um castelo do século XIV. Nunca tinha visto nada parecido. É tão atraente, tão majestoso...! Justamente como eu sempre tinha pensado no deserto.

— A sério? - perguntou Open, muito surpreendida.

— Sim. Garanto-te que quando o vi quase não conseguia acreditar que a minha filha fizesse parte de uma coisa tão... grandiosa - comentou, enquanto observava a piscina vazia, que, naquele momento, estava a ser decorada com pequenos azulejos. — Olha! É em forma de meia-lua. Que bonita! Tudo aqui é formado por curvas e arcos, não é? Assim, é mais relaxante, não te parece? O efeito adequado para um complexo turístico.

— Suponho que sim - murmurou Open.

Não queria admitir que até ela mesma estava a começar a ver o encanto.

— O que vai ali para cima?

— É uma cobertura de vidro mutável. Será um pouco fumada para que filtre os raios de sol. Quando estiver aberta, os dois painéis afastar-se-ão e deslizarão pelas paredes.

— Maravilhoso! Eu adoraria ver isto tudo quando estiver acabado. Tens tempo para me mostrar isto tudo ou dou uma volta sozinha?

— Neste momento, não posso sair daqui. Se puderes...

— Oh, olha, ali está o teu arquiteto! - exclamou Jessie, esticando automaticamente a saia.

Jessie já reparara no homem mais baixo e corpulento que estava ao lado de Cody.

— Quem é aquele cavalheiro tão distinto que acompanha o teu namorado?

— Não é o meu namorado - replicou ela. — Não tenho, nem quero um namorado.

— É por isso que me preocupas tanto, querida.

— Recordo-te que Cody Johnson é só um colega de trabalho para mim.

— Como queiras, querida, mas quem é aquele que está com ele?

— É o senhor Barlow. Isto é tudo dele.

— A sério? - perguntou Jessie.

Jessie já tinha começado a sorrir a Cody. Ao ver que ele se aproximava, estendeu-lhe as duas mãos.

— Olá, outra vez! Estava dizendo a Open como gosto do teu trabalho. Tenho a certeza de que este vai ser o complexo turístico mais bonito de todo o estado.

— Obrigado. Este é William Barlow. Esta é a mãe de Open, Jessie Peters.

— A tua mãe? Meu Deus! Não sabia, Open, que só tinha dezesseis anos - brincou Barlow.

Jessie lançou uma gargalhada.

— Espero que não se importe que tenha vindo, senhor Barlow. Estava desejosa de ver o lugar onde Open estava a trabalhar tão arduamente. Agora que o vi, estou convencida de que vale a pena.

— Estamos muito contentes com o trabalho de Open. Pode estar muito orgulhosa dela.

— Sempre estive - comentou Jessie, sem deixar de pestanejar. — Diga-me, senhor Barlow, como lhe ocorreu pôr aqui um complexo turístico e tão bonito também?

— É uma longa história.

— Oh! - exclamou Jessie. Então, olhou para Open, com tristeza. — bom, sei que estou interrompendo toda o mundo no seu trabalho. Tinha esperado que a minha filha pudesse mostrar-me isto tudo, mas vejo que terá de esperar.

— Talvez me permita que lhe mostre.

— Eu adoraria - respondeu Jessie. Entrelaçou o braço com o de Barlow, — embora não queira incomodar.

— Tolices! - replicou Barlow. — Deixamos tudo em mãos muito capazes enquanto nós damos um passeio.

Os dois partiram, não sem que antes Jessie sorrisse a Open por cima do ombro.

— Já está outra vez - murmurou Open.

— O que disseste?

— Nada - respondeu ela.

Open enfiou as mãos nos bolsos e virou-se olhando para os homens. Sempre a tinha incomodado ver a sua mãe em ação.

— Devemos ter o cabeamento e os suportes prontos até ao fim do dia.

— Está bem. Agora, podes dizer-me o que está a incomodar-te?

— Nada. Simplesmente, tivemos alguns problemas com o ângulo - comentou ela, para disfarçar.

— Já os resolveste.

— Com um gasto econômico e temporário considerável.

Iam discutir. Como já o sabia, Cody esfregou a cana do nariz entre os dedos.

— Nunca te cansas de cantar a mesma canção?

— Com uma ligeira alteração nos graus de...

— Teria mudado o aspeto que tem e as sensações que transmite.

— Nem sequer uma mosca colada ao vidro se teria dado conta das mudanças que eu queria.

— Eu teria notado.

— Você é um teimoso!

— Não. Tenho razão.

— Obstinado! Tal como te mostraste muito obstinado quando insististe que tínhamos de utilizar folhas de vidro sólido de tamanho grande, em vez das mais pequenas.

Sem dizer uma única palavra, Cody agarrou-a pelo braço e afastou-a dali.

— O que diabos estás a fazer?

— Cala-te!

Praticamente fazendo com que Open fosse arrastando os calcanhares, fê-la descer para a piscina vazia.

Os operários olharam para eles e sorriram.

Então, Cody segurou o rosto dela entre as mãos e a fez olhar para cima.

— O que vês?

— O céu, bolas! Se não me largares, vais ver estrelas.

— Exato! O céu. É o que quero que se veja. Tanto se a cobertura estiver fechada, como se não. Não quero que se veja vidro, nem janelas, nem cobertura, mas só céu. O meu trabalho é imaginar, Wilson, e o teu é fazer com que o que eu imagino se torne realidade.

Open libertou-se dele.

— Deixa-me dizer-te uma coisa. Nem tudo o que se imagina pode tornar-se realidade. Talvez não seja isso o que as pessoas como você gostam de ouvir, mas é verdade.

— Sabe qual é o teu problema, ruiva? Custa-te demasiado sonhar. Estás demasiado castrada por colunas e cálculos. Na tua cabeça, dois mais dois são sempre quatro, mesmo que a vida pudesse ser muito melhor se, de vez em quando, dois mais dois fossem cinco.

— Sabes como soa estúpido o que acabaste de dizer?

— Sim. Porque não tiras um pouco de tempo para te perguntares "por que não", em vez de veres sempre o que é negativo?

— Eu não vejo sempre o que é negativo. Só acredito na realidade.

— Isto é a realidade. A madeira, o vidro, o aço, o suor... Isto é realidade e, bolas, isto também!

Cobriu-lhe a boca com a sua antes que algum dos dois tivesse oportunidade de pensar.

Os trabalhadores que havia à sua volta pararam durante alguns segundos, mas nenhum dos dois se deu conta. Nenhum dos dois se importou.

Open descobriu que, embora a piscina estivesse vazia, estava completamente submersa.

Compreendeu que aquilo fora precisamente o que tinha desejado. Não podia negá-lo quando sentia os lábios quentes de Cody sobre os seus. Agarrou-lhe com força a camisa de trabalho, não para protestar, mas para possuir. Apertou-o com força contra si quando a espiral do desejo se desatou dentro dela, muito rápida e genuinamente.

Cody não tinha pensado tocar-lhe assim, possuí-la daquela forma, pois

convencera-se de que ela se entregaria a seu tempo. A paciência sempre fora uma parte integrante da sua natureza.

Talvez, se a resposta de Open não tivesse sido tão completa, se não tivesse saboreado o desejo nos seus lábios, conseguisse ter-se afastado do seu lado.

No entanto, como Open, sentia-se completamente submerso na situação.

Pela primeira vez na sua vida, desejava levar uma mulher como se fosse um cavaleiro sobre um corcel branco.

Desejava deitá-la no chão e possuí-la como um guerreiro primitivo que recebia o saque da sua vitória. Como um poeta, ansiava acender as velas e deixar fluir a música. Acima de tudo, desejava Open.

Quando se afastou dela, Open ficara completamente sem fala. Já a tinha beijado antes e tinha conseguido despertar a sua paixão, mas, daquela vez, tinha havido qualquer coisa diferente, mais profunda e desesperada.

Durante um momento, ela só conseguiu permanecer ali parada, olhando para ele, perdida na noção de que uma mulher podia apaixonar-se em qualquer lado, a qualquer momento, mesmo que tivesse erguido muros à volta do seu coração para o proteger.

— É suficientemente real para ti? - murmurou Cody.

Open só conseguiu abanar a cabeça quando o zumbido que sentia no cérebro acalmou e se dissipou em sons diferentes. O ruído dos berbequins, o murmúrio dos homens...

Então, as suas faces coraram rapidamente devido a uma mistura de fúria, vergonha e auto-recriminação.

— Como te atreves a fazer algo do gênero aqui?

Cody enfiou os polegares nos bolsos das calças.

— Tens algum outro lugar em mente?

— Mantém-te afastado de mim, Johnson - exclamou ela, — ou terás de enfrentar uma acusação de assédio sexual!

— Ambos sabemos que o que aconteceu aqui não tem nada a ver com assédio sexual, nem de nenhum outro tipo. É uma coisa muito mais pessoal, ruiva, e o fato de eu manter a distância não vai fazer com que desapareça.

— Muito bem - disse ela, aproximando-se mais um pouco dele ao dar-se conta de que a discussão interessava quase tanto aos homens como o beijo. - Se é pessoal, que continue a ser assim. Fora do horário de trabalho, Johnson. Neste momento, estou a utilizar o tempo pelo qual a Thornway me paga e não tenho intenção alguma de o desperdiçar discutindo contigo.

— Muito bem.

— Muito bem - repetiu ela.

Então, começou a subir as escadas e saiu da piscina.

Cody observou como Open saía do edifício. Muito em breve, os dois não estariam limitados pelo relógio da empresa.

Seis

Eram quase cinco horas quando Open parou ao lado do treiler para passar um pouco de água fria pelo rosto.

Depois da cena que tinha protagonizado com Cody, parecia que tudo corria mal. Alguns dos elevadores eram defeituosos e tinha havido outra discussão entre Rodríguez e Swaggart. Entrara uma lasca no olho de um dos carpinteiros e Tim passara pela obra para se queixar do orçamento.

Enquanto secava o rosto com a toalha, Open pensou que tudo tinha começado com a visita da sua mãe. Não era justo culpar Jessie, porém, sem importar onde nem quando, era o tipo de mulher que trazia complicações e que depois esperava que outros se ocupassem delas.

Talvez não fosse correto lamentar-se por sua mãe e Barlow terem gostado um do outro, mas a história parecia ter o hábito de se repetir continuamente.

A última coisa que Open queria era a possibilidade de um romance entre o dono do projeto e a sua mãe.

Pegou numa pilha de relatórios para levar para casa e decidiu que era melhor preocupar-se com a sua mãe. Era muito melhor pensar na vida amorosa de Jessie, variada e colorida, do que na sua própria.

Recordou a si mesma que não tinha vida amorosa. Nem a queria.

Os seus planos, tanto profissionais como pessoais, já estavam completamente organizados.

Não deixaria que um arquiteto da Flórida os estragasse. Em que infernos estava ele a pensar? .

No momento em que aquele pensamento lhe passou pela cabeça, fez uma expressão de tristeza e abriu a porta com um pontapé. Sabia muito bem no que Cody estava a pensar porque ela tinha estado a pensar exatamente no mesmo.

Fogo-de-artifício, vulcões em erupção, tornados no céu...

Era difícil pensar noutra coisa que não fosse em poder e em caos quando estava nos braços de Cody.

Também lhe aconteceria o mesmo? Perderia parte de si mesmo quando os dois estavam juntos? Desaparecia tudo e toda o mundo como se não tivessem importância alguma?

"É claro que não!"

Fechou a porta do treiler e apoiou a testa contra a parede. Cody era apenas

mais um homem bonito com uma língua e umas mãos hábeis. O mundo estava cheio deles.

Deus sabia que a sua mãe tinha transformado numa ciência a procura e descoberta desses homens.

Mais uma vez, Open pensou que não estava sendo justa. A vida da sua mãe só a ela dizia respeito.

Enquanto se dirigia para o carro com os relatórios, admitiu que também não estava sendo justa com Cody. Ele tinha iniciado o beijo, mas ela não tinha feito nada para o parar.

Isso fazia com que o seu próprio comportamento fosse tão escandaloso e pouco profissional como o dele.

Sim.

Devia tê-lo parado.

Perguntara-se uma dúzia de vezes porque não o fizera. Não fora a surpresa nem a luxúria, embora tivesse preferido culpar alguma das duas coisas.

Fora...

Durante um instante, fora como se alguma coisa maravilhosa e completamente inesperada tivesse acontecido. Tinha havido muito mais do que necessidade, muito mais do que paixão, muito mais do que desejo.

Tinha havido uma explosão e, com aquela explosão, qualquer coisa parecia ter-se libertado dentro dela. Tinha estado prestes a achar que se apaixonara. Obviamente, aquilo era uma tolice.

Enfiou a mão no bolso para tirar as chaves do carro. Ela era demasiado equilibrada para voltar a fazê-lo.

No entanto, fosse uma tolice ou não, a ideia estava fazendo-a passar por maus momentos.

Decidiu que não pensaria nisso. Tinha muitos mais problemas que podiam ocupar a sua mente e a maioria estava nos relatórios que levava nas mãos.

Com esforço e concentração, poderia realizar os cálculos, resolver as equações e encontrar as soluções. Fazer o mesmo com Cody estava mais além da sua capacidade, pelo que o esqueceria e pouparia a dor de cabeça.

Ao ouvir o motor de um carro, virou a cabeça. Viveu outro mau bocado quando reconheceu o desportivo que Cody tinha alugado.

Ele parou ao lado dela justamente quando Open abria a porta do seu próprio automóvel.

Cody tinha estado a pensar muito naquela tarde e tinha tomado as suas próprias decisões. Antes que ela se sentasse ao volante do seu carro, saiu e agarrou-a pelo braço.

— Vamos!

— Estava prestes a fazê-lo.

— Iremos no meu carro.

— Vai tu no teu.

Cody arrebatou-lhe as chaves e os relatórios. Meteu as chaves no bolso e pôs os relatórios no banco traseiro do conversível.

— Entra.

— O que achas que estás fazendo? Se achas que vou a algum lado contigo, estás muito enganado.

— Fazemos sempre do modo mais difícil, não é? - perguntou ele.

Então, pegou-lhe ao colo.

— Estás louco!

Ela esteve prestes a dar-lhe uma cotovelada nas costelas antes de ele a deixar no banco do passageiro. Completamente furiosa, tentou abrir a porta, mas ele impediu-o. Então, inclinou-se sobre ela e disse-lhe, com voz muito suave: — Se saíres deste carro farei com que te arrependas, Wilson.

— Dá-me as chaves!

— Nem pensar!

— Muito bem. Nesse caso, irei a pé até à estrada e pedirei carona.

— Não é preciso porque já tens quem te leve. Quando Cody se dispôs a ir para a sua porta, Open abriu a do lado dela e dispôs-se a sair do carro. Acabava de pôr os pés no chão quando ele a obrigou a entrar novamente no conversível.

— Não me metes medo, Johnson!

— Devias ter medo. Já acabou o dia de trabalho e temos assuntos próprios, Open - disse-lhe. Com um movimento fluido, pôs-lhe o cinto de segurança.

— Eu deixaria-o posto. O passeio pode ter muitos buracos.

Quando ela conseguiu tirá-lo, Cody já se sentara ao volante. Sem dizer uma palavra, voltou a colocar-lhe o cinto e conduziu o carro a toda a velocidade pela estrada.

— O que estás a tentar demonstrar?

— Ainda não tenho a certeza - respondeu ele, enquanto se dirigiam para a estrada principal, — mas vamos para um lugar tranquilo até que o descubra. No meu ponto de vista, o nosso primeiro plano não trouxe bons resultados, por isso, teremos de conceber outro.

O lugar tranquilo a que ele se referira fora o seu hotel. A reação de Open foi sair do carro, batendo a porta com força, e começar a correr pelo estacionamento.

Cody apanhou-a e colocou-a ao ombro. Os insultos que lhe dedicou prolongaram-se até chegarem à suíte de Cody.

Ele abriu a porta e fechou-a quando os dois estavam no interior.

Antes de largar Open sobre uma cadeira, teve a precaução de trancar a porta.

— Queres beber alguma coisa? - perguntou-lhe. Open limitou-se a responder-lhe com um olhar de desprezo.

— Eu quero - acrescentou.

Dirigiu-se para o bar e abriu uma garrafa de vinho.

— Desta vez, beberemos um Chardonnay. Gostarás.

— Sabes do que eu gostaria? - replicou ela, enquanto se levantava muito lentamente da cadeira. — De te ver pendurado pelos polegares sobre uma fogueira. Uma fogueira enorme, Johnson, e um pouco de brisa para que levasse a fumaça, e esta não te fizesse perder os sentidos - concluiu, ao chegar ao bar.

— Porque não provas o vinho, em vez disso tudo? - sugeriu-lhe ele.

Open agarrou rapidamente num copo, mas ele foi mais rápido. Cobriu-lhe os dedos com os seus.

— Ruiva, se me entornares isso pela cabeça, vou zangar-me muito.

Open soltou-se dele e, depois de levantar o copo, esvaziou-o de um só gole.

— Obrigada pelo convite - disse.

Então, dirigiu-se para a porta. Cody chegou antes que ela pudesse abri-la.

— Assim, nunca aprenderás a apreciar o bom vinho - afirmou ele.

Agarrou-a e voltou a sentá-la na cadeira.

— Pára! Podemos falar disto ou eu posso deixar-me levar pelos meus instintos mais primitivos. Depende de ti.

— Não temos nada parfalando.

— Muito bem.

Levantou-a da cadeira com a mesma celeridade com que a tinha sentado nela.

Open conseguiu apenas emitir um gemido de protesto antes de ele a envolver com os seus braços.

Beijou-a como se tivesse a intenção de continuar a beijá-la para a eternidade.

Entrelaçou-lhe uma mão no cabelo enquanto a outra vagava com toda a liberdade. Acariciava possessivamente o corpo de Open, descobrindo assim a sua elegância, a sua suavidade... Nunca lhe tinha tocado daquela maneira e o resultado deixou ambos atônitos.

Open estava tão viva... Cody sentia o pulso dela a pulsar-lhe nas pontas dos dedos. Uma energia avivada pela paixão atravessou o corpo dela, deixando-o atônito e desesperado. Não havia nenhuma outra mulher que conseguisse provocar aquela combinação de necessidades e sensações dentro dele.

Nunca ninguém o tinha feito sentir-se daquela maneira.

Open sentia-se aterrorizada e encantada ao mesmo tempo. Era fácil, quase demasiado, esquecer as regras que tinha criado para a sua relação. Naquele momento, o seu corpo estava a experimentar dúzias de sensações onde ele lhe

tocava. Com um murmúrio de prazer confuso, inclinou-se sobre ele e ofereceu-lhe mais.

Atrás deles, o telefone começou a tocar.

Não lhe prestaram atenção alguma, limitando-se a ouvir os batimentos dos seus corações.

Cody afastou-se brevemente dela para afundar o rosto no cabelo de Open e recuperar o fôlego. Aquilo também lhe acontecia pela primeira vez. Nunca nenhuma mulher o tinha deixado sem fôlego.

Olhou para o seu rosto. Tinha os olhos grandes, quase esverdeados.

Decidiu que parecia tão atônita como ele se sentia.

Se se deixassem levar pelos impulsos, os alicerces fracos sobre os quais se apoiavam acabariam por ceder.

— É melhor falarmos.

— Muito bem - disse ela. Open sentou-se numa cadeira.

Cody regressou ao bar e serviu-lhe mais um pouco de vinho no copo.

Em seguida, entregou-lhe, pegou no seu copo e sentou-se à frente dela.

Estiveram olhando-se durante alguns segundos sem trocarem nenhuma palavra.

Foi Open quem quebrou o silêncio.

— Querias falar.

— Sim. Era disso que se tratava - admitiu ele, com um sorriso. Pelo menos, serviu para aliviar parte da tensão.

— Eu não gostei que me tenhas trazido aqui desta maneira.

— Terias vindo se eu tivesse pedido?

— Não, mas isso não te dá o direito de te transformares num homem das cavernas e de me trazeres para aqui, praticamente a arrastares-me pelos cabelos.

— Garanto-te que não é o meu estilo. Queres que me desculpe?

— Acho que já nos desculpamos com bastante frequência. Querias falar. Muito bem. Dado que já estou aqui, fala!

— Está bem. Acho que é justo dizer que os planos que tão cuidadosamente tínhamos esboçado para mantermos impessoal a nossa relação pessoal fracassaram.

— Tens razão - admitiu Open, olhando para o vinho que tinha no copo, com expressão pensativa.

— Então, o que vamos fazer agora?

— Parece que és tu quem tem as respostas todas - respondeu ela, depois de levantar novamente o olhar.

— Open... Tu querias manter as coisas muito simples - disse Cody, depois de beber um gole de vinho.

— É verdade. Não acho que nenhum dos dois tenha tempo para complicações neste momento das nossas vidas.

Complicações. Cody esteve prestes a levantar-se da cadeira e a segurá-la novamente entre os seus braços para lhe demonstrar como as coisas já estavam complicadas. Apresentava um aspeto tão composto...

— Nesse caso, concentremo-nos nos fatos. Número um, desejo-te. Número dois, tu desejas-me. Agora, se combinarmos esses dois fatores e acrescentarmos a informação de que não somos crianças, mas adultos responsáveis que são suficientemente inteligentes para abordarem inteletual e emocionalmente uma relação, acho que devíamos encontrar uma resposta muito simples.

Open não queria ser inteletual.

Bastara-lhe a recitação prática que Cody fizera dos fatos para se dar conta de que só desejava abrir os braços e o coração para o acolher lá dentro. Para o inferno com os fatos, os planos e as respostas simples!

Aquilo seria o que diria a sua mãe. Recordou a si mesma que o que acontecia com Jessie nunca aconteceria com ela.

Bebeu um gole de vinho e olhou para Cody por cima do rebordo do copo. Parecia tão relaxado, tão à vontade... Não era capaz de ver a tensão que fazia com que os seus músculos vibrassem. Open só via o ligeiro sorriso que se desenhava nos seus olhos e o modo tão relaxado como estava recostado na cadeira.

— Queres que repita, ruiva?

— Não. vou dar-te uma resposta muito simples: teremos uma aventura.

Cody não gostou do modo tão frio como ela o disse, como se não significasse nada. No entanto, não era precisamente aquilo que queria? Estar com ela. Apesar de tudo, doía-lhe e isso surpreendia-o.

— Quando queres começar?

A resposta breve de Cody fez com que Open cravasse as unhas nas palmas das mãos. Tinha aberto a porta.

— Acho que seria melhor que primeiro nos compreendêssemos um ao outro. Não deixarmos que a nossa vida pessoal interfira com o trabalho. É importante que nos metamos nisto sabendo que não há compromissos, nem lamentos, nem pedidos a longo prazo. Dentro de algumas semanas, tu regressarás à Flórida e ficarás lá. Não nos servirá de nada fingirmos que não vai ser assim ou comportarmo-nos como se o que estamos a começar não fosse acabar.

— Está muito claro - disse ele.

Estava completamente atônito com a sua frieza.

— Evidentemente, já passaste por isto antes.

Open não respondeu. Não tinha de o fazer.

Antes que conseguisse baixar os olhos, Cody viu que se refletia neles uma

expressão de tristeza profunda.

— O que se passa? - perguntou. Levantou-se e foi ajoelhar-se ao lado dela.

— Alguém te partiu o coração, ruiva?

— Fico contente por ver que isto te diverte tanto...

— Garanto que não é assim. Não espero ser o primeiro homem na tua vida, mas lamento muito que alguém te tenha magoado. Foi assim tão mau?

A última coisa que Open tinha esperado encontrar em Cody fora sensibilidade. Isso fez com que os seus olhos se enchessem de lágrimas.

— Não quero falar a esse respeito.

— Muito bem - disse ele. Decidira que podia esperar. — Vamos ver o que você acha isto! Vamos jantar juntos.

Open pestanejou para evitar as lágrimas e esboçou um sorriso.

— Não estou vestida para ir jantar fora - comentou, indicando a roupa de trabalho que ainda usava.

— E quem disse alguma coisa sobre sair? Não disseste que gostavas de hotéis porque podias telefonar para o serviço de quartos para pedires a comida e jantar na cama? - perguntou ele, antes de lhe beijar docemente os lábios.

— Sim...

— Deixarei que utilizes o meu chuveiro e que atires as toalhas no chão.

Open sorriu novamente. Iria correr tudo bem. Quase conseguia acreditar.

— Parece-me um bom acordo.

— Garantoe que não encontrarás outro melhor - afirmou Cody.

Agarrou-a pela mão e a fez levantar-se.

— Não mencionaste nada sobre as promessas.

— Suponho que me esqueci.

— Então, eu farei uma.

— Cody...

Ele voltou a beijar-lhe brevemente os lábios. Foi precisamente tanta doçura que interrompeu as palavras de Open.

— Só uma. Eu não te farei mal, Open.

Ela soube que o dizia completamente a sério. O coração que tanto se esforçara para proteger ficou irrevogavelmente perdido.

Cody certamente lhe faria mal, mesmo que se esforçasse para que não fosse assim. No entanto, ela nunca lhe diria.

Daquela vez, quando o telefone voltou a tocar, Cody estendeu a mão e pegou no fone.

— Johnson - disse. Ouviu durante um instante, enquanto roçava suavemente a têmpora de Open com os lábios.

— Lefkowitz, já alguma vez alguém te disse que és muito chato? - perguntou.

Contrariado, largou Open e dedicou toda a sua atenção ao telefone.

— Pusemos-te no comando porque consideramos que conseguirias encarregar-te de complicações como essa. Dá-me o número e eu me encarregarei disso a partir de agora. Se alteras esses planos, parto-te os dedos. Está claro? Muito bem. Apanharei o primeiro voo que partir para lá.

Quando desligou, Open ofereceu-lhe o seu copo de vinho.

— És muito diplomático, Johnson.

— Deixo o tato e a diplomacia para o meu sócio, Nathan.

— Ainda bem. Tens de partir? - perguntou, tentando dar um tom casual à sua voz.

— Sim. Para San Diego. Não entendo porque achamos que um imbecil como Lefkowitz poderia encarregar-se de um trabalho. Aquele homem dá um novo sentido à palavra "inépcia". Um engenheiro muito esperto disse-lhe que tem de fazer alterações no desenho e agora um dos fornecedores não pára de chateá-lo, mas ele não tem a coragem necessária para dizer que não aos dois e seguir em frente com o projeto.

— O projeto é teu?

- Principalmente. Porque não me acompanhas, Wilson? Assim, poderás indicar todas as razões por que o engenheiro tem razão e que eu me enganei. Além disso, assim poderei mostrar-te o mar.

Era uma ideia muito tentadora, tanto que Open esteve prestes a aceitar. Então, recordou que tinha um trabalho para fazer.

— Não posso. Não podemos abandonar os dois o projeto. Quanto tempo vais estar fora? - perguntou, tentando mostrar que não lhe importava.

— Um dia ou dois... A menos que assassine Lefkowitz e tenha de ir a julgamento. Vai contra as regras que sintas a minha falta? - quis saber, depois de a apertar suavemente contra o seu corpo.

— Verei se é possível...

Beijou-a até que os dois ficaram sem fôlego. Cody imaginou que se metia na cama com ela, porém, tal como Open, compreendia a responsabilidade demasiado bem.

— Tenho de pôr algumas coisas numa mala para ir para o aeroporto. Levo-te ao teu carro.

— Claro!

Quando Open se afastou dele, não lhe tirou as mãos dos ombros. Pensou em como era estranho que nunca em toda a sua vida tivesse lamentado ter de apanhar um avião para partir para outro lugar.

De algum modo, nos últimos minutos, parecia ter criado raízes.

— Devo-te uma ducha... e um serviço de quartos.

Open recordou a si mesma que Cody não partia para a guerra. Era apenas uma viagem de negócios. Chegaria o momento em que teria de apanhar outro avião para sair por completo da sua vida. Aquele não era o caso.

— Faremos as contas quando regressares.

Tinha demorado três dias a resolver tudo. Estava furioso.

Naquele momento, estava no quarto de outro hotel, com a mala feita, à espera que chegasse o momento de ir para o aeroporto para apanhar o seu avião.

No bolso, tinha uma coisa que comprara para Open.

Um colar. Tirou-o e observou-o atentamente. Fora um capricho.

Vira-o na mostra de uma joalharia quando se dirigia para uma reunião de negócios. Não eram diamantes brancos frios, mas diamantes de uma suave cor verde-azulada como o mar.

Quando vira aquele colar, pensara nela.

Fechou a tampa da caixa e voltou a metê-la no bolso.

Pressupunha que aquele não era o tipo de presente que duas pessoas que estavam envolvidas numa aventura casual trocavam. O problema para Cody, talvez para ambos, era que o que sentia por Open não era nada informal.

Nunca tinha estado apaixonado antes, mas reconhecia os sintomas. No entanto, sabia que ela não desejava ouvi-lo.

Por isso, não iria dizê-lo. Podia ser que lhe passasse. Conhecia pessoas que se tinham apaixonado e desapaixonado como se nada fosse.

No entanto, isso não era para ele.

Se fosse um sentimento verdadeiro, tinha intenção de o fazer durar. Ele não desenhava nada sem se certificar de que o edifício resistiria ao tempo.

Como poderia fazer menos com a sua própria vida?

Olhou para o relógio e deu-se conta de que lhe faltavam mais de duas horas para apanhar o avião. Deitou-se na cama, agarrou no telefone e telefonou a Open.

Quando lhe pareceu que ela ia atender, abriu a boca parfalando.

Uma voz gravada ecoou-lhe nos ouvidos.

- Este é a secretária eletrônica de Openf Wilson. Lamento não poder atender esta chamada, mas, se deixar uma mensagem, entrarei em contato com a maior brevidade possível. Obrigada.

Cody olhou para o relógio. Estava a perguntar-se por que raios não estava em casa quando o toque do aparelho o devolveu à realidade.

— Olá! Gosto da tua voz gravada, ruiva, mas preferifalando contigo pessoalmente. Escuta, se chegares em casa antes das sete horas, telefona-me para aqui, para o hotel. Eu... Detesto estes malditos aparelhos! Não te zangues, nem nada do gênero, mas senti a tua falta. Muito! Chega depressa em casa, está bem?

Desligou e marcou imediatamente outro número. A voz que atendeu era muito feminina e real.

— Olá, Jack! É Cody.

— Cody! Conseguiste a informação que queria sobre Monument Valley?

— Também gosto de falar contigo, Jack.

— Desculpa - comentou ela, entre gargalhadas. — Como estás? É muito bom falar contigo.

— Obrigado. Na verdade, enviei-te uns cinco quilos de panfletos, fotografias, livros e informação variada sobre o Arizona.

— Devo-te a vida. Estou acabando de rever o meu romance e precisava de mais alguma informação. Agradeço-te imensamente.

— Não tens de quê. Gosto de manter uma relação muito estreita com uma escritora famosa.

— Ainda não sou famosa, mas dá-me alguns meses. Como estão as coisas no Arizona?

— Bem, mas, neste momento, estou em San Diego.

— Em San Diego? Ah, sim, tinha-me esquecido! É verdade, Cody, será que podias...

— Deixa-me descansar um pouco, Jackie! Já se nota a barriguinha?

— Mais ou menos. Nathan acompanhou-me ao médico na semana passada para a ecografia e ouviu o batimento do coração do bebê. Desde então, não é o mesmo homem.

— Está aí?

— Acaba de sair. Eu queria um pouco de aneto fresco para o jantar. Achou que o fato de eu sair para ir às compras poderia cansar o bebê, portanto, foi ele.

— Nathan não saberia distinguir aneto de dente-de-leão.

— Eu sei... Não te parece ainda mais maravilhoso por isso?

— É verdade...

— Quando vais regressar à Flórida?

— Não sei... Estou considerando ficar aqui até que o projeto acabe.

— A sério? - perguntou Jackie. Então, fez uma pequena pausa. — Cody, parece-me detectar que esse desejo tem outro motivo para além do controle criativo.

— Bom... Há uma mulher.

— Não! Só uma?

— Sim, só uma - respondeu, com um sorriso.

— Parece uma coisa séria.

— Poderia ser.

— Quando vais apresentar-me? Tu sabes, para a submeter a um interrogatório

e dar cabo dela. Também é arquiteta? Espera! Já sei! É uma estudante que trabalha como empregada de mesa num bar.

— Não. É engenheira.

— Estás brincando? - respondeu Jackie, completamente atônita. - Tu odeias os engenheiros ainda mais do que Nathan. Meu Deus! Isso deve ser amor.

— Ou isso, ou sofri uma insolação. Escuta, Jack! Queria que Nathan soubesse que já resolvi as coisas aqui e que vou voltar para Phoenix.

— Eu lhe direi. Cody, estás feliz?

Ele pensou durante um momento. Descobriu que não podia responder apenas "sim" ou "não" a uma pergunta tão complexa.

— Isso depende da engenheira. Serei sincero contigo. Estou louco por ela, mas está se fazendo de rogada.

— Se te fizer sofrer, vou lá e parto-lhe a régua de cálculo!

— Obrigado. Acho que isso será mais do que suficiente. Manterei contato.

— Faça isso. Cody... Boa sorte!

Eram quase nove horas quando Open chegou em sua casa.

Tinha tido uma longa conversa durante o jantar que partilhara com a sua mãe. As conversas com Jessie deixavam-na sempre dividida entre dois sentimentos.

O primeiro era de diversão, pura e simples. Jessie era uma mulher muito divertida.

O outro era de preocupação.

A sua mãe era um espírito livre, uma mulher que saltava de homem em homem sem preocupações. O seu companheiro mais recente era W. W. Barlow, ou, como a sua mãe lhe chamava, Willie.

Jessie não parara de falar dele durante todo o jantar, sobre como era doce, atencioso e bonito.

Open conhecia muito bem os sinais. Jessie Wilson Milton Peters estava preparada para outra aventura.

Pousou a mala e tirou os sapatos à medida que ia avançando pela sala. Como se pressupunha que conseguiria manter o profissionalismo no seu trabalho se a sua mãe estava tendo uma aventura com o dono do complexo que estava construindo?

Desatou a rir. Como se pressupunha que conseguiria mantê-lo se ela mesma estava tendo uma aventura com o arquiteto?

A sua vida complicara-se muito em muito pouco tempo. Sabia que poderia voltar atrás. Sempre fora boa a escapar de situações complicadas.

O problema era que estava quase certa de que estava apaixonada por ele. Isso transformava a sua relação numa crise.

Já tinha pensado que estivera apaixonada uma vez, mas...

Não havia "mas". Só porque daquela vez se tornara mais intenso do que nunca, só porque não parecia conseguir passar mais de cinco minutos sem pensar nele, não fazia com que a situação fosse diferente do que lhe acontecera anos antes, à exceção de que agora era mais matura, mais inteligente e estava mais bem preparada.

Ninguém voltaria a fazer-lhe o que Jamie Frye tinha feito. Nunca mais voltaria a sentir-se tão pequena ou tão inútil.

Se o amor era uma crise, conseguiria enfrentá-la do mesmo modo que o fazia com uma crise no trabalho. Tranquila e eficazmente.

Seria diferente com Cody, porque tinha estabelecido umas regras e, além disso, ele era completamente diferente de Jamie. Tinha a certeza disso.

Não era superficial e insensível, tal como fora Jamie. Talvez obstinado. Certamente desesperador, mas não havia crueldade, nem falta de sinceridade nele.

Open decidiu que não podia continuar a pensar nele. Ficaria muito triste só por ele não estar ao seu lado.

O que precisava era de uma boa xícara de café e de uma hora na sua mesa de trabalho.

Mudou de roupa e sentou-se com o café quente na mão, e a mente aberta para as ideias.

Foi então que se deu conta de que a luz que anunciava que tinha uma mensagem na secretária eletrônica estava a piscar.

Apertou o botão. A primeira chamada era de uma colega da universidade com quem não falava há semanas. A segunda era da secretária de Tim para lhe recordar que tinham uma reunião na segunda-feira de manhã. Estava prestes a anotá-lo na sua agenda quando ouviu a voz de Cody e esqueceu tudo o resto...

— ...se chegares antes das sete horas...

Open olhou para o relógio e suspirou. Era muito mais tarde. Se telefonasse para o hotel não conseguirifalando com ele.

Atentamente, ouviu a sua voz.

— ... senti a tua falta. Muito.

Muito contente, rebobinou a cassete e voltou a ouvir a mensagem inteira. Depois, fê-lo uma segunda e uma terceira vez. Durante a hora seguinte, esteve a trabalhar um pouco e a sonhar muito.

O café ficou frio.

Realizou alguns cálculos e planeou como poderia dar a Cody as boas-vindas a casa.

Teria de sair e comprar uma coisa maravilhosa. O dia seguinte era sábado, por isso, certamente chegaria a Phoenix à tarde ou, o mais tardar, no domingo de manhã.

Isso significava horas, talvez um dia inteiro, sem que se visse apressada pela pressão do trabalho.

Decidiu que, de manhã, iria a uma loja e compraria uma criação gloriosa de seda e renda. Qualquer coisa sexy, suave e irresistível.

Também faria uma limpeza de pele. Não só. O tratamento seria completo. Cabelo, unhas, pele... Tudo.

Quando Cody chegasse, ela teria um aspeto fantástico.

O que compraria seria de seda preta. Um atrevimento minúsculo. Também precisaria de vinho. Não recordava os que lhe tinha recomendado, por isso, teria de comprar o que o empregado lhe sugerisse.

Além disso, compraria flores e velas. E teria de limpar e de arrumar o quarto.

Quando alguém bateu à porta, colocou um monte de roupa no armário e fechou a porta.

— Já vou - disse. — Quem é?

— Tens três oportunidades para adivinhar.

— Cody?

— À primeira! - replicou ele enquanto Open abria rapidamente a porta.

Olhou fixamente para ele.

Cody sorriu.

Open usava o cabelo apanhado com um cordão de sapato arrebentado. A maquiagem que colocara para o jantar com a sua mãe tinha desaparecido há muito tempo. Tinha o robe semiaberto e este deixava a descoberto uma camisola enorme que quase não lhe cobria as coxas.

- Olá, ruiva! Queres ir fazer uns cestos?

Sete

Open pestanejou enquanto se perguntava se Cody seria uma miragem.

— O que estás a fazer aqui?

— Estou no patamar. Vais deixar-me entrar?

— Sim, mas... - disse ela. Afastou-se para deixar Cody entrar. — Recebi a tua mensagem, mas não dizias que já tinhas regressado.

— É verdade, mas agora já estou aqui - comentou Cody.

Ele mesmo fechou a porta e deixou a sua mala no chão.

Open pensou em todos os planos que tinha estado a fazer. Observou o seu apartamento desarrumado e passou uma mão pelo cabelo.

— Devias ter-me dito que ias regressar esta noite. Não estava... Não estou preparada.

— E o que importa isso, Wilson? - perguntou ele.

Começou a acariciar-lhe os ombros e a afastar-lhe o robe.

— Tens outro homem debaixo da cama? Ou no armário?

— Não sejas estúpido! - replicou. Cheia de frustração, afastou-se dele.

Devia ter um aspeto horrível, nada a ver com a lingerie sofisticada e sedutora que imaginara.

— Bolas, Cody! Devias ter-me dito que vinhas!

Cody olhou atentamente para ela. Talvez se tivesse deixado levar, pensando que Open se alegraria tanto ao vê-lo como ele se alegrava ao vê-la.

— Teria feito se tivesse conseguido falar contigo, em vez de com a tua secretária eletrônica. Onde estavas?

— Quando? Oh...! Tinha saído para jantar.

— Entendo - disse ele, muito sério. Enfiou as mãos nos bolsos. Quando tocou na caixa de joalharia, recordou a si mesmo que não podia exigir-lhe nada.

— Com alguém que eu conheça?

— Com a minha mãe - respondeu.

A sua resposta provocou um alívio imediato em Cody, que expressou um sorriso.

— De que estás a rir-te?

— De nada.

— Olha, sei o aspeto que tenho, Johnson! Se me tivesses dito que vinhas, podia ter feito alguma coisa a esse respeito. Além disso, o meu apartamento está

muito desarrumado.

— Está sempre muito desarrumado - comentou ele.

Estava a começar a entender o que se passava. Open tinha querido preparar o cenário e ele aparecera antes do tempo.

— Podia tê-lo limpado um pouco... Além disso, só tenho um vinho muito ruim.

— Bom, nesse caso, é melhor ir-me embora - disse ele.

Virou-se, mas depois virou-se novamente olhando para ela, como se lhe tivesse ocorrido alguma coisa de repente.

— Antes, tenho uma coisa para dizer sobre o teu aspeto.

— Tenha cuidado! - avisou-o Open, cruzando os braços.

— Suponho que só há um modo de enfrentar isto com sinceridade. Queres que sejamos sinceros um com o outro, não é, Open?

— Talvez... bom, até certo ponto.

— Tenho de te dizer uma coisa e devias encher-te de coragem para a ouvires.

— Olha, diz já o que...

Tudo teria de esperar.

Cody apertou-a nos seus braços e beijou-a. Com um movimento rápido, tirou-lhe o robe e deslizou as mãos por baixo da camisola, para explorar a pele nua e as curvas sutis de Open.

Com a respiração entrecortada, ela ficou tensa sob as carícias de Cody. Então, sentiu que os seus joelhos começavam a tremer ao sentir que ele estava a empurrá-la rapidamente para o abismo...

— Cody...

— Cala-te! - murmurou, antes de lhe apertar os lábios contra o pescoço.

— Desejo-te - sussurrou ela.

Tirou-lhe o casaco à medida que começavam a avançar pela sala.

Em seguida, foi a camisa, que lhe tirou, sem desabotoar, pela cabeça. Com uma carícia rápida e possessiva, percorreu-lhe o peito com as mãos.

— Agora...

Aquele murmúrio de desespero despertou as sensações dentro dele. O desejo apresentou-se em estado puro, impaciente e primitivo. Para ambos, o quarto ficava demasiado longe.

Quando se deitaram em cima do sofá, ele ainda estava meio vestido, embora ambos tentassem libertar-se das suas roupas.

As mãos de Open eram selvagens, acariciavam-no sem parar enquanto fazia todos o possível para manter a boca unida à dele.

Cody conseguia sentir como o calor emanava dela, empurrando-o para cada vez mais longe da prudência. Com um movimento repentino, tirou-lhe a

camisola e afundou a boca entre os seios de Open.

Com um abandono que jamais conhecera antes, ela arqueou-se contra ele, aceitando de bom grado as carícias da língua e dos dentes. A fragrância delicada que ela colocara antes começou a misturar-se com o cheiro a almíscar do desejo.

Open ia deixá-lo louco. Aquilo era a única coisa em que Cody era capaz de pensar enquanto deslizava para baixo, sobre a pele suave do peito.

Em qualquer lugar que lhe tocasse, em qualquer lugar que a saboreasse, ela respondia com um prazer tão profundo que o deixava atônito.

Tinham esperado demasiado tempo, quase uma vida inteira. Finalmente estavam juntos, sem desculpas nem evasões. Só impaciência.

Quando a roupa deixou de ser um obstáculo, as pernas compridas de Open entrelaçaram-se à volta de Cody. Ela já não conseguia pensar, nem desejava fazê-lo. Só queria sentir, murmurar-lhe o que estava a acontecer dentro dela.

No entanto, não conseguia encontrar as palavras. Nunca tinha experimentado um desejo ou uma paixão semelhantes. O seu corpo era como uma fogueira que só ele tinha a capacidade de avivar.

Sentia uma dor enorme no seu interior. Instintivamente, estendeu as mãos e, como se ele compreendesse o que estava a acontecer-lhe, conduziu-a a um clímax poderoso.

Open pronunciou o seu nome e sentiu-se a cair num abismo, interminavelmente e sem peso algum. Então, Cody apanhou-a e a fez subir novamente.

À luz do candeeiro, viu a pele coberta de suor, os seus olhos totalmente abertos, o cabelo estendido sobre o tapete onde tinham caído. Tentou pronunciar o seu nome, mas o ar que tinha nos pulmões ardia-lhe como se fosse fogo. Beijou-a mais uma vez.

Viu como ela atingia o clímax uma segunda vez.

Sentiu como lhe cravava os dedos nas costas. Para além do que conseguia suportar, penetrou-a profundamente.

Open endireitou-se para se unir a ele com uma velocidade que rasgou por completo o autocontrole de Cody.

Rápido, duro e quente...

Assim, chegaram juntos a um lugar onde nenhum dos dois tinha estado antes.

Debilitado e atônito, Cody deixou-se cair sobre ela. Não tinha energia, nem clareza mental para separar o que lhe tinha acontecido das sensações e das reações individuais.

Era como se uma bolha enorme o tivesse rodeado para depois arrebentar repentinamente, deixando-o sem forças.

Ela era tão suave como água debaixo dele. A sua respiração era lenta e

profunda.

Sentiu que a mão que lhe tinha posto sobre as costas deslizava pouco a pouco, e caía inerte sobre o tapete.

O coração pulsava-lhe rapidamente, pelo que Cody fechou os olhos e se deixou prender pelo seu som e pelo seu ritmo.

Não falaram.

Mesmo que lhes tivesse sido possível articularem palavras, Cody não teria sabido quais utilizar para lhe dizer o que lhe tinha feito.

Só sabia que Open lhe pertencia e que ele faria tudo o que fosse necessário para a manter ao seu lado.

Seria aquilo que o amor provocava? Open perguntou-se se encheria uma pessoa de uma energia selvagem, para depois a deixar tão frágil como se pudesse dissolver-se com a sua própria respiração. Tudo o que sentira antes empalidecia quando comparado com o que tinha experimentado com Cody. Seria amor ou apenas um desejo perturbador?

Importava?

Sentiu que os dedos de Cody se entrelaçavam no seu cabelo.

Importava muito.

Com apenas uma carícia sentira a tentação de esquecer tudo em que acreditava, tudo o que tinha planeado, se isso significasse que ele voltaria a acariciá-la.

Não havia razão para negar o que sentia por ele, embora carecesse de coragem para pensar no que ele poderia sentir por ela.

— Está bem? - sussurrou ele, depois de lhe dar um beijo no pescoço.

— Não sei... Acho que sim. E tu?

— Bem, desde que não tenha de me mexer durante as próximas duas semanas. Continuas zangada comigo?

— Não estava zangada contigo. Só queria que tudo estivesse pronto.

— Pronto?

— Sim. Tinha planejado... - disse.

Não conseguiu continuar ao sentir que lhe acariciava suavemente um mamilo com as pontas dos dedos.

Começou a pronunciar o nome de Cody, mas a palavra acabou num suspiro quando os lábios dele acariciaram os seus.

— Surpreendente... - murmurou Cody.

Os movimentos sinuosos de Open fizeram com que Cody endurecesse dentro dela.

— Absolutamente surpreendente!

Open estava tão surpreendida como ele quando a paixão despertou

novamente entre eles e assumiu o controle.

Em algum momento daquela noite, meteram-se na cama, mas não dormiram.

Era como se, nas poucas semanas que se conheciam, uma montanha de necessidades se tivesse apropriado deles.

Naquela noite, soltaram-se em avalanche.

Não houve música, nem luz das velas, nem sedução de seda e renda. Uniram-se sem enfeites, sem ilusões.

A energia alimentava-se da energia do outro, o desejo do desejo.

Quando finalmente adormeceram, acordaram ao início da alvorada, sedentos de mais. Apesar de terem satisfeito a sua paixão várias vezes, esta permaneceu viva, até que voltaram a adormecer.

Open acordou com os raios do sol sobre o rosto e a cama vazia ao seu lado.

Sonolenta, acariciou o lençol com uma mão e murmurou: — Cody?

Suspirou e abriu os olhos. Então, viu que estava sozinha.

Endireitou-se na cama e olhou à sua volta. Não podia tê-lo sonhado. Ninguém podia tê-lo sonhado. Esfregou o rosto com as mãos e tentou pensar.

Já teria partido? Poderia ter abandonado o apartamento tão facilmente como entrara nele. E se o tivesse feito?

Tinham concordado que não havia vínculos, nem compromissos entre eles. Se lhe doía, se a entristecia, só ela era a culpada. O problema era que sempre tinha desejado mais do que podia ter.

Fechou os olhos e recordou a si mesma que lhe dera uma noite que nenhuma mulher alguma vez esqueceria. Se não lhe parecia o suficiente, a culpa era só dela.

— Esperava que acordasses com um sorriso nos lábios - disse Cody da porta.

Open olhou para a porta. Com um gesto nervoso, cobriu os seios com o lençol.

— Pensei que tinhas ido embora.

— Para onde? - perguntou ele. Aproximou-se da cama e entregou-lhe uma xícara de café.

— Eu... Só pensei que te tinhas ido embora - sussurrou ela.

Pegou a xícara de café que lhe ofereceu e bebeu um gole.

— Vejo que continuas a ter uma opinião muito baixa de mim.

— Não é isso... Pensei que provavelmente terias coisas para fazer.

— Sim... - murmurou ele. Pôs uma perna sobre a cama.

Não recordava ter passado uma noite com uma mulher que o tivesse deixado tão transtornado. E tão incomodado. Bebeu um gole de café.

— O teu café está rançoso, sabias?

— Nunca tenho tempo para fazer café de manhã - disse ela.

Conversa sem importância. Parecia o melhor.

— Eu... Oferecia-te qualquer coisa para tomares o café da manhã, mas...

— Eu sei. Não há nada na cozinha, além de uma banana e uma embalagem de batatas fritas.

— Também há biscoitos.

— Eu achava que eram pedras - afirmou ele. Pôs uma mão debaixo do queixo de Open. — Podes olhar para mim?

Ela fê-lo enquanto a mão que ficava livre se mexia constantemente sobre os lençóis.

— Teria comprado algumas coisas se tivesse sabido que vinhas.

— Não acho que o problema aqui seja não haver bacon ou ovos. Por que não me diz qual é o problema, ruiva?

— Não há nenhum problema - respondeu, tentando utilizar um tom casual.

— Preferias que tivesse ido embora?

— Não... Escuta, não sei o que se pressupõe que devo fazer, nem o que devo dizer agora. Também não sei como devo comportar-me. Não tive muitas oportunidades para me ver neste tipo de situações.

— Não? Quantas vezes te viste numa situação assim? - perguntou.

Apesar de saber que a vida passada de Open só a ela pertencia, desejava saber se tinha havido alguém que tivesse partilhado com ela o que ele tinha experimentado na noite anterior.

— Não se trata de uma brincadeira.

— Por acaso estou rindo? Dá-me a sensação de que estás a comparar o que está a acontecer agora entre nós com alguma coisa que já aconteceu antes. E eu não gosto disso.

— Desculpa.

— Isso não serve de nada. Quero que me fales desse tipo que te fez tanto mal.

— Não acho que isso te diga respeito - replicou ela.

—Enganas-te.

— Eu não te perguntei nada sobre as mulheres com quem estiveste ao longo da tua vida.

— Não, mas poderias fazê-lo se achasse que era importante. E eu acho que isto é importante.

— Bom, pois, enganas-te! Não tem nenhuma importância.

— Se é verdade, porque pareces tão aborrecida?

— Não estou aborrecida.

— Pensei que tínhamos dito que seríamos sinceros.

— Talvez. Acho que também devíamos ter mencionado que não se podia farejar nas relações passadas.

— Parece-me muito justo, a menos que continuem a afetar o presente. Se vai

me comparar com outro homem, quero saber por quê.

— Queres que te fale sobre ele? Está bem. Era arquiteto - disse, com um sorriso triste.

— É por isso que me comparas com ele?

— Tu é que dizes que estou a comparar vocês. Poderia dizer-se que tenho o hábito de ir para a cama com arquitetos. Acabava de sair da universidade e já estava trabalhando com Thornway. Tinha-me dado a oportunidade de trabalhar como assistente do engenheiro num pequeno projeto. James era o arquiteto. Acabava de se mudar da Filadélfia. Era muito esperto, muito inteligente. Eu não.

— Muito bem. Já estou vendo - disse Cody, ao dar-se conta de que ela estava a sofrer.

Cody levantou-se e enfiou as mãos nas calças que vestira antes.

— Não! Querias ouvir a história e vou contá-la. Começamos a sair e eu apaixonei-me. Com a perspetiva que o tempo dá, não posso dizer que ele me tenha prometido alguma coisa, mas deixou-me acreditar no que eu queria. Sempre tinha querido estar em primeiro lugar para alguém, tu sabes, ser a pessoa em quem alguém pensa acima de qualquer pessoa ou de qualquer coisa.

— Sim, eu sei.

— Eu era muito jovem e ainda achava que aconteciam coisas assim, por isso, quando ele me disse como me desejava, eu mostrei-me disposta a aceitá-lo sem condições. Quando fui para a cama com ele, praticamente já ouvia os sinos da igreja a tocarem.

— Mas ele não.

— Havia muito mais do que isso...

— O que aconteceu?

— Eu estava a fazer a mala para ir passar o fim-de-semana com ele. Ia ser tudo muito romântico, muito íntimo. Um fim-de-semana a esquiar no Norte. Neve, fogo na lareira, noites longas... Tinha a certeza de que ele me pediria para que me casasse com ele. Até já imaginava onde viveríamos. Então, recebi uma visita. Estava prestes a sair. Não quero sequer pensar no que teria acontecido se me tivesse despachado antes. A visita era a sua esposa, uma esposa da qual não se incomodara em me falar. O pior de tudo era que ela continuava apaixonada pelo marido e tinha ido falar comigo para me suplicar que o deixasse. Estava disposta a perdoar-lhe, se eu tivesse piedade dela e me separasse dele. Eu não sou o tipo de mulher que se contenta em ser a outra, Cody. Ao princípio, pensei que estava mentindo. Estava praticamente certa, mas não era assim. De repente, vi tudo muito claro. Limitei-me a ouvi-la falando de si mesma e do menino de três anos que tinham, e de como desejava salvar o seu casamento. Tinham-se mudado para o Oeste para recomeçarem, porque tinha havido outros incidentes. Outras

mulheres. Sentime pior do que nunca. Não só usada, mas também traída e suja, muito suja. Ela não parava de chorar e de me suplicar, mas eu não conseguia dizer nada. Tinha ido para a cama com o seu marido.

Cody voltou a sentar-se sobre a cama.

— Terias... Terias começado uma relação com ele se soubesses que era casado?

— Não. Nunca! Nunca o teria feito.

— Então, por que te culpas por uma coisa que desconhecias? Enganou-te tanto como enganou a esposa dele.

— Não é só que me culpe. Já o superei, mais ou menos. E também o esqueci. No entanto, nunca consegui esquecer que me entreguei a ele sem lhe fazer nenhuma pergunta. Nunca me questionei. Quando se comete um erro tão grande uma vez, tem-se muito cuidado para não o repetir. Por isso, concentrei-me na minha profissão e deixei o amor para a minha mãe.

Cody compreendeu que Open não tinha estado com nenhum outro homem.

Não tinha havido mais ninguém na sua vida.

Pensou na noite que tinham passado juntos. Fora maravilhosa, excitante, mas ele não se mostrara carinhoso, nem terno. Não lhe dera nada do romance que ela afirmava que não precisava para viver.

— Open, tens medo de estar cometendo o mesmo erro comigo?

— Tu não és casado.

— Não e também não há outra mulher. Tu não és uma diversão, nem uma coisa que me convém neste momento.

Open nunca poderia ter explicado como aquelas palavras a fizeram sentir-se.

— Não estou a comparar-te com James... bom, talvez um pouco. Sou eu. Sinto-me uma estúpida porque não sei como enfrentar este tipo de coisas. A minha mãe...

— O que tem a tua mãe a ver com isto tudo?

— Durante toda a minha vida, vi como ela saltava de um homem para outro sem sofrer. Para ela, é sempre tão fácil... Não se passa o mesmo comigo.

Cody tomou-a meigamente entre os seus braços.

— Não quero que te comportes de um modo que não desejes, nem que sejas uma coisa que não és na verdade - disse.

Roçou-lhe suavemente a testa com os lábios, sabendo que, se a beijasse, recomeçaria tudo.

— Vamos ver onde nos leva isto tudo, ruiva.: Vamos viver o dia-a-dia. Eu sinto alguma coisa por ti. Podes ter a certeza disso.

— Eu sei. Acho que sei...

Cody abraçou-a de um modo que a surpreemdeu. Foi um gesto tão doce, tão simples...

— Temos o fim-de-semana todo pela frente. Vista algo. Convido-te para tomar o café da manhã.

Open sentia-se muito surpreendida ao ver a facilidade com que Cody conseguia passar de um amante apaixonado a um amigo.

Também a surpreendia a facilidade com que ele a fazia passar pela mesma transição. Comeram num restaurante que Cody tinha descoberto na rua. Já conhecia o seu apetite, portanto, não a surpreendeu ver como comia.

O que a deixou atônita foi a visita que fizeram ao supermercado. Quando regressaram ao apartamento de Open, traziam o que para ela teria pressuposto os mantimentos para um ano inteiro.

— O que se pressupõe que vamos fazer com isto tudo? - perguntou, depois de deixar dois sacos sobre a bancada da cozinha e ver como Cody fazia o mesmo.

— Comer - respondeu ele, enquanto começava a esvaziar o conteúdo dos sacos.

— São apenas produtos básicos.

— Talvez para um regimento. Sabes cozinhar?

— Não. Por isso, deve comprar-se coisas que não precisem de conhecimentos culinários ou coisas que só precisem de ser aquecidas. Desde que se tenha um abridor de latas e um forno, pode viver-se como um rei.

— Acho que comprar comida para levar é muito mais fácil - replicou ela, enquanto ia guardando as coisas na geladeira e nos armários.

— Para comprar comida para levar tem de se sair - observou ele. Então, apertou-a entre os seus braços e encheu-lhe a cara de beijos. — E tu não vais a lado nenhum até segunda-feira.

— Ia sair para comprar uma lingerie preta - comentou Open, entre gargalhadas.

— Sim? Para mim?

— É demasiado tarde - respondeu ela. Então, pegou o pão e colocou-o numa gaveta.

— Vamos falar sobre isso - disse Cody. - Eu gosto muito de como o preto te fica - acrescentou.

Agarrou-a pela cintura e apertou-a contra o seu corpo.

— Provavelmente, foi por isso que me comportei como um maníaco ciumento na festa de Thornway.

— Ciumento? - repetiu ela, rindo-se novamente. — Estavas com ciúmes do senhor Barlow?

— Não me recordes isso!

— Pensei que estavas só a comportar-te de um modo insuportável e insultante.

Cody fez uma expressão de dor e baixou a cabeça para lhe dar uma dentada suave no pescoço.

— Esquece o que eu disse!

— Acho que não - murmurou ela.

Então, inclinou mais um pouco a cabeça para lhe facilitar o acesso.

— Pelo que eu vi naquela noite, estavas muito entretido com a companhia de Marci Thornway.

— Não acredites nisso. Sei distinguir perfeitamente um tubarão quando me deparo com um. Por muito bonitos que sejam os dentes, despedaçam-nos de qualquer modo. Além disso... não gosto de algodão doce - acrescentou, enquanto acariciava suavemente os seios de Open.

— De que gostas? - perguntou ela.

Cody tinha-a encurralado contra o frigorífico e estava a fazê-la tremer.

— Só de ti, ruiva - sussurrou, antes de lhe dar um longo e apaixonado beijo. — Só de ti. Diz-me - murmurou, enquanto lhe acariciava os quadris, alguma vez fizeste alguma coisa construtiva sobre esta bancada? Cortar legumes, enlatar fruta, fazer amor?

— Sobre a bancada? Não. Não fiz nenhuma dessas coisas - respondeu ela, atônita.

Mais uma vez, Cody estava a andar demasiado depressa. Dentro de um segundo, seria impossível afastar-se dela para lhe dar a atenção e o tempo que merecia.

Com um grande esforço, afastou-se e levou a mão de Open aos lábios.

— Teremos de o ter em conta. É verdade, comprei-te mais uma coisa.

— Mais uma coisa? - perguntou ela, olhando à sua volta. - O quê? Um peru de dez quilos?

— Não. Na verdade, comprei-o em San Diego.

— Em San Diego? Uma lembrança?

— Não exatamente. Já acabamos aqui?

— Espero que sim.

— Então, vamos. Vou mostrar-to.

Cody deu-lhe a mão e tirou-a da cozinha. Levou-a para o quarto, onde tinha posto a sua pequena mala sobre uma cadeira. Colocou a mão lá dentro e tirou uma caixa, que entregou a Open.

— Um presente? - perguntou ela, muito assombrada. — É muito amável da tua parte.

— Não te emociones tanto. Pode ser um cinzeiro a dizer: "Lembrança de San Diego".

— Continuaria a ser um presente. Obrigada - disse, depois de lhe dar um

beijo doce nos lábios.

— É a primeira vez que fazes isso.

— O quê?

— Beijar-me.

Open desatou a rir.

— Vejo que tens uma memória muito curta.

— Não - replicou ele. Cody pegou-lhe na mão e deu-lhe um beijo sobre a palma aberta.

— É a primeira vez que me beijas primeiro, antes de eu te encurralar num canto. E nem sequer sabes o que te comprei.

— Não importa. Eu gosto de saber que estiveste a pensar em mim.

— Claro que pensei em ti! - exclamou. Voltou a beijá-la, ligeira e docemente. —Pensei muito em ti. Teria dado isso ontem à noite, mas não me tiravas as mãos de cima.

— Mais vale tarde do que nunca - brincou ela. Quando abriu a caixa, ficou completamente sem palavras.

Tinha esperado uma atenção sem importância, o tipo de presente que um amigo compraria a outro numa viagem.

As pedras preciosas reluziam na caixa, tão claras como a água e tão suaves como o cetim. Não reconheceu, como teria acontecido a outras mulheres, o brilho dos diamantes.

A única coisa que viu foram umas pedras lindas que refletiam a luz da tarde.

— É lindo! - exclamou, completamente assombrada. — Realmente lindo! Compraste-o para mim?

— Não. Comprei-o para Charlie - brincou ele. Levantou o colar e o pôs à volta do seu pescoço.

— Achas que lhe ficará bem?

— Não sei o que dizer. Nunca ninguém me ofereceu uma coisa tão linda - sussurrou ela, enquanto acariciava suavemente as pedras.

— Nesse caso, suponho que terei de comprar outra coisa para Charlie.

Open desatou a rir-se e foi ver-se ao espelho.

— Oh! É tão bonito...! Brilham tanto... - murmurou.

Virou-se e atirou-se nos braços de Cody.

— Obrigada - deu-lhe um beijo. — Obrigada - voltou a beijá-lo. — Obrigada.

— Se tivesse sabido que só era preciso um punhado de pedras, tê-lo-ia comprado há semanas.

— Ri-te de mim à vontade. Estou apaixonada por este colar.

"E eu estou apaixonado por ti", pensou ele. Antes que passasse muito tempo, ela iria sabê-lo.

— Quero ver como brilham sobre a tua pele - disse.

Aproximou-se dela e tirou-lhe a camisa que usava. Viu a mudança que se produziu no seu rosto, o convite que se refletiu nele.

Aceitaria o que lhe oferecia, mas, daquela vez, faria tudo com muito cuidado.

— És tão bonita, Open...! Eu gosto do aspecto que tens sob a luz do sol. Da primeira vez que te vi, estavas completamente iluminada pelo sol... - com um puxão suave, afrouxou-lhe o cordão que tinha na cintura das calças para que estas lhe deslizassem pelos quadris.

Naquele momento, ela ficou vestida apenas com o colar, que brilhava à volta do seu pescoço.

Não lhe tocou, pelo menos, não do modo apaixonado e quente que ela esperava. Emoldurou-lhe o rosto entre as mãos como se fosse feito de cristal e beijou-a muito docemente.

Confusa, Open puxou-lhe a mão.

— Vamos para a cama - disse-lhe.

— Há tempo - sussurrou, enquanto tirava a camisa para que ela pudesse sentir a força sólida do seu peito contra ela.

A paixão debilitou-se, quando antes tinha ardido como se fosse puro fogo. Os músculos de Open tremeram e ficaram completamente lassos. A sua mente, tão clara apenas alguns segundos antes, ficou confusa.

Cody beijou-a várias vezes.

— Eu não... - murmurou.

Inclinou a cabeça para trás quando ele aprofundou o beijo. — Não consigo...

— Não tens de fazer nada. Deixa-me mostrar-te. Pegou-lhe suavemente ao colo e depositou-a, com doçura, sobre a cama.

Tanta ternura preencheu Open de uma maneira tão poderosa que lhe foi impossível levantar os braços. Estavam demasiado pesados para que conseguisse mexer-se.

No entanto, Cody entrelaçou as mãos com as dela e acariciou-a exclusivamente com os lábios.

A mente dela começou a flutuar com um prazer que ia além do físico. Nunca ninguém a tinha tratado como se fosse frágil, delicada ou bonita. Cody fez amor com ela de um modo que ela desconhecia e que nunca esqueceria.

Se a noite fora fogo, a tarde era tranquilidade e delícia.

Tremia sem parar, como uma pena vítima da brisa mais ligeira. Era deliciosa. Tinha visto a paixão e a força.

Sentira-as, mas jamais tinha visto ou tocara na fragilidade de Open, em como estava aberta para o amor.

O que sentira antes, prisioneiro da paixão e do desejo, empalidecia ao lado da

intimidade que estavam a partilhar naquele momento.

O corpo de Open fluía como um rio sob as suas mãos, aquecido pelos seus beijos como uma flor sob o sol.

Quando ela murmurou o seu nome, o som apoderou-se dele, chegando-lhe ao coração. Era a única voz que desejava ouvir.

Murmurou-lhe ao ouvido...

Ela ouviu-o e respondeu, mas não conseguiu compreender as palavras.

As sensações foram-se acumulando. Sentiu as mãos de Cody, a força que havia nelas enquanto lhe acariciava a pele. Sentiu o sabor da sua boca quando ele procurou a dela.

Apesar de lhe ser impossível levantar as pálpebras, a luz do sol tingia a sua visão de vermelho.

O tempo ia passando, pouco a pouco. Poderiam ter passado anos sem que Open se desse conta. Sentiu o roçar do seu cabelo, da sua pele.

Nada lhe pareceu mais importante. Se anoitecesse ou nascesse o sol, não importava, pelo menos, enquanto Cody estivesse ao seu lado a demonstrar-lhe o que podia ser o amor.

Quando deslizou dentro dela, Open deixou escapar um suspiro de boas-vindas.

Mexia-se muito lentamente, fazendo-a subir pausadamente até ao cume do prazer.

Presa no mundo que Cody tinha construído para ela, endireitou-se e começou a marcar o mesmo ritmo que ele, para que os seus corpos se fundissem por completo.

Fizeram-se promessas, embora ela não o soubesse. Formou-se um vínculo sólido e firme.

A respiração de Cody tornou-se mais ofegante. Ele achava que Open já o tinha deixado completamente louco durante a noite, e assim fora, porém, naquele momento, foi muito mais do que isso.

Os músculos tremiam-lhe, o pulso pulsava-lhe nas veias com a força dos golpes de um martelo. Desejava saboreá-la novamente.

Sentiu a respiração dela na boca quando os seus lábios se uniram.

Então, Open abriu os olhos.

Embora ela não soubesse, jamais tinha estado mais bonita do que naquele momento. Embora ela não soubesse, a partir daquele momento, Cody era completa e irrevogavelmente seu.

Open murmurou o seu nome e lançaram-se juntos para o cume do prazer.

Oito

Enquanto entrava com o seu carro no estacionamento da Thornway, Open pensou que não era assim tão difícil estar apaixonada.

Não tinha de se comportar de um modo diferente, nem de viver de um modo diferente, nem de ser diferente.

Não requeria mudar e mostrar a sua vida.

Talvez nunca tivesse pensado que lhe seria possível fazer algo do gênero, mas Cody demonstrara-lhe que estava enganada. Nem que fosse só por isso, ficar-lhe-ia sempre agradecida.

Se era capaz de o amar sem mudar quem era, não significaria também que, quando chegasse o momento de ele partir, conseguiria retomar a sua vida onde a tinha deixado e viver como o tinha feito antes?

Queria acreditar nisso. Tinha de acreditar nisso.

Com as chaves na mão, atravessou o estacionamento para chegar ao edifício.

Sabia que o sol não brilhava com mais força naquela manhã, porém, no seu coração, parecia-lhe mais dourado e mais bonito do que antes. Sabia que era tudo uma questão de perspetiva. Uma aventura amorosa podia desenhar-se como qualquer outra coisa.

Se os dois elementos do casal se amassem, se deleitassem um com o outro e se respeitassem, contavam com uns alicerces sólidos. A partir daí, era apenas uma questão de irem acrescentando aço e betão.

Depois do fim-de-semana que tinham partilhado, Open tinha a certeza de que tinham feito progressos. Sem a tensão do trabalho a interferir entre eles, tinham descoberto prazeres dentro e fora da cama.

Gostava de Cody.

Parecia uma coisa quase elementar, mas era uma revelação para ela. Não era apenas uma questão de necessidade, de atração, de amor. Gostava de quem era, de como pensava e de como ouvia.

Não tinha procurado companhia nele, como também não tinha procurado paixão, porém, num só fim-de-semana, tinha descoberto que podia ter as duas.

Atravessou o hall e dirigiu-se para o elevador.

Apertou o botão de chamada e sorriu ao recordar os diferentes momentos do fim-de-semana.

Cody fizera-a tão feliz...

Isso, em si mesmo, era muito mais do que alguma vez tinha esperado de qualquer homem. Estavam a construir uma relação sólida e forte. Quando chegasse o momento de prescindir dela, poderia olhar para trás e recordar que uma coisa maravilhosa tinha feito parte da sua vida.

Quando as portas do elevador se abriram, entrou e sentiu que umas mãos lhe rodeavam a cintura.

— Vais subir?

Enquanto as portas se fechavam, Cody virou-a e apanhou a boca de Open com a sua. Ela respondeu ao beijo tal como ele tinha esperado.

Quase não tinha passado uma hora desde que a tinha deixado, para ir ao hotel e mudar de roupa para a reunião, mas pareciam dias.

Cody compreendeu que tinha tocado muito dentro dele. De todas as formas possíveis. Só estava começando a planejar como enfrentar os resultados.

— Tens um gosto muito bom, ruiva - sussurrou, parando sobre os lábios dela durante um instante. — E gosto da tua cara.

— Obrigada. Demoraste muito pouco tempo a chegar aqui.

— Só tinha de mudar de roupa. Poderia tê-lo feito na tua casa se me tivesse permitido que levasse algumas coisas.

Open não estava pronta para isso. Se Cody vivesse lá, o apartamento ficaria demasiado vazio quando partisse.

Sorriu e olhou para ver em que andar estavam. Deu-se conta de que ainda estavam no hall. Abanou a cabeça e apertou o botão, uma vez que os dois se tinham esquecido de fazê-lo.

— Eu não gostaria que tivesses de renunciar ao serviço de quartos e à jacuzzi.

—Sim...

Cody sabia que estava a evitá-lo. Por muita intimidade que alcançassem, ela continuava a recusar-se a dar o passo seguinte e a percorrer o espaço que ainda os separava.

Parou um momento para controlar a sua frustração e apertou o botão que parava o elevador entre os andares.

— O que estás a fazer?

— Quero perguntar-te uma coisa antes de regressarmos ao trabalho. É pessoal. Conforme acho recordar, uma das regras é não misturarmos o trabalho com o prazer.

— É.

— Jantas comigo?

— Cody - disse ela, depois de lançar um longo suspiro, — não tinhas de me prender no elevador para me convidares para jantar.

— Isso significa que aceitas?

— A menos que fiquemos aqui trancados.

— Jantaremos no meu hotel. E ficarás para passar a noite comigo.

— Sim, eu gostaria. A que horas?

— Quanto mais cedo, melhor.

Open desatou a rir e programou o elevador para o andar onde se encontrava o escritório de Tim.

— Nesse caso, é melhor pormo-nos a trabalhar.

Tim estava à espera deles com uma bandeja de café e bolos, que Open ignorou por completo.

Só demorou alguns segundos a reconhecer os sinais de stress, apesar de Tim se comportar de um modo tão jovial e simpático como sempre.

Viu-se obrigada a conter a sua própria impaciência quando começaram a discutir várias vezes detalhes dos planos.

Se não estivesse na obra às dez horas, perderia outra inspeção.

Quando Tim começou a apresentar-lhes alguns diagramas que mostravam a sequência da construção e as datas estimadas da conclusão, recostou-se na cadeira e deu-se por vencida.

Teria sorte se estivesse no trabalho ao meio-dia.

— Como podem ver - prosseguiu Tim, — a preparação dos terrenos e a colocação dos alicerces foram completadas nos seus prazos correspondentes. Começamos a atrasar-nos na instalação dos telhados. E agora têm outro atraso com a canalização e o spa.

— O atraso não será mais de um ou dois dias - disse Open. — Poderemos compensá-lo quando começarmos com os bangalôs. Se continuarmos a este ritmo, o complexo estará construído e operacional dentro dos prazos que se calcularam.

— Estamos construindo há três meses e já estamos com um atraso de dez por cento - observou Tim. — Isso afeta o orçamento. A menos que possamos encontrar maneiras de reduzir custos, o orçamento vai disparar.

— O orçamento não tem nada a ver comigo, nem com Open - comentou Cody, — mas, pelas minhas próprias contas, acho que vai estar o mais perto do que pode ser possível.

— Cody tem razão. Não tivemos contratempos de importância. Correu tudo muito melhor do que noutros projetos em que trabalhei, Tim. Os gastos extraordinários foram mínimos. Acho...

Interrompeu-se quando o telefone começou a tocar.

— Perdoem-me - disse Tim, antes de pegar o fone. — Julie, quero que não me passes nenhuma chamada até que... Oh, sim, é claro...! Sim, Marci. Ainda não. Estou numa reunião. Não, não houve tempo. Eu sei - acrescentou, depois de

beber um gole de café. — Eu farei... Esta tarde. Sim, sim, prometo-te. Tu... - comentou. Esfregou a nuca e interrompeu-se. — Está bem. Vejo-as quando chegar em casa. Às seis horas. Não, não me esquecerei. Adeus!

Desligou o telefone.

Pareceu a Open que o sorriso de Tim era um pouco forçado quando se virou olhando para eles.

— Lamento imenso pela interrupção. Estamos planejando uma pequena viagem para o mês que vem e Marci está muito ansiosa. O que estávamos a dizer?

— Eu ia assinalar que acho que podes estar muito contente com o modo como este projeto está progredindo - comentou Open, embora não tivesse a certeza de que Tim estivesse a ouvi-la.

— Tenho certeza de que têm razão - disse Tim, depois de alguns instantes. Dedicou um sorriso a ambos. — Simplesmente, quero controlar as coisas. Agora, tenho certeza de que estou afastando-os do trabalho, portanto, não prolongaremos mais esta reunião.

Quando Cody e Open saíram do escritório, o primeiro perguntou: — A que propósito achas que foi aquilo?

— Não tenho a certeza - respondeu ela, enquanto se dirigiam para os elevadores. — Suponho que tem o direito de estar um pouco nervoso. Este é o primeiro projeto de que se encarrega sozinho. Tudo o resto já estava mais ou menos encarrilado quando o seu pai morreu.

— Thornway tem boa reputação - comentou Cody, depois de entrarem no elevador. — Que opinião tens de Tim?

— Não quero fazer críticas. Eu era muito ligada ao seu pai. Apreciava-o muito. Ele conhecia o negócio da construção de todos os ângulos. Era... com ele, tratava-se de uma coisa pessoal. Acho que sabes ao que me refiro.

— Sim.

— Tim não é o tipo de homem que era o seu pai, mas este deixou-lhe uma espectativa muito alta para superar.

Atravessaram o hall e dirigiram-se juntos para o estacionamento.

— Quão justo achas que é o orçamento que realizou para este trabalho?

— Muito justo. Talvez demasiado - disse ela, — mas não acho que seja tão estúpido para se arriscar num projeto desta envergadura. As cláusulas de penalização são imensas. Isso, sim, eu sei. O suficiente para assustar qualquer um. São rebatidas por uma boa recompensa, se o trabalho for acabado antes do previsto.

— Nesse caso, talvez esteja a pensar demasiado na recompensa - observou Cody.

Encolheu os ombros e apoiou-se sobre o carro de Open.

— Parece-me que a sua esposa lhe sai muito cara. É só uma observação, mas o colarzinho que usava na outra noite deve ter custado a Tim uns cinco ou seis mil dólares.

— Mesmo? - perguntou ela, quando estava prestes a entrar no carro.

Aquele comentário afastou Cody das suas especulações. Sorriu.

— És tão bonita, ruiva!

— Achas realmente que aquele colar lhe custou tanto dinheiro? - insistiu ela.

— As mulheres como aquela não se contentam com jóias de vidro.

— Não, suponho que não - murmurou, embora lhe custasse acreditar que alguém pudesse gastar tanto dinheiro num colar.

— Em que estás a pensar?

— Estou a pensar que Tim deve estar louco, embora possa gastar o seu dinheiro como quiser.

— Talvez o considere um investimento - comentou.

Ao ver que Open o observava sem compreender, apressou-se a explicar-se: — Podíamos dizer que algumas mulheres precisam de muitos incentivos para permanecerem ao lado de um homem.

— Bom, acho que o problema é dele. De qualquer forma, não temos tempo para permanecer aqui a mexericar sobre Tim e a sua esposa.

— São só especulações. Escuta, tenho de fazer uma parada a caminho do trabalho. Podes seguir-me?

— Sim, mas porque...?

— Tenho de ir buscar uma coisa. Gostaria da tua ajuda - disse.

Deu-lhe um beijo e partiu para o seu carro.

Dez minutos mais tarde, Open entrou atrás dele na Pneus Jerry.

— O que vais comprar aqui?

— Um conjunto novo. O que achas? - replicou Cody.

Saiu do seu carro e tirou-a do dela. Então, os dois dirigiram-se para a oficina Atrás de um balcão puído havia um homem muito calvo com óculos que se dirigiu imediatamente para eles para os atender.

— Bom dia! - gritou, por cima do ruído da oficina. — O que posso fazer por vocês?

— Vê aquele carro? - perguntou-lhe Cody. Virou-se e apontou para o veículo de Open.

— Quero que lhe mude os pneus todos. Até o sobressalente.

— Mas eu... - disse Open.

Antes que ela pudesse acabar, o homem começou a rever os catálogos.

— Temos uns pneus em saldo muito bons - comentou.

— Quero os melhores - afirmou Cody.

Os olhos do homem começaram a brilhar atrás dos óculos.

— Cody,isto é...

— Muito bem - afirmou o empregado. Evidentemente, tinha começado a calcular os lucros, porque não perdeu tempo na hora de preencher a folha de serviço.

— Tenho uma coisa no armazém que servirá na perfeição.

Cody olhou para a folha de serviço, reparou na marca e assentiu.

— Estará pronto às cinco horas?

— À justa - respondeu o empregado, depois de olhar para o relógio e consultar a lista de trabalhos do dia.

— Muito bem - replicou Cody.

Tirou as chaves da mão de Open e entregou-as ao homem.

— Voltaremos a essa hora.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Cody tirou-a da oficina.

— O que achas que estás fazendo?

— Estou comprando o seu um presente de aniversário.

— O meu aniversário é em Outubro.

— Nesse caso, já está dado.

— Olha, Cody, não tens nenhum direito de tomar este tipo de decisões em meu nome. Não podes... colocar uma pessoa numa oficina de pneus e encomendá-los sem a consultares.

— É melhor aqui do que no supermercado. Além disso, não meti uma pessoa qualquer nesta oficina, mas alguém muito importante para mim, alguém que não gosto de ver conduzindo o carro com quatro pneus carecas há seis meses. Queres discutir por causa disso?

— Não, mas poderia ter-me encarregado de comprar os pneus. De fato, já estava pensando em fazê-lo.

Codi começou a rir.

— Quando?

— Em breve - respondeu ela, vagamente.

— Pois, agora já estáfeito! Feliz aniversário.

Open decidiu que o melhor era render-se. Inclinou-se para ele e deu-lhe um beijo.

— Obrigada.

Open regressou naquela noite para sua casa, com muita pressa.

Tinha voltado a perder a visita do inspetor, mas os alicerces para os primeiros bangalôs tinham passado na vistoria.

Além disso, pudera ver em funcionamento a cobertura retrátil e, finalmente, os elevadores não tinham problema algum.

No entanto, a reunião com Tim causara-lhe alguns problemas e o tempo que tinha perdido fizera-a prolongar o seu dia de trabalho até às seis horas.

A seguir, tinha demorado quase mais uma hora para ir buscar o seu carro.

— Nunca estão prontos quando dizem que estarão - murmurou, enquanto subia a toda a velocidade as escadas do seu edifício. Quando chegou ao patamar da sua porta, viu algo que iria atrasá-la ainda mais. — Mamãe, não sabia que vinhas ver-me.

— Oh, Open, estava prestes a deixar-te um bilhete! Tens pressa?

— Passei o dia todo a correr - respondeu ela. Abriu rapidamente a porta do seu apartamento.

— Vim em má hora?

— Não... Sim. Quer dizer, vou voltar a sair dentro de alguns minutos.

— Nesse caso, não te reterei muito - Jessie suspirou, enquanto entravam na sala. — Saíste tarde do trabalho?

— Sim - disse Open.

Dirigiu-se rapidamente para o quarto. Não iria jantar com Cody vestida com calças jeans e botas.

— Depois, tive de ir buscar o meu carro.

— Voltou a avariar-se? - quis saber Jessie, entrando também no quarto.

— Não. Mudei os pneus. Na verdade, Co... Um amigo meu ofereceu-me o jogo completo como presente.

— Estás a dizer que alguém te ofereceu uns pneus?

— Sim - respondeu Open. Tirou um vestido verde. - O que te parece isto?

— Para um encontro? Lindo! Tens uns brincos vistosos?

— Talvez - respondeu Open.

Abriu uma gaveta e começou a procurar.

— E porque te ofereceu esse amigo os pneus?

— Porque os meus estavam muito gastos e preocupava-o que tivesse um acidente.

— Meu Deus! Isso foi a coisa mais romântica que ouvi em muito tempo.

— Os pneus parecem-te românticos? - perguntou Open.

Tirou um brinco de prata com umas pedras cor de cobre.

— Estava preocupado contigo e não queria que sofresses um acidente. O que pode haver de mais romântico do que isso?

Open deixou cair o brinco na gaveta.

— Não me pareceu isso.

— Isso é porque tu raramente vês o lado romântico das coisas. Sei que vais dizer-me que eu o vejo com demasiada frequência, mas eu sou assim, querida. Tu pareces-te muito mais com o teu pai. Prática, sensata e direta. Talvez se ele não

tivesse morrido tão jovem...

— Amava-o muito? - perguntou Open, enquanto começava a procurar uma mala de viagem. — Desculpe. Não devia perguntar-te isso.

— E porque não? Adorava-o. Éramos jovens, não tínhamos dinheiro e estávamos completamente enamorados. Às vezes, acho que nunca fui mais feliz em toda a minha vida e sei que são anos que jamais esquecerei, e pelos quais sempre me sentirei agradecida. O teu pai mimou-me muito, Open. Cuidou de mim e tratou-me do modo que todas as mulheres deveriam ser tratadas. Suponho que o procurei em todos os homens com quem estive. Tu eras apenas uma menina quando ele morreu, porém, quando olho para ti, vejo-o sempre.

— Nunca me dei conta de que era isso que sentias por ele - disse Open, depois de se virar muito lentamente.

— Por que sempre me foi tão fácil ter relações com outros homens? Eu não gosto de estar sozinha. Fazer parte de um casal é tão necessário para mim como a tua independência o é para ti. Seduzir é como respirar para mim. Continuo a ser bonita - comentou, depois de se ver ao espelho. — E gosto de o ser, e também que os homens pensem que o sou. Se o teu pai não tivesse morrido, acho que as coisas teriam sido muito diferentes. O fato de eu conseguir ser feliz com outros homens não significa que não o amasse.

— Deve tere parecido que estava a criticar-te. Desculpe.

— Não. Sei que não me compreendes. Na verdade, eu nem sempre te compreendo, mas isso não significa que não te ame.

— Eu também te amo. Eu gostava que fosses feliz.

— Bom, estou a tentar... Estou sempre tentando. Essa é uma das razões pelas quais vim. Queria que soubesses que vou viajar durante alguns dias.

— Sim? Para onde?

— Para Las Vegas. Willie vai ensinar-me a jogar blackjack.

— Vais viajar com o senhor Barlow?

— Não olhes assim para mim! Willie é um dos homens mais doces que já conheci. De fato, é divertido, atencioso e um cavalheiro. Reservou suítes separadas.

— Bom, divirta-se... - comentou Open. Era-lhe difícil digerir as notícias.

— Sim, irei fazer isso. Sabes uma coisa, querida? Se arrumasses estas coisas todas no armário e na cômoda, conseguirias encontrá-las quando... Oh, meu Deus! - exclamou, ao ver o colar que Cody oferecera a Open. — Onde arranjaste isto?

— Foi um presente - respondeu Open. Sorriu ao ver que a sua mãe se punha diante do espelho com o colar à volta do pescoço.

— É muito bonito, não é?

— É muito mais do que isso. Acho que não devias deixá-lo tão à vista.

— Tenho a caixa em algum lugar. Acho que o usarei esta noite.

— Se fosse meu, nunca o tirava. E foi um presente? De quem?

—De um amigo.

—Vá lá, Open...!

— Está bem. Cody comprou-mo quando esteve em San Diego.

— Bom, bom... Sabes uma coisa, querida? Este é o tipo de presente que um homem dá à sua esposa. Ou à sua amante.

Ao ouvir aquelas palavras, Open corou. Tentou disfarçar, escovando o cabelo.

— É apenas uma atenção de um colega de trabalho e amigo.

— Os colegas de trabalho não oferecem colares de diamantes.

— Não sejas tola! Não são de verdade.

— É a minha única filha e tem uma carência tão grande na sua educação... Não posso acreditar!

— Vá lá, Mamãe! Os diamantes são brancos e estas pedras não são. Além disso, é ridículo pensar que Cody me compraria diamantes. É um colar lindo com umas pedras coloridas muito bonitas, mais nada.

— Open, és uma engenheira muito boa, mas, às vezes, preocupas-me - disse Jessie. Tirou a caixa de pó de arroz da mala e abriu-a.

— Vidro - informou-a, mostrando-lhe o espelho. — Diamantes - acrescentou. Esfregou o colar contra o espelho e mostrou-o a Open.

—Está riscado...

— É claro que está riscado. É o que os diamantes fazem. O que tens neste colar são cinco quilates. Nem todos os diamantes são brancos, sabes?

— Meu Deus! São verdadeiros... - murmurou. — Eu achava que era apenas um colar bonito.

— O que eu acho é que é melhor que acabes de te arranjar para que possas ir agradecer-lhe como merece - aconselhou-a Jessie, depois de lhe dar um beijo na face.

Cody estava muito nervoso. Não costumava reparar muito nas horas, porém, já tinha olhado várias vezes para o relógio nos últimos minutos. Já passava das oito horas. Segundo os seus cálculos, Open já deveria ter chegado.

Onde estava?

Sentou-se numa cadeira e acendeu um cigarro. Talvez aquele fosse o comportamento normal de um homem apaixonado. Recordou como ficava bonita quando dormia. Tão suave, tão vulnerável... Até o caos do seu apartamento lhe parecia encantador.

Gostava do modo como caminhava, como se sentava...

Decidiu que estava completamente louco por ela. Por isso, quando Open bateu à porta, levantou-se e abriu-a em menos de três segundos.

— Valeu a pena - disse, quando a viu.

— O quê?

— A espera - respondeu.

Agarrou-a pelo braço e a fez entrar na suíte. Antes que pudesse baixar a cabeça para lhe dar um beijo, viu a expressão estranha que ela tinha nos olhos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não tenho a certeza - disse. — Que bonita! acrescentou, ao ver a mesa, perfeitamente decorada.

— Podemos pedir quando quiseres - disse ele. Tirou-lhe a mala das mãos e colocou-a no chão.

— Qual é o problema, ruiva?

— Olha, eu não sei muito destas coisas e, na altura, não me dei conta do que era. Agora que sei, desconheço como devo reagir. É disto que se trata - afirmou, mostrando-lhe o colar que usava ao pescoço.

— O colar? Pensei que gostavas dele.

— Claro que sim! E lindo, mas pensei que era bijutaria. De vidro ou daquelas pedras artificiais. A minha mãe veio visitar-me esta tarde. Vai para Las Vegas com o senhor Barlow.

— E esse é o problema? - perguntou Cody. Não conseguia entender do que Open estava falando.

— Não. A minha mãe disseme que este colar é de diamantes.

— Foi o que me disse o joalheiro. E depois?

— Como "e depois"? Cody, não podes oferecer-me um colar de diamantes.

— Está bem. Dá-me um minuto para pensar - disse ele. Sentou-se e recordou a alegria com que ela tinha recebido o presente. Fizera-o sorrir, sobretudo, ao dar-se conta de que ela tinha achado que era apenas bijutaria.

— És uma mulher muito interessante, Wilson. Ficaste muito contente quando pensaste que o tinha comprado numa loja de bagatelas.

— Não pensei isso, mas... Eu nunca tive diamantes - comentou, envergonhada, como se isso explicasse tudo.

— Gosto de saber que fui o primeiro a oferecê-los para você. Tens fome?

— Cody, não estás a ouvir-me!

— Não fiz outra coisa senão ouvir-te desde que entraste. Preferia mordiscar-te o pescoço, mas estive a conter-me.

—Estou a tentar dizer-te que não sei se é correto que fique com ele.

— Muito bem. Vou devolvê-lo então...

— Mas eu quero ficar com ele. Sei que devia devolver-te o colar e ia fazê-lo,

mas quero ficar com ele. Não devias ter-me posto numa situação como esta, Cody.

— Tens razão, ruiva. Só um estúpido compraria um colar como este e esperaria que uma mulher ficasse muito contente ao recebê-lo.

— Não era o que queria dizer e sabes muito bem... Estás fazendo-me parecer uma estúpida.

— Não te preocupes. Não me custou muito isso.

— Não sejas tão arrogante! - protestou ela, contendo um sorriso. — Ainda tenho o colar.

— Tens razão.

— É tão bonito... - sussurrou, reconhecendo a derrota.

Aproximou-se de Cody e rodeou-lhe o pescoço com os braços.

— Desculpe - brincou ele. — Da próxima vez, compro-te uma coisa barata e feia.

— Suponho que também devia agradecer-te pelos pneus.

— Acho que devias, sim - sussurrou Cody. Pôs-lhe as mãos sobre os quadris e começou a acariciá-la.

— A minha mãe disseme que eram um presente muito romântico.

— Gosto da tua mãe - murmurou.

Sem deixar de a acariciar, começou a desenhar-lhe a forma dos lábios com a língua.

— Cody...

— Hum?

— Não me compres mais presentes, está bem? Põem-me nervosa.

— Não há nenhum problema. Deixarei que tu pagues o jantar.

— Tens mesmo fome? - perguntou-lhe ela. Tinha estado a pentear-lhe o cabelo com os dedos enquanto o observava de forma sedutora, com os olhos semicerrados. —Depende...

— Nesse caso, comeremos mais tarde, está bem? - sugeriu ela, antes de se apertar ainda mais contra ele.

Nove

— Cody, importas-te de abrir a porta?

Open estava sentada na cama, a calçar as suas botas de trabalho. Quando bateram à porta, franziu a sobrancelha e olhou para o relógio. Não era muito normal receber visitas às sete horas da manhã. Decidiu que faria com que a visita fosse breve, já que queria estar na obra antes das oito horas.

Cody saiu da cozinha com uma xícara de café na mão. Tinha o cabelo ainda húmido da ducha e a camisa semiaberta, e foi assim que abriu a porta.

Era a mãe de Open.

— Oh, olá! - cumprimentou Jessie, um pouco surpreendida.

— Bom dia! - respondeu ele. Afastou-se para lhe permitir a passagem.

— Levantou-se muito cedo.

— Querifalando com Open antes que ela fosse para o trabalho. Depois, tenho muitas coisas para fazer. Ela está em casa?

— No quarto. Quer uma xícara de café?

— Na verdade, eu... Oh, estás aí, filha! - observou.

Dedicou um sorriso nervoso a Open.

— Mamãe... - respondeu ela, muito surpreendida.

Os três permaneceram parados durante um instante, sem saberem o que dizer.

— O que estás a fazer aqui a estas horas da manhã?

— Querifalando contigo antes de ires para o trabalho - respondeu. Então, hesitou e olhou para Cody. — Acho que adoraria uma xícara de café.

— É claro! - respondeu ele, dirigindo-se imediatamente para a cozinha.

— Open, podemos sentar-nos um pouco?

Sem dizer uma palavra, Open indicou-lhe o sofá. Esperava que a sua mãe não fosse comentar nada acerca do fato de ter um homem no seu apartamento.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, não aconteceu nada - respondeu. Respirou fundo e aceitou a xícara que Cody lhe oferecia.

— O que lhes parece se eu as deixar a sós? ; — Não é preciso - garantiu-lhe Jessie. De fato, alegrava-se por a sua filha ter alguém na sua vida.

— Por favor, senta-te, Cody. Lamento ter interrompido, mas não demorarei muito tempo. Acabei de regressar da viagem que fiz com Willie e quis passar aqui para contar... Casei-me.

— O quê? - perguntou Open, completamente atônita. — Em Las Vegas? Com quem?

— ComWillie,éclaro!

Open ficou em silêncio durante vários segundos. Quando falou, o fez muito lentamente, espaçando cada palavra.

— Casaste-te com o senhor Barlow em Las Vegas?

— Há dois dias - respondeu Jessie. E estendeu uma mão para lhes mostrar um anel de diamantes.

— Quando decidimos que era o que queríamos, não encontramos razão alguma para esperarmos. Afinal de contas, não somos crianças.

— Mamãe, mas... Quase não o conheces!

— Pude conhecê-lo muito bem durante as últimas duas semanas. É um homem maravilhoso, querida. Admito que não esperava que me pedisse para me casar com ele, mas, quando o fez só pude dizer que sim. Estávamos lá e havia uma pequena capela... Portanto, casamo-nos.

— Já tens muita prática! - exclamou Open.

Os olhos de Jessie refletiram irritação, no entanto, a sua voz permaneceu tranquila.

— Eu gostava que te alegrasse por mim. Eu estou muito contente, mas, se não conseguir fazê-lo, pelo menos, gostaria que o aceitasse.

— Nisso, eu também tenho muita prática.

— Willie queria vir comigo esta manhã, mas pensei que seria melhor que te dissesse sozinha. Aprecia-te muito e tem-te em grande conta, tanto como mulher, como como profissional. Espero que não dificultes as coisas.

— Eu também aprecio o senhor Barlow - respondeu Open, com voz muito seca.

— Suponho que não devia surpreender-me. Desejo boa sorte aos dois!

— Bom, isso já é qualquer coisa - disse Jessie, um pouco triste. — Bom, tenho de ir para apresentar a minha demissão - acrescentou, enquanto se levantava.

— Vai deixar o teu emprego?

— Sim. vou mudar-me para Dallas. O lar de Willie é lá.

— Entendo. Quando partes? - quis saber Open, também se levantando.

— Esta tarde, para que possa conhecer o seu filho. Mas voltaremos dentro de alguns dias - explicou Jessie.

Teria gostado de abraçar a sua filha, mas pensou que era melhor não o fazer.

— Telefono-te quando regressarmos.

— Muito bem - disse Open. Não havia afeto na sua voz. — Boa viagem.

Cody dirigiu-se para a porta para a abrir. Então, antes de Jessie sair, tocou-lhe afetuosamente no braço.

— Desejo-lhe as maiores felicidades, Jessie.

— Obrigada - sussurrou ela. Estava muito triste.

— Cuide dela, por favor - acrescentou, antes de partir.

Cody fechou a porta devagar e virou-se olhando para Open, que continuava exatamente no mesmo lugar.

— Foste muito dura com ela, não te parece?

— Não se meta nisto!

— Não acho que possa fazê-lo. Qual é o problema, Open? Não achas que a tua mãe é livre para se casar com quem quiser?

— É claro! Sempre foi. Agora, quero acabar de me arrumar para ir trabalhar.

— Não - afirmou Cody.

Agarrou-a pela manga antes que ela pudesse desaparecer no quarto.

— Não vais trabalhar, nem vais para lado nenhum até que tenhas falado comigo!

— Muito bem. Queres que fale contigo? Farei isso, então. A minha mãe não muda. É sempre a mesma coisa com ela. Primeiro, foi Jack, o meu pai - disse, depois de pegar na fotografia de um homem. — Morreu antes de fazer vinte e cinco anos. Conforme me disse a minha mãe, era o grande amor da sua vida.

— O teu pai morreu há muito tempo. A tua mãe tem o direito de continuar a viver.

— Garanto-te que o fez. Não foi necessário que ninguém lhe dissesse que o fizesse. De fato, foi um pouco difícil seguir-lhe o rasto. Segundo marido, Bob - comentou, pegando noutra fotografia. — Eu tinha uns seis anos quando decidiu que era livre para se casar com ele. Este durou dois, talvez três anos. Em seguida, veio Jim. Não nos esqueçamos dele. Foi o terceiro marido. Antes dele, houve mais três ou quatro, mas não chegou a casar-se com eles. Jim era dono de uma daquelas lojas que abrem vinte e quatro horas por dia. Conheceram-se quando a minha mãe foi comprar refrigerantes e casaram-se seis meses mais tarde. Isso foi mais ou menos o tempo que permaneceram juntos de casados. Na verdade, Jim não conta. De fato, nem sequer se incomodou em manter o seu sobrenome. Depois, veio Bud. O belo do Bud Peters. Não tenho fotografia dele. Bud vendia sapatos e gostava de fazer coisas na casa. Não era um homem que fosse revolucionar o mundo, mas eu apreciava-o muito. Suponho que Jessie também, porque estiveram juntos quase sete anos. Isso é um recorde para a minha mãe. O belo do Bud Peters tem o recorde.

— A vida é dela, ruiva.

— Também era a minha vida - replicou ela, apaixonadamente. — Bolas, também era a minha vida! Tens ideia do que era para mim nunca saber o sobrenome que a minha mãe ia utilizar ou perguntar-me constantemente que

homem seria o meu próximo padrasto, onde iríamos viver ou para que escola eu iria?

— Não, não sei, mas agora és uma mulher adulta. O casamento da tua mãe não tem de te afetar.

— É sempre o mesmo. Não vês? Vi-a a apaixonar-se e a desapaixonar-se mais depressa do que uma adolescente. Cada vez que se casa ou que se divorcia, diz o mesmo: "Isto vai ser o melhor para todos nós". Mas nunca era, pelo menos, para mim. Agora, vem aqui para me dizer que se casou depois de o ter feito. Sempre descobri estas coisas depois de ela ter dado o grande passo.

— Talvez não tenha mostrado muita sensatez ao longo da sua vida, mas isso não significa que não te ame.

— Claro que me ama, mas à sua maneira. Nunca foi do modo que eu precisava. Não importa. Acho que tens razão. Estou a reagir de um modo exagerado. Falarei com ela, com os dois, quando regressarem. Desculpe, Cody - acrescentou, passando os dedos pelo cabelo. — Descarreguei minha irritação em cima de ti.

— Não, não o fizeste. Só desabafaste.

— Suponho que estou a comportar-me de um modo egoísta e estúpido.

— Não. Apenas humano - sussurrou e acariciou-lhe suavemente a face. — Venha cá - acrescentou, antes de a abraçar. — Estou louco por ti.

— Verdade?

— Sim. Estive a pensar que, quando isto tudo acabar, devias ir para o Leste... durante algum tempo - acrescentou, para não a assustar. — Podes ver a casa que estou construindo e chatear-me por causa do design. Podes ver o mar.

Se fosse para o Leste com ele, conseguiria voltar a partir depois? Não queria pensar nisso, nem em finais, nem em despedidas.

— Acho que gostaria de fazer isso - disse. — Eu gostaria que me mostrasses o mar. Eu ainda não tive oportunidade de te mostrar o deserto.

— Podíamos ausentar-nos hoje do trabalho. - Open sorriu e afastou-se dele. Cody tinha-a ajudado muito. Ajudara-a a voltar a levantar-se.

— Acho que não. Não seria correto que eu não prestasse a devida atenção ao projeto do novo marido da minha mãe.

Quando chegaram à obra, o humor de Open melhorara consideravelmente. Sabia que sem Cody teria permanecido deprimida e zangada durante dias.

Ele ajudara-a muito.

Desejava poder dizer-lhe como era bom para ela, sem pôr demasiada pressão na sua relação. Até àquele momento, não tinha havido promessas, não tinham falado do futuro, nem tinham fingido que haveria finais felizes. O convite para ir visitar a sua casa fora suficientemente informal para que não a tivesse

preocupado aceitá-lo.

Depois de chegarem à obra, cada um foi para seu lado, como acontecia habitualmente. Mais tarde, partilhariam a noite. Open decidiu dirigir-se para os bangalôs.

— Tunney - disse Open, em jeito de saudação, para o capataz responsável pelas instalações elétricas, — como estão as coisas?

— Bastante bem, senhorita Wilson. Pensei que ainda estava ocupada no spa.

— Queria ver como estão as coisas por aqui. Achas que a cablagem vai ser acabada a tempo? Thornway está um pouco nervoso.

— Sim, claro que sim! Talvez queira dar uma olhadela àquelas unidades ali - comentou, assinalando uma das seções. — Os carpinteiros estão progredindo muito.

— Muito bem - disse Open. — Bolas! - acrescentou. Acabava de prender a bota num bocado de cabo.

— É preciso manter isto limpo e arrumado. O inspetor responsável pela segurança embargava-nos por causa disto.

— É preciso ter cuidado onde se põe os pés! - aconselhou-a Tunney, depois de afastar o bocado de cabo. Atirou-o para um balde do lixo.

— Sim. Este pedido acabou de chegar? - perguntou Open, assinalando três rolos enormes de cabo. — Desde que os fornecedores não nos falhem, tudo correrá bem.

Apoiou-se sobre um dos rolos e observou a obra. Naquele momento, compreendeu que tinha começado a ver e a entender a visão de Cody. i Aquele seria um dos lugares mais maravilhosos do estado. Quando o complexo turístico estivesse acabado, não só se fundiria na perfeição com o deserto, como também o celebraria.

— Vai ser um lugar fantástico, não vai, Tunney?

— Acho que sim.

— Alguma vez passaste um fim-de-semana num lugar destes?

— Não.

— Eu também não. Nós só os construímos, não é verdade?

— Suponho que sim.

— Vejo que estou a impedir-te de trabalhar - comentou ela, ao reparar na impaciência do homem. Tunney não era um dos operários mais simpáticos.

Open tentou endireitar-se e afastar-se do rolo, no entanto, o cabo prendeu-se nas suas calças jeans.

— Meu Deus, hoje estou muito trôpega! Disseste que estes rolos chegaram hoje?

— Há uma hora.

— Bolas, acho que isto não é cabo de doze centímetros, mas de dez! - exclamou ela, com o conhecimento dado pela experiência.

— Acho que tem razão, senhorita. Nós pedimos de doze, por isso, acho que alguém se enganou no pedido.

— Telefone agora mesmo ao fornecedor e diga-lhe que nos enviem imediatamente o cabo de doze centímetros que pedimos. Não queremos sofrer nenhum atraso.

— Muito bem, senhorita.

De repente, ouviu-se um ruído forte de vidros partidos e um grito vindo do spa.

— Meu Deus! - exclamou Open. Dirigiu-se imediatamente para o spa. Ouviam-se os homens a gritar.

Quando chegou lá, viu que Cody estava ao lado do corpo ensanguentado de um dos operários. Sentiu um nó no coração.

— É grave? - perguntou.

Achou reconhecer vagamente o trabalhador.

— Não sei - respondeu Cody. — Já vem uma ambulância a caminho.

— O que aconteceu?

— Parece que estava no andaime interior a acabar parte do cabeamento. Perdeu o equilíbrio, deu um passo em falso... Não sei. Caiu diretamente pela janela... Foram mais de seis metros.

— Não podemos levantá-lo desse vidro?

— Pode ter machucado as costas ou o pescoço. Não podemos mexê-lo.

Alguns minutos mais tarde, quando ouviram a sirena da ambulância, Open voltou a assumir o controlo.

— Cody, telefona a Tim. Conta-lhe o que aconteceu. Afastem-se todos! Dêem espaço para que o pessoal da ambulância possa trabalhar!

— Como se chama o homem?

— Dave - disse alguém. - Dave Méndez.

— Tem família?

— Uma esposa - respondeu outro dos homens, enquanto fumava um cigarro com uma expressão nervosa. O que tinha acontecido a Méndez poderia ter acontecido a qualquer um deles. — Chama-se Carmen.

— Eu encarrego-me disso - anunciou Cody, enquanto os paramédicos da ambulância prendiam Méndez a uma maca.

— Obrigada. Eu vou acompanhar a ambulância. Alguém devia estar lá. Quando souber de alguma coisa, telefono-te.

Depois de trocar algumas palavras breves com os paramédicos da ambulância, Open começou a correr para o seu carro.

Trinta minutos mais tarde, estava na sala de espera do hospital, a passear, muito nervosa, de um lado para o outro. Apesar de Méndez não ser da sua família, estava muito preocupada com o que poderia acontecer. Não parava de rezar.

— Open!

— Cody - disse, ao vê-lo. — Não achava que viesses aqui.

— Vim trazer a esposa de Méndez. Está assinando alguns papéis na recepção.

— Sinto-me tão inútil... Não querem dizer-me nada. Como está a esposa dele?

— Aterrada e confusa. Está tentando suportar tudo o que está a acontecer. Meu Deus, acho que não tem mais de dezoito anos...!

— Eu ficarei com ela - anunciou Open. — Não devia esperar sozinha. Telefonaste a Tim?

— Sim. Está muito aborrecido. Disse para o mantermos informado.

Open ficou atônita. Na época do pai dele, se um empregado ficasse gravemente ferido, Thomas Thornway apresentaria-se pessoalmente no hospital.

— Talvez pudesse tentar falar com o médico agora - disse ela.

Estava prestes a abandonar a sala de espera quando uma jovem mulher grávida entrou.

— Senhor Johnson?

Cody rodeou-lhe os ombros com um braço. A mulher estava a tremer. Conduziu-a rapidamente para uma cadeira.

— Open, esta é Carmen Méndez.

— Senhora Méndez - sussurrou Open. Segurou rapidamente as duas mãos da mulher entre as suas. — Sou Open Wilson, a engenheira do projeto. Se não se importar, eu gostaria de ficar com a senhora. Há alguém a quem queira que telefone?

— À minha mãe - murmurou a jovem, sem parar de chorar. — Vive em Sedona.

— Pode dar-me o número?

— Sim... - sussurrou ela, em espanhol. Open sentou-se ao seu lado e começou a fala com ela em espanhol, uma língua que falava com fluidez. Assentiu e ouviu atentamente as respostas de Carmen. Depois de um momento, levantou-se e dirigiu-se para Cody.

— Estão casados há menos de um ano - disse, enquanto avançavam pelo corredor. — Está grávida de seis meses. Está demasiado nervosa para entender o que o médico lhe dizia, mas acho que levaram Méndez para a sala de operações.

— Queres que vá ver o que consigo descobrir?

— Obrigada. Este é o número da sua mãe - explicou-lhe Open, depois de rabiscar rapidamente o número num papel que trazia no bolso.

Ela voltou para o lado de Carmen para a reconfortar.

Quando Cody voltou para junto delas, trouxe-lhes alguma informação. Passaram quatro horas à espera naquela sala de espera. De vez em quando, Open tentava que Carmen bebesse um pouco de chá.

— Devia comer alguma coisa - murmurou. — Pelo seu filho. O que lhe parece se for buscar alguma coisa?

— Quando vierem os médicos. Por que não vêm?

— Sei que é muito difícil esperar.

Acabava de pronunciar aquelas palavras quando viu o médico, ainda com a roupa da sala de operações. Carmen também o viu e agarrou-se com força à mão de Open.

— Senhora Méndez? - perguntou o médico.

Sentou-se à frente dela, sobre a mesa. — O seu marido acaba de sair da sala de operações.

O medo fez com que Carmen não compreendesse o inglês e lançou um grito de desespero em espanhol.

— Quer saber como está - traduziu Open.

— Estabilizamo-lo. Tivemos de lhe tirar o baço e havia outras lesões internas, mas é jovem e forte. Continua em estado crítico e perdeu uma quantidade considerável de sangue devido aos ferimentos internos e às lacerações. Tem as costelas partidas.

Carmen fechou os olhos. Não compreendera quase nada do que o médico dissera. Só lhe interessava saber se o seu marido ia fi car bem.

— Vai morrer? - perguntou.

— Estamos fazendo tudo o que podemos por ele, mas os ferimentos são muito graves. Vai ficar nos Cuidados Intensivos durante algum tempo.

— Posso vê-lo? - perguntou Carmen.

— Muito em breve. Viremos ter consigo assim que tiver saído da Recuperação.

— Obrigada - sussurrou Carmen, secando os olhos. — Muito obrigada. Esperarei.

Open foi falar com o médico antes que voltasse a partir.

— Que possibilidades tem na realidade?

— Para ser sincero, eu teria dito que muito poucas quando o trouxeram. Tinha as minhas dúvidas de que sobrevivesse à operação, mas fê-lo e, como disse, é jovem e forte.

— Conseguirá andar?

— Ainda é cedo para dizer, mas tenho muitas esperanças, embora precise de uma fisioterapia muito longa.

— Queremos que lhe proporcionem tudo o que precisar. Não acredito que a senhora Méndez tenha seguro, mas a Thornway tem uma apólice excelente para despesas médicas.

— Serei muito franco em lhe dizer que não haverá muitas despesas, porém, com tempo e cuidados, se recuperará.

— É o que queremos. Obrigada, doutor. - Open apoiou-se contra a porta, completamente exausta.

— Estás bem? - perguntou-lhe Cody.

— Agora, bastante bem. Tinha tanto medo. É tão jovem...

— Estás agindo muito bem com a sua esposa.

— Se eu estivesse no seu lugar, não quereria esperar sozinha. São apenas uns garotos... Esteve a contar-me como estavam contentes por causa do bebê, que tinham estado poupando para comprarem móveis e como era bom que ele tivesse um emprego estável...

— Não chore - sussurrou Cody. Secou-lhe uma lágrima da face. — Vai correr tudo bem, tenho a certeza.

— Sinto-me tão inútil...

— Vamos para casa.

— Não quero deixá-la sozinha.

— Nesse caso, esperaremos até que a mãe dela chegue aqui.

— Obrigada. Cody... Fico muito contente por tu também estares aqui.

Ele apertou-a entre os seus braços.

— Ruiva, mais cedo ou mais tarde, vais compreender que já não consegues livrar-te de mim.

Mais tarde, quando estava a anoitecer, Cody estava sentado numa cadeira do apartamento de Open, a observá-la. Ela estava adormecida no sofá, completamente exausta.

A conversa de que fora testemunha naquela manhã entre Open e Jessie tinha-lhe revelado muitas coisas. Não fora um incidente único, uma traição, o que a fazia mostrar-se tão cautelosa com respeito às relações sentimentais.

Fora a sua vida toda.

Devia ser muito difícil confiar num homem depois de se ter vivido com tantos... No entanto, estava com ele.

Talvez continuasse a erguer barreiras, mas estava ao seu lado. Isso significava alguma coisa. Sabia que demoraria tempo, talvez mais do que tinha planeado, mas encarregar-se-ia de que Open ficasse com ele.

Levantou-se, aproximou-se dela e pegou-lhe ao colo.

— O que se passa? - perguntou Open. Acordou muito sobressaltada, com os olhos totalmente abertos.

— Estás exausta, ruiva. Deixe-me levar-te para a cama.

— Estou bem. Só precisava de um descanso.

— Podes desncansar melhor na cama - disse Cody, enquanto ela se aninhava contra ele.

Levou-a para a cama e, em seguida, sentou-se aos seus pés para poder tirar-lhe as botas.

— Estava a sonhar...

— Com o quê? - quis saber Cody.

Depois de lhe tirar as botas, começou a desabotoar-lhe as calças.

— Não sei exatamente, mas era muito agradável... Estás tentando me seduzir?

— Neste momento, não - respondeu ele. Olhou-lhe para as pernas compridas e para as ancas estreitas, que estavam completamente nuas, à exceção de um prático triângulo de algodão.

— Por quê?

— Principalmente, porque gosto de te seduzir quando estás acordada - sussurrou Cody.

Cobriu-a suavemente com o lençol e inclinou-se para ela para beijá-la na testa. Antes que conseguisse afastar-se, Open agarrou-o pela mão.

-—Estou acordada - murmurou. Tinha os olhos fechados, mas estava a sorrir.

— Quase.

Cody voltou a sentar-se na cama e começou a acariciar-lhe o cabelo.

— Trata-se de um pedido?

— Hum... Não quero que vá embora. -.Cody tirou as botas e meteu-se com ela na cama.

— Não vou a lado nenhum.

Open rodeou-o com os braços e aninhou o corpo contra o dele. Então, começou a beijá-lo.

— Vais fazer amor comigo?

— Já estou fazendo...

A luz foi-se tornando cada vez mais tênue. Open mexia-se com ele, com a mesma facilidade com que o faria uma esposa depois de muitos anos de casamento. No entanto, as suas carícias excitavam-no como se fosse uma amante recente.

Não falaram. Não era necessário.

Open queria tocar-lhe, sentir a sua força nas mãos. Era estranho que se sentisse a salvo entre os seus braços, quando nunca antes sentira que precisasse de segurança. Sentia-se protegida, cuidada, desejada.

Cody dar-lhe-ia tudo sem que ela tivesse de lho pedir. Fora precisamente o que tinha estado a sonhar. Não só com o prazer, mas também com a segurança de

estar com o homem que amava.

Emoldurou-lhe o rosto entre as mãos e tentou mostrar-lhe o que tinha medo de lhe dizer.

Open era maravilhosa. Embora tivessem feito amor muito lentamente, quase com preguiça, arrebatara-lhe o fôlego. Não parecia haver limites para a sua generosidade.

Não havia pressa. Não havia mais sons para além dos suspiros de ambos e do murmúrio suave dos corpos sobre os lençóis.

Cody olhou para ela com as últimas luzes do dia. Os seus olhos já não mostravam sono, mas excitação.

Muito lentamente, como se uma parte dele soubesse que teria de recordar aquele dia em algum momento de solidão do futuro, acariciou-lhe o cabelo, até que lhe deixou o rosto completamente descoberto. Não conseguia deixar de olhar para ela. Inclinou-se sobre ela e beijou-a.

Open envolveu-o com os seus braços, quase receosa das sensações que a ternura de Cody estavam a produzir nela. Os seus olhos encheram-se de lágrimas com a beleza daquele momento.

Sussurrou suavemente o seu nome, dando assim rédea solta às suas emoções. De repente estavam abraçados, como estariam os sobreviventes de uma tempestade. Desesperados. Era como se não conseguissem tocar-se o suficiente, como se não lhes bastasse o que tinham.

Abraçados, beijando-se, rolaram pela cama. Os lençóis enrolaram-se à sua volta.

A ternura viu-se substituída por uma ansiedade que era igualmente devastadora. com os dedos entrelaçados, Open colocou-se em cima dele e deslizou suavemente para o acolher dentro dela.

Quando Cody a preencheu por completo, arqueou-se e gemeu de prazer. Apanhados pelas últimas luzes do entardecer, dirigiram-se para o crepúsculo e para a noite acolhedora.

Dez

— Agradeço-te muito por teres vindo comigo. : Cody olhou para Open quando parou o carro à frente do hotel onde se hospedavam W. W. Barlow e a sua esposa.

— Não sejas tola!

— Não, digo-o a sério - disse ela, brincando nervosamente com o colar, enquanto um empregado vinha abrir-lhe a porta do carro. — Este problema é meu. É um problema familiar-acrescentou, depois de sair do veículo. Esperou que Cody se juntasse a ela,

— mas não teria gostado de vir sozinha a este jantar.

— Não estás sozinha. No entanto, não tens razão alguma para achar que isto vai ser uma espécie de julgamento. Não vais ser entrevistada pelo Departamento de Estado - comentou Cody, enquanto atravessavam o hall do hotel. — Só vais jantar com a tua mãe e o seu novo marido.

— E isso é uma coisa em que tenho muita experiência - replicou ela, rindo-se.

Pararam à entrada do restaurante, até que o maitre veio recebê-los.

— Boa noite, senhores! - cumprimentou o homem, com um sorriso. — Uma mesa para dois?

— Não. Viemos para jantar com os Barlow - respondeu Cody, enquanto agarrava a mão de Open com força.

— É claro! - replicou o maítre. — Os senhores Barlow acabam de se sentar. Façam o favor de me acompanhar...

Atravessaram a sala de jantar atrás do maítre. Tal como este dissera, os recém-casados já estavam sentados. Estavam de mão dada.

Barlow viu-os primeiro e levantou-se imediatamente.

— Bem a tempo - disse. Agarrou a mão de Cody e apertou-a com força. — Fico contente por teres podido vir - acrescentou. Antes de se virar para Open, hesitou durante um momento. — Bom, posso beijar a minha enteada?

— É claro! - respondeu ela. Ofereceu-lhe uma face, mas deparou-se com um abraço forte. Então, com mais sentimento do que tinha esperado, devolveu-lhe o abraço.

— Sempre quis ter uma filha - murmurou Barlow, — mas nunca esperei tê-la com a minha idade.

Sem saber o que fazer em seguida, Open inclinou-se para beijar a sua mãe.

— Estás maravilhosa! Gostaste da tua viagem?

— Sim - respondeu Jessie.

Estava a torcer o guardanapo no colo.

— Vou gostar tanto de Dallas como Willie gosta. Espero, esperamos, que arranjes tempo para ires visitar-nos.

— Terás sempre um quarto disponível na nossa casa - afirmou Barlow. - Será o teu lar quando fores visitar-nos.

— É muito amável da sua parte.

— Não se trata de amabilidade - replicou Barlow. — Somos uma família agora.

— Gostariam de beber alguma coisa antes do jantar? - perguntou-lhes o maitre. Evidentemente, estava encantado por ter um dos homens mais ricos do país numa das mesas do seu restaurante.

— Beberemos champanhe. Um Dom Pérignon de 71 - disse Barlow. Então, pôs a mão sobre a da sua esposa. — Estamos a comemorar.

— Muito bem, senhor.

Um silêncio incômodo apoderou-se dos quatro presentes quando o maítre se afastou. Quando Cody sentiu que Open lhe agarrava a mão por baixo da mesa, decidiu que tinha chegado o momento de lhe proporcionar alguma ajuda.

— Espero que possa ir verificar como vai o projeto antes de partir para Dallas.

— Sim, sim. Tinha pensado em fazê-lo - disse Barlow, agradecido pelo comentário.

Cody começou a levar a conversa para um terreno neutro. Open compreendeu que os três sozinhos teriam tido muitos problemas em encontrarem as palavras certas. Só Cody estava relaxado.

O fato de ver a sua mãe e Barlow tão nervosos fez com que Open se sentisse egoísta e má. Era evidente que os dois se amavam. Não mostrar a sua aprovação ao casamento não ajudava ninguém e magoava toda a gente. Inclusive ela mesma.

Pareceu haver um suspiro de alívio comum quando se serviu o champanhe.

— Muito bem - disse Barlow, com um sorriso nervoso.

— Eu gostaria de propor um brinde - afirmou Cody.

— Não! - interrompeu-o Open. — Eu gostaria de o fazer. À felicidade dos dois! - acrescentou, simplesmente. — Espero que ame tanto a minha mãe como eu a amo. Fico muito contente por se terem encontrado.

— Obrigada! - murmurou Jessie.

Tentou recuperar a compostura, mas não conseguiu fazê-lo.

— Tenho de ir retocar a maquiagem. Perdoem-me um minuto.

Partiu rapidamente, deixando Barlow com um sorriso nos lábios.

— Foi muito bonito, Open! Uma atenção muito bonita - sussurrou, pegando-lhe na mão. — Garanto-te que vou cuidar muito bem dela. Um homem da minha idade não encontra com muita frequência a oportunidade de recomeçar. Certificarei-me de fazer tudo muito bem.

Open levantou-se e deu-lhe um beijo na face.

— Estou convencida disso. Volto já!

Barlow viu como seguia a mesma direção de Jessie.

— Se estivesse mais orgulhoso acho que arrebentava pelas costuras - disse Barlow. Então, levantou o seu copo e bebeu um bom gole. — Que belo par, não é?

— A quem o diga!

— Bom, agora que temos um minuto... Jessie disseme que Open e tu estão... juntos.

— Vai bancar o papai comigo, W. W.?

— Como já disse, nunca tinha tido uma filha respondeu Barlow, um pouco envergonhado. Faz com que um homem se sinta muito protetor. Sei que Jessie gostaria de ver a sua filha feliz. Acha que os sentimentos de Open podem ser a sério. Se os teus não forem...

— Eu a amo. - Dissera-o. Em voz alta. Sentia-se maravilhoso. Considerara aquelas palavras tão maravilhosas e excitantes como o champanhe. Nunca tinha esperado que lhe saíssem tão facilmente. Como se estivesse a experimentar, voltou a dizê-las: — Eu a amo. Quero casar-me com ela - afirmou.

A segunda parte, sim, surpreendeu-o. Não era que não tivesse pensado num futuro com Open ao seu lado, mas a ideia do matrimônio surpreendeu-o. Muito agradavelmente.

— Meu Deus... - sussurrou Barlow, encantado. Voltou a levantar o seu copo. — Já a pediste em casamento?

— Não, eu... Farei quando for o momento certo.

Ao ouvir aquelas palavras, Barlow desatou a rir e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Não há nada mais néscio do que um jovem apaixonado... A menos que seja um velho. Deixa-me dizer-te uma coisa, rapaz: tenta-se planear estas coisas para se encontrar o momento certo, o lugar certo, o ambiente certo. Nunca se encontra. Talvez não tenhas idade suficiente para te dares conta de como o tempo é valioso, porém, deixa-me dar-te um conselho: não há nada pior do que olhar para trás e ver todo o tempo que se desperdiçou. Aquela jovem... A minha filha - acrescentou, muito orgulhoso — é uma dádiva. É melhor que fiques com ela antes que te escape. Bebe outro copo. Os pedidos de casamento saem mais facilmente quando se está relaxado. Eu tive de me embebedar nas duas vezes.

Cody assentiu e levantou o seu copo, perguntando-se se Barlow estaria certo.

Open encontrou Jessie no banheiro das senhoras, sentada numa poltrona branca e a soluçar em cima de um lenço de papel.

— Disse alguma coisa errada? - perguntou-lhe Open, depois de se sentar ao seu lado.

— Não - murmurou Jessie. — Tudo o que disseste esteve bem e fizeste-me muito feliz - acrescentou.

Entre soluços, Abraçou-se ao pescoço de Open.

— Estava muito nervosa por causa do jantar desta noite. Receava que me odiasses.

— Eu nunca te odiei. Não conseguiria fazê-lo. Peço desculpa por ter tornado as coisas tão difíceis, Mamãe.

— Nunca o fizeste. Sempre foste a única coisa na minha vida com a qual podia contar. Sempre te pedi demasiado. Sei que te defraudei várias vezes e lamento tê-lo feito, mas já não posso mudar o passado. Para te ser franca, não sei se o faria mesmo que tivesse oportunidade. Cometi erros e tu tiveste de pagar por eles. Nunca pensei primeiro em ti e tens todo o direito de estares incomodada comigo por isso.

— Lembras-te de quando eu tinha dez ou onze anos e aquele rapaz, Bob Hardy, me empurrou da bicicleta? Cheguei a casa com os joelhos cobertos de sangue e a camisa rasgada.

— Esse menino era muito mau. Quis dar-lhe uma boa bofetada.

— Tu limpaste-me, beijaste-me todas as feridas e prometeste-me uma camisa nova. Então, foste diretamente a casa da senhora Hardy.

— É verdade. Quando eu... Como sabes? Pensei que estavas no teu quarto.

— Segui-te. Escondi-me entre os arbustos que havia no exterior da casa e ouvi.

— Ouviste o que disse àquela mulher? - perguntou Jessie.

Open corou vivamente, confirmando.

— Tudo?

— Fiquei muito surpreendida. Nem sequer sabia que alguma vez tinhas ouvido aquelas palavras e, muito menos, que sabias usá-las tão... eficazmente.

— Aquela mulher era uma bruxa velha - afirmou Jessie. — Não ia consentir que não soubesse o que eu pensava do modo como tinha criado o seu filho desagradável, que tinha empurrado a minha filhinha da sua bicicleta.

— Quando acabaste com ela, estava a comer da palma da tua mão. Naquela noite, levou o seu filho a nossa casa e fê-lo desculpar-se. Sentime muito especial.

— Neste momento, amo-te da mesma forma. Na verdade, muito mais -

afirmou Jessie, acariciando o cabelo da sua filha. — Nunca soube como cuidar de uma criança. É- muito mais fácil falar com uma mulher.

— Estás a ficar com o rímel borrado.

— Oh, não! - Jessie suspirou.

Viu-se ao espelho e começou a tremer.

— Que desgraça! Willie olhará para mim e fugirá.

— Duvido, mas é melhor que te arrumes antes que fiquemos sem champanhe.

— Não correu assim tão mal - comentou Cody. Tirou a gravata enquanto entravam no apartamento de Open.

— É verdade. - replicou ela. Tirou os sapatos de um pontapé. Sentia-se muito bem. — De fato, foi tudo muito agradável. Champanhe, caviar, mais champanhe... Conseguiria habituar-me àquela vida - acrescentou.

Quando viu que ele se dirigia para a janela olhando para o exterior, franziu a sobrancelha.

— Pareces um pouco distraído, Cody.

— Desculpe? - perguntou ele, depois de se virar olhando para ela.

— Estiveste bastante calado a noite toda. — O que se passa?

— Nada. Tenho muitas coisas na cabeça. É só isso.

— Trata-se do projeto? Há algum problema?

—Não, não se trata do projeto - respondeu Cody.

Enfiou as mãos nos bolsos e aproximou-se dela.

— E não sei se será um problema.

Open sentiu que as suas mãos ficavam geladas. Cody tinha um olhar muito intenso e muito sério nos olhos. Tinha certeza de que ia acabar a sua relação. Ia acabar o que havia entre eles para voltar para o Leste.

Umedeceu os lábios e preparou-se para o que ele tivesse para dizer. Seria forte, apesar de se sentir a morrer.

— Queres conversar?

— Sim, acho que deveríamos... - O telefone impediu-o.

Como se estivesse num sonho, ela aproximou-se para atender o telefone.

— Sim? Olá, eu... Oh! Sim, sim, está aqui - disse.

Tinha o rosto muito pálido. Então, estendeu o telefone a Cody.

— É a tua mãe.

— A minha mãe? - perguntou ele, muito surpreendido. — Mamãe? - perguntou, depois de pegar o aparelho. — Passa-se alguma coisa?

Open virou-se. Ouviu retalhos da conversa, mas preferiu não prestar atenção às palavras de Cody. Se ia terminar tudo com ela, tinha de ser forte e aceitá-lo. Como Cody fizera apenas alguns instantes antes, dirigiu-se para a janela e olhou

para o exterior.

Não. Estava enganada. Ela amava-o. Por que tinha de aceitar que o que havia entre eles ia acabar? Por que estava a presumir que ele ia partir? Não podia mostrar-se tão insegura em relação à única pessoa que lhe importava verdadeiramente.

— Open?

— Sim? - respondeu ela e virou-se rapidamente. — Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem. Dei à minha família este número, juntamente com o do hotel.

— Não faz mal.

— O meu pai teve alguns problemas de coração há dois meses. Durante algum tempo, esteve num estado muito frágil.

— Oh, lamento. Encontra-se bem agora?

— Assim parece. Hoje, foi fazer mais exames e disseram-lhe que está perfeitamente. A minha mãe só queria que eu soubesse.

— Fico muito contente. Disseste que aconteceu há dois meses? Isso foi quando tivemos as primeiras reuniões do projeto.

— Exato!

Open fechou os olhos e recordou o momento em que se tinham conhecido, no treiler da obra, quando ela começara a gritar com ele e lhe despejara a cerveja pela cabeça.

— Devias ter sido tu a despejar-me aquela cerveja pela cabeça.

— Pensei nisso - admitiu ele, com um sorriso.

— Devias ter-me dito.

— Não te dizia respeito... naquele momento - disse aproximando-se dela. Então, pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. — Mas, os tempos mudam. Open...

Quando o telefone voltou a tocar, Cody lançou um palavrão.

— Podes fazer o favor de desligar esse maldito telefone?

Open desatou a rir e dispôs-se a atender.

— Sim? Sim, sou Open Wilson. Senhora Méndez? Sim, como está o seu marido? Fico muito contente. Não, não foi nenhum incômodo. O senhor Johnson e eu tivemos todo o prazer em poder ajudar... Esta noite? Na verdade, eu... Não, não, claro que não! Não é nada de importância. Podemos estar aí dentro de vinte minutos. Muito bem-Adeus! - concluiu.

Atônita, Open desligou o telefone.

— Era Carmen Méndez.

— Já me tinha dado conta. Onde podemos estar dentro de vinte minutos?

— No hospital. Parecia estar muito estranha, muito nervosa, apesar de me ter dito que o seu marido já tinha saído dos Cuidados Intensivos e que estava muito

bem. Disse que precisava de falar imediatamente conosco.

— Ponho uma condição - disse Cody, enquanto Open começava a calçar os sapatos.

— Qual?

— Quando regressarmos, não vamos atender o telefone.

Encontraram Méndez deitado num quarto do hospital, com a sua esposa ao lado, agarrada à sua mão.

— Fico contente por terem vindo - disse Méndez, ao vê-los.

— E eu fico contente por estares melhor - respondeu Open. — Precisas de alguma coisa? Há alguma coisa que possamos fazer por ti? - acrescentou.

Surpreendeu-se muito ao ver que os olhos do rapaz se enchiam de lágrimas.

— Não, obrigado. Carmen contou-me como vocês a acompanharam, encarregando-se dos formulários e de tudo o resto.

Carmen inclinou-se para ele e murmurou qualquer coisa em espanhol, embora o tenha feito em voz demasiado baixa para que Open conseguisse ouvi-lo.

— Sim - disse Méndez. — Pensei que ia morrer e não podia fazê-lo com pecados na alma. Contei tudo a Carmen. Estivemos falando e decidimos contar para vocês - acrescentou. Engoliu em seco e fechou os olhos durante um momento.

— Ao princípio, não me pareceu assim tão mal. Além disso, com a chegada do bebê precisávamos do dinheiro. Quando o senhor Tunney me pediu, sabia que era errado, mas queria coisas boas para Carmen e para o bebê. E para mim.

Open aproximou-se mais um pouco da cama. Por cima do corpo deitado de Méndez, Cody e ela trocaram um olhar.

— O que foi que Tunney te pediu? - perguntou-lhe Cody.

— Só que olhasse para o outro lado, que fingisse não me dar conta. Grande parte do cabo que está a utilizar-se na obra não é o adequado.

— Estás a dizer que Tunney te ofereceu dinheiro para instalares um cabo que não era o que aparecia nos planos? - quis saber Open.

O sangue gelou-lhe nas veias.

— Sim. Não se trata de todo o cabeamento, nem de toda a obra. Não se podia confiar em todos os homens. Quando chegava um pedido, ele só o atribuía a alguns homens para que trabalhassem com os cabos de dez centímetros. Pagava-nos em dinheiro todas as semanas. Sei que posso ir para a prisão... Sabemos, mas decidimos fazer o correto.

— David, isso é uma acusação muito séria - disse Open.

Naquele momento, recordou os rolos de cabo que ela mesma tinha visto, que eram de um calibre inferior.

— Aqueles cabos foram submetidos a uma inspeção.

— Sim. Organizou-se tudo para que o inspetor fosse o mesmo. Foi subornado. Cada vez que aparece, o senhor Johnson e você estão ocupados em algum lado, para o caso de se darem conta de alguma coisa.

— Como pôde Tunney organizar...? - perguntou-se ela. De repente, compreendeu. — David, Tunney estava a cumprir ordens, não era?

Méndez apertou a mão da sua esposa. Aquilo era o que mais receava.

— Sim, estava a cumprir ordens. Do senhor Thornway. Há mais do que o cabeamento. Eu ouvi comentários. Parte do cimento, parte do aço, parte dos rebites. Não tudo, compreende? O senhor Thornway é um construtor muito poderoso. Este deve ser o modo de conseguir sê-lo. Quando contei a Carmen, ela sentiu-se muito envergonhada de mim e disseme que os modos dele não são os nossos.

— Devolveremos o dinheiro - disse Carmen, tomando a palavra pela primeira vez.

— Não quero que se preocupem com isso agora - afirmou Open. — Nem com nada. Fizeram o correto. O senhor Johnson e eu nos encarregaremos de tudo a partir de agora. Talvez precisemos de voltar falando contigo e terás de ir à polícia.

Carmen colocou uma mão sobre a barriga volumosa.

— Faremos o que disser. Por favor, senhorita Wilson, o meu David não é um mau homem.

— Eu sei. Não se preocupe.

Open saiu do quarto, sentindo-se como se tivesse sofrido uma queda longa e desagradável.

— O que vamos fazer?

— Vamos falar com Tim - respondeu ele. — Vou telefonar a Nathan. Ele também tem de saber o que se passa.

Open assentiu e afastou-se dele enquanto Cody procurava um telefone.

Durante o trajeto de carro para a casa de Thornway não falaram. Open só conseguia pensar na reputação que o pai de Tim tinha criado para a sua empresa. Num abrir e fechar de olhos, o filho tinha destruído tudo.

— Devia ter imaginado - disse ela.

— Como?

- No dia em que Méndez sofreu o acidente, eu estava com Tunney. Tinham acabado de trazer um pedido e eu reparei. Era cabo de dez centímetros. Disseme que certamente alguém teria cometido um erro. Estávamos falando sobre isso quando aconteceu o acidente e não voltei a preocupar-me com isso. Bolas, Cody! Nem sequer voltei a pensar nisso.

— Não tinhas razão alguma para suspeitar dele. Nem de Thomway. O que te parece se eu me encarregar deste assunto? Tu podes esperar aqui - disse Cody.

Estavam a chegar naquele momento à mansão de Thornway.

— Não. Tenho de estar presente.

Momentos mais tarde, estavam à espera no espaçoso hall da mansão.

Elegantemente vestido, Tim desceu as escadas.

— Open, Cody! Que surpresa! Receio que nos tenham encontrado por pouco. Marci e eu íamos sair. Ela ainda está a vestir-se.

— Acho que terás de chegar atrasado - disse Cody, muito secamente. — Isto não pode esperar.

— Pareces um pouco sério - respondeu Tim. Olhou para o relógio antes de os fazer passar para a sua biblioteca.

— Posso permitir-me alguns minutos. De qualquer modo, Marci atrasa-se sempre. O que querem? - acrescentou, depois de se dirigir para o bar.

— Uma explicação - respondeu Open. — Sobre porque estiveste a utilizar materiais inadequados para o projeto Barlow.

A mão de Tim começou a tremer. Entornou o uísque que estava a servir-se em cima do balcão. Foi tudo o que Open precisou para se dar conta de que o que Méndez lhes dissera era verdade.

— De que estás falando?

— Estou falando de materiais que não correspondem às necessidades. Estou falando de subornos! - exclamou ela.

Aproximou-se dele e agarrou-o pelo braço para impedir que levasse o copo de uísque aos lábios.

— Estou falando de arruinar a reputação que o teu pai demorou uma vida inteira a construir.

— Não faço ideia do que estás falando, mas não gosto de que me acuses de uma coisa ilegal - replicou. Bebeu o uísque e serviu-se imediatamente de outro.

— Sei que o meu pai tinha muito afeto por ti e que tu sentes um certo interesse pessoal pela empresa, mas isso não justifica o teu comportamento.

— Tem cuidado com o que dizes - respondeu Cody. — Sobretudo, tem muito cuidado com o que lhe dizes ou talvez eu decida deixar-me levar pelos meus instintos e partir-te os braços.

— Não vou consentir que me insultes na minha própria casa - replicou Thornway.

Thornway tinha a testa coberta de suor. Ao ver que Tim se dispunha a sair da biblioteca, Cody pôs-se diante da porta para o impedir.

— Vais consentir muito mais do que ameaças. O jogo acabou. Sabemos dos materiais, dos inspetores que subornaste e do dinheiro que pagaste a alguns

operários para que mantivessem a boca fechada. O problema, Tim, é que alguns deles têm consciência!

— Isto é ridículo! Se alguém andou a poupar no material da obra, vou descobrir de quem se trata. Podes ter a certeza de que iniciarei uma investigação.

— Muito bem. - respondeu Open. — Telefona para o comissário que se ocupa dos assuntos de construção.

— Farei exatamente isso.

— Agora! - insistiu ela. — Tenho a certeza de que tens o número dele. Podíamos ter uma reunião aqui, esta noite.

— Não tenho intenção de incomodar o comissário na sua casa, num sábado à noite.

— Acho que estaria muito interessado - respondeu Open.

Tinha reparado no medo que havia nos olhos de Thornway, por isso, decidiu dar-lhe o último empurrão.

— Já agora, porque não telefonas também a Tunney? Tenho a certeza de que o comissário vai querer falar com ele. De algum modo, dá-me a impressão de que Tunney não é o tipo de homem disposto a cair sozinho.

Sem dizer nada, Tim foi sentar-se numa poltrona. Voltou a pegar no copo de uísque e bebeu em pequenos goles, até que este ficou completamente vazio.

— Tenho a certeza de que podemos resolver este assunto - disse. — É um negócio, compreendem? E eu tomei alguns atalhos. Nada de importância.

— Por quê? Por que tiveste de arriscar tudo por um punhado de dólares? - quis saber Open.

— Um punhado? - replicou Tim. Soltou uma gargalhada sonora. Então, agarrou na garrafa e serviu-se de mais um pouco de uísque.

— Estamos falando de milhares e milhares de dólares. Poupa-se um pouco aqui, mais um pouco ali... Quase sem te dares conta, poupas milhões. Precisava disso. Não sabem o que é ser o filho de um homem tão bem-sucedido! Espera-se que faça as coisas tão bem como o meu pai. Além disso, há Marci. É bonita, inquieta e gosta de ter muitas coisas. Quanto mais lhe dou, mais quer. Não posso permitir-me perdê-la - sussurrou. Escondeu o rosto entre as mãos. — Tenho dívidas com as pessoas erradas. Desde que me encarreguei da empresa, correu tudo mal. Perdi muito dinheiro no projeto Lieterman. Não era a primeira vez. Durante os últimos nove meses, o negócio foi caindo. Tinha de resolver as coisas. Esta era a melhor maneira. Cortar um pouco nos gastos. Se conseguisse fazer com que este projeto acabasse dentro do tempo e do orçamento estabelecidos, as minhas dívidas desapareceriam.

— E quando houvesse uma falha elétrica ou quando os alicerces cedessem? - perguntou-lhe Cody. — E então?

— Não tinha de acontecer. Tinha de me arriscar. Tinha de o fazer. Marci espera viver de um certo modo. Devia dizer-lhe que não podemos ir à Europa porque a empresa está a passar por uma má fase?

— Sim - respondeu Open, sentindo uma pena estranha por ele. — Agora, vais ter de lhe dizer muito mais do que isso.

— O trabalho só recomeçará na segunda-feira, Tim - recordou-lhe Cody. — De fato, só recomeçará quando se concluir uma investigação exaustiva. Tu mesmo criaste este problema e agora vais ter de o enfrentar. Podes telefonar ao comissário tu mesmo ou deixar que nós o façamos.

Tim não parava de beber. Estava a embebedar-se. De certo modo, ajudava-o.

— Já contaram a alguém?

— Ainda não - respondeu Open. — Tinhas razão quando disseste que sinto uma grande lealdade para com o teu pai e que sinto uma responsabilidade para com esta empresa. Queria que tivesses a oportunidade de resolver isto tudo sozinho.

"Resolvê-lo?", pensou Tim, desesperadamente. Como poderia fazê-lo? Uma inspeção oficial acabaria com tudo.

— Primeiro, eu gostaria de falar com Marci - disse. — Prepará-la. Dêem-me vinte e quatro horas.

Cody abriu a boca para se opor, mas Open impediu-o. A engrenagem já estava em movimento. Mais um dia não poderia parar o que já tinha começado. Dar-lhe-ia um dia pelo muito que tinha apreciado o seu pai.

— Convocarás uma reunião no teu escritório para toda a gente?

— Que escolha tenho? - replicou Tim, arrastando as palavras por causa do álcool. — Vou perder tudo, não vou?

— Talvez consigas recuperar o respeito por ti mesmo - respondeu-lhe Cody.

— Quero ter notícias tuas amanhã, antes das nove horas da manhã, ou seremos nós a telefonar ao comissário.

Agarrou na mão de Open e levou-a para o exterior da casa. Open cobriu o rosto com as mãos.

— Meu Deus, é horrível!

— Não vai melhorar.

— Não - afirmou ela. Virou-se olhando para a casa e viu que a biblioteca ainda tinha a luz acesa.

— Este ia ser o meu último trabalho para ál Thornway. Não esperava que a minha relação com esta empresa acabasse assim.

— Vamos.

Tim ouviu o motor do carro de Cody a arrancar. Permaneceu a ouvir até que o som se perdeu no silêncio da noite. A sua esposa, a sua bonita e egoísta esposa,

estava a arrumar-se no quarto. Vítima da raiva, atirou o copo para o outro lado da sala.

Odiava-a. Adorava-a.

Tudo o que tinha feito fora para que ela fosse feliz. Para a manter ao seu lado. Se ela o abandonasse...

Não.

Não conseguia sequer pensar nisso. Não conseguia pensar no escândalo e nas acusações. O crucificariam. Perderia o seu negócio, o seu lar, o seu estatuto... a sua esposa.

Talvez ainda restasse uma possibilidade. Havia sempre uma possibilidade. Com muita dificuldade, aproximou-se do telefone e marcou um número.

Onze

Talvez tivesse sido a tensão da tarde ou o desconforto por terem visto o desespero e a humilhação de outros, mas Open e Cody precisavam um do outro. Meteram-se na cama, vítimas de uma fúria potente, sem dizerem nada, procurando o que o outro podia dar para conseguirem esquecer a raiva e a desilusão. Juntos, tinham construído uma coisa muito forte... ou, pelo menos, assim achavam.

Acabavam de saber que fora construído sobre mentiras e enganos.

Ao se possuírem com tanto frenesi, foi talvez para garantirem a si mesmos que o que tinham construído na intimidade não era uma mentira. Aquilo era sincero e sólido.

Open compreendeu-o quando sentiu a boca de Cody possessivamente sobre a sua, quando as suas línguas se uniram, quando os seus corpos se juntaram.

Se ele precisava esquecer o que existia no exterior daquele quarto, só por uma noite, Open compreendia-o perfeitamente. Ela também precisava, por isso, entregou-se a ele de corpo e alma.

Cody queria reconfortá-la. Tinha parecido tão desiludida ao ouvir a confissão deTim... Com Open, tudo era pessoal e ele sabia que estava aceitando parte daquele fracasso como próprio.

Não o consentiria.

Falariam de manhã, quando os sentimentos não estivessem tão à flor da pele. Naquele momento, dar-lhe-ia alívio com a sua paixão.

Ela prendera—o sob o seu cabelo e o próprio corpo ágil, percorrendo-lhe o corpo com os lábios, dando-lhe prazer e procurando o seu próprio. Sentia uma certa excitação ao tomar a liberdade de explorar o homem que amava. Tocar-lhe e fazê-lo tremer. Saboreá-lo e ouvi-lo suspirar.

A luz do corredor estava ainda acesa, pelo que o via perfeitamente, a sua silhueta, os seus músculos firmes, os seus olhos... Estavam tão escuros, tão atentos a ela... Sentia qualquer coisa diferente nele, mas era incapaz de o compreender.

Primeiro, Cody mostrava-se impaciente, quase brutal, nas suas artes amorosas. A seguir, Abraçava-a e beijava-a como se ela fosse muito frágil.

No entanto, as paixões misturavam-se tão estreitamente com as emoções que Open não conseguia separar o desejo do amor. Não havia necessidade de o fazer.

Quando a penetrou, encontrou ambas.

Tarde, muito mais tarde, quando acordou perturbada por algum ruído ou por um pesadelo, Open estendeu a mão e reparou que Cody não estava ao seu lado.

— Cody?

— Estou aqui.

Viu-o de pé ao lado da janela. A ponta do cigarro reluzia na escuridão.

— O que foi?

— Nada. Não consigo dormir.

Open endireitou-se na cama e afastou o cabelo do rosto. O lençol deslizou-lhe pelo corpo até à cintura.

— Podes voltar para a cama. Não temos de dormir.

Cody desatou a rir-se e apagou o cigarro.

— Nunca tinha pensado que encontraria uma mulher que me deixaria exausto.

— Isso é um elogio? - perguntou ela, depois de lhe atirar uma almofada.

— Só uma observação - disse. Aproximou-se e sentou-se na beira da cama.

— Você é fantástica! - acrescentou. Não estava falando de sexo, algo que Open compreendeu perfeitamente.

— Fico contente por pensares assim. Estás vestido - observou, quando os seus olhos se habituaram à escuridão.

— Ia sair para dar uma volta de carro. Não sabia se devia acordar-te ou não.

— Onde vais?

— Tenho de ver, Open. Talvez consiga tirá-lo da cabeça durante algumas horas se o fizer.

— Irei contigo.

— Não precisas fazer isso. É muito tarde... suponho.

— Quero fazê-lo. Importas-te de esperar?

— Claro que não! - respondeu ele. Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios.

— Obrigado.

O ar era fresco e leve. O céu parecia um mar plácido cheio de estrelas. Não havia trânsito, apenas uma estrada comprida, rodeada, primeiro, de casas e lojas e, logo depois, de quilômetros e quilômetros de deserto.

Open ouviu o uivo de um coiote ao longe.

— Nunca tinha conduzido aqui a estas horas da noite - disse Open, depois de afastar o rosto da janela aberta. — Está tudo tão tranquilo... Faz uma pessoa perguntar-se...

— Perguntar-se o quê?

— Se esteve tão tranquilo durante séculos, não seria melhor se continuasse a estar durante muitos mais?

— Supõe-se que quem trabalha neste mundo deve transformar a terra que não se utiliza para nada e dar-lhe um uso. No entanto, há lugares em ambos os lados do canal que percorre a costa da Flórida onde a vegetação é tão densa que não se vê para além de meio metro. Estão cheios de vida. O canal divide-os, essa é a contribuição do homem, no entanto, às vezes, devem deixar-se as coisas como estão.

— Eu gosto muito de ti, Johnson - disse ela, com um sorriso.

— Obrigado, Wilson. Eu também gosto de ti. Mudando de assunto, lembro-me de teres dito qualquer coisa sobre o projeto Barlow ser o último que realizarias para a Thornway.

— Sim. Andava a pensar nisso há muito tempo. Depois de Tim se ter encarregado da empresa, decidi que tinha chegado o momento de passar à ação.

— Tens outra oferta?

- Não. Na verdade, não anunciei oficialmente a minha demissão, mas não estou à procura de outra oferta. vou trabalhar sozinha, talvez inclusive começar a minha própria empresa. Uma empresa pequena. Ando a poupar há algum tempo para que possa superar os maus momentos.

— Queres estabelecer-te sozinha ou simplesmente mudar de ambiente?

— Acho que as duas coisas - admitiu ela, depois de pensar durante um momento. - Devo muito à Thornway, ao Thornway pai, na verdade. Ele deu-me a oportunidade de demonstrar o meu valor. Durante o último ano, as coisas mudaram muito. Não sabia... Nunca imaginei que Tim estaria metido numa coisa como esta, mas nunca gostei do modo como ele fazia os seus negócios. Via sempre primeiro o orçamento, antes de ver o projeto em geral, olhava para os nomes, em vez de olhar para os homens que estavam a ganhar esse dinheiro. Ninguém se mete num negócio sem pensar em ganhar dinheiro, é claro, mas quando é a única coisa...

— Quando é a única coisa, acaba-se numa situação como aquela em que estamos agora.

— Ainda não consigo acreditar. Pensava que o conhecia, mas... Como pode um homem arriscar tudo para agradar a uma mulher?

— Eu diria que a ama, embora, evidentemente, mais do que deveria.

— Talvez ela o ame. Talvez todas as jóias, os carros e os cruzeiros não lhe importassem. : — Claro que lhe importavam - afirmou Cody. — A uma mulher como aquela importam sempre. Tenho a certeza de que quando Marci Thornway descobrir tudo, partirá.

— Isso é uma crueldade. Continua a ser a sua esposa.

— Lembras-te da noite da festa? Então, também era a sua esposa, mas convidou-me para... Digamos que me convidou para passar a noite com ela, —

Oh! - exclamou. Toda a simpatia que pudesse ter sentido por Marci Thornway desvaneceu-se.

— Recusaste?

— Não foi muito difícil. Além disso, tinha outras coisas em mente. De qualquer forma, não acho que devamos culpar Marci por tudo. Tim queria conseguir demasiado em muito pouco tempo. Talvez lhe tivesse dado demasiado desde o início. Aparentemente, esteve a perseguir o sucesso da maneira errada.

— Mencionou que devia dinheiro às pessoas erradas.

— Não seria o primeiro homem de negócios a ter ligações com o crime organizado. Não seria o primeiro a perder tudo por causa dessa relação... O que é aquilo?

Quando se aproximaram do desvio que levava à obra, Cody viu outro carro. Este hesitou um momento no cruzamento, mas finalmente encostou-se à direita e continuou em frente.

— Não sei - respondeu Open, olhando para as luzes do outro veículo.

— Provavelmente, são garotos. Muitas vezes, as obras acabam por se transformar em lugares de encontro para os apaixonados.

— Talvez, mas é um pouco tarde para que os adolescentes andem por aqui - disse, ao ver que se vislumbravam no horizonte as primeiras luzes da alvorada.

Estacionou o carro ao lado do treiler. Em silêncio, os dois saíram e observaram o edifício principal, com a sua cúpula e as suas espirais, entre as sombras do amanhecer.

Permaneceram ali alguns minutos, com as mãos entrelaçadas, a observarem o que tinham criado.

— Vão ter de demolir - murmurou Cody. Tudo ou grande parte.

— Isso não significa que não possa voltar a ser construído. Podemos voltar a erguê-lo.

— Talvez - disse ele e rodeou-lhe os ombros com um braço, — mas não vai ser fácil. Nem rápido.

— Não tem de ser - afirmou ela. Compreendeu naquele momento, como não tinha compreendido até então, o quanto Cody tinha posto de si mesmo naquele projeto.

Não se tratava apenas de paredes e vigas, mas também da sua imaginação, do seu coração. Virou-se para ele e abraçou-o.

— Suponho que já está na hora de te dizer a verdade.

— Sobre o quê?

— Sobre este lugar. Eu enganei-me e tu tinhas razão.

Cody beijou-a, demorando o seu tempo a fazê-lo.

— Isso não é uma novidade, ruiva.

— Continua assim e não te direi o que penso a sério.

— Nem pensar! Tu dizes-me sempre o que pensas, tanto se quiser ouvi-lo como se não.

— Desta vez, quererás. Talvez até tenhas o direito de te sentires orgulhoso.

— Estou desejoso de o ouvir.

— Acho que este edifício é maravilhoso.

— O que disseste? - perguntou ele, muito surpreendido. — Deve ser a falta de sono, Wilson. Estás doente!

— Não estou a brincar, nem te digo isto para que te sintas melhor... nem pior. Digo-to porque já estava na hora de fazê-lo. Durante as últimas semanas, pude compreender o que tinhas imaginado para este lugar, o que querias dizer e como querias dizê-lo. É muito bonito, Cody. Quando estiver acabado, e estará um dia, vai ser uma obra de arte.

Cody olhou para ela, assombrado. Naquele momento, o brilho ainda fraco do sol começou a aparecer por cima das rochas.

— Sei que devia sentir-me muito lisonjeado, mas não consigo.

— Podes sentir-te muito orgulhoso - afirmou ela com um sorriso. — Eu sinto-me muito orgulhosa disto tudo e de ti.

— Open... Deixas-me sem palavras - sussurrou Cody. Suavemente, acariciou-lhe a face com os nós dos dedos.

— Eu gostaria que soubesses que, quando chegar a altura de o reconstruir, quero fazer parte disso - declarou, — embora isso não implique que não ache que deveria haver alguns ajustes.

Cody desatou a rir-se e apertou-a entre os seus braços.

— Claro...!

— Seriam pequenos - acrescentou ela. — E razoáveis.

— É claro...!

— Depois falaremos deles - prometeu, depois de morder a orelha dele.

— Profissionalmente.

— Tenho a certeza disso, mas garanto-te que não vou mudar nada.

— Cody...

- Não te disse que você é uma das melhores...? No que se refere aos engenheiros, claro está!

— Muito obrigada. Agora, já me sinto muito melhor. E tu?

— Sim, eu também me sinto melhor. Obrigado.

— Nesse caso, vamos dar uma volta. Foi para isso que viemos aqui.

De braço dado, os dois dirigiram-se para o edifício principal.

— A investigação vai ser muito complicada - comentou Cody. — Poderá perturbar os teus planos de começares a tua própria empresa, pelo menos,

durante algum tempo.

— Eu sei. Suponho que estive a tentar não pensar nisso. Ainda não.

— Terás a Barlow a apoiar-te. Tal como a Powell e Johnson.

Open sorriu quando lhe abriu a porta do edifício.

— Agradeço muito. É verdade, não me disseste o que Nathan te disse.

— Disseme que viria no primeiro avião.

Quando atravessaram a porta, olharam à sua volta. Havia baldes vazios por toda a parte, alguns deles com tábuas em cima que os transformavam em assentos improvisados. Os elevadores que tantos problemas tinham dado a Open já estavam instalados. Já se adivinhavam as formas curvadas das escadas e os caixilhos das janelas já estavam postos.

Em vez do som estridente das máquinas, só havia silêncio à sua volta.

— Dói, não dói?

— Sim - admitiu Cody, — mas passará. No entanto, devo dizer que não quero estar presente quando começarem a mandá-lo abaixo.

— Eu também não - disse Open.

Avançou alguns passos e pôs a bolsa sobre um cavalete.

— Sabes uma coisa, Johnson? Sempre quis vir a um lugar como este como cliente. Proponho-te um acordo, Johnson. Quando estiver acabado e as tuas malditas cascatas estiverem a trabalhar, convido-te para passarmos um fim-de-semana aqui.

— Há um em Tampa que já está a trabalhar.

— Tem cascatas?

— Não. Uma lagoa no meio do hall.

— Devia ter imaginado. bom, acho que é melhor irmos. Aqui, não se vê nada.

— Espera! Tenho uma lanterna no carro. Eu gostaria de me certificar de que quem esteve aqui antes não farejou onde não devia.

— Muito bem - disse ela.

Bocejou uma vez, mas muito amplamente.

— Durmo amanhã.

— Volto já!

Quando Cody partiu, Open decidiu que era uma pena que tivessem de o demolir. Sem aquele projeto, talvez nunca tivesse conhecido Cody. Aquele edifício unira-os e voltaria a fazê-lo quando a reconstrução começasse. Talvez estivesse na altura de deixar de se sentar ao estirador e cuidar um pouco da sua própria vida. Talvez nunca conseguisse admitir os seus próprios sentimentos por Cody.

Sabia que ele sentia alguma coisa por ela. Havia a possibilidade de que se alegrasse se lhe dissesse que se mudaria para a Flórida para começar a sua

carreira sozinha.

Poderiam ver onde a sua relação os levava até... Não conseguiu pensar mais além.

Não importava. Pensaria no "até" quando chegasse o momento. A única coisa de que tinha a certeza era de que não deixaria que ele partisse assim tão facilmente.

Olhou à sua volta e imaginou que regressariam ali um dia, quando aquele hall estivesse cheio de gente.

Recordariam então como tinha começado tudo... Sem deixar de sonhar acordada, percorreu o hall todo.

De repente, uma coisa chamou-lhe a atenção.

Ao princípio, perguntou-se como podiam ter sido tão descuidados os operários para desperdiçarem um carrinho de mão inteiro de composto e, além disso, não o terem arrumado. De qualquer modo, baixou-se para inspeccionar. De repente, um raio de luz caiu sobre o monte.

Open decidiu examiná-lo mais atentamente e estendeu a mão. No momento em que o fez, sentiu que lhe parava o coração. Levantou-se rapidamente e começou a correr para a porta, chamando Cody aos gritos.

Cody encontrou a lanterna no porta-luvas e carregou no botão para verificar se trabalhava.

Certamente, era uma tolice procurar no edifício. O que importava que o edifício tivesse sido prejudicado por vândalos?

Não seria difícil, embora dispendioso, mudar o cabeamento, mas, se fosse verdade que também se tinham cometido irregularidades no aço e no betão, toda a estrutura teria de ser demolida.

A raiva apoderou-se dele, tanto que esteve prestes a voltar a deixar a lanterna no carro. Então, recordou a si mesmo que Open o tinha acompanhado até ali e que estava à sua espera lá dentro. Veriam e partiriam.

O que acontecesse a partir do dia seguinte não dependeria absolutamente deles. Começara a pensar mais ou menos o mesmo que Open. Enquanto se dirigia para a porta, chegou à conclusão de que, sem aquele edifício, jamais a teria conhecido.

Por isso, quando as autoridades se encarregassem do caso, dir-lhe-ia exatamente o que queria e o que precisava.

Não. Dir-lho-ia naquele instante, no lugar onde tudo tinha começado. Era mais adequado que a pedisse em casamento dentro do edificio que os tinha unido. Que momento e que lugar poderiam ser melhores?

Quando ouviu o grito, sentiu que lhe gelava o sangue. Começou a correr e

ouviu que ela voltava a gritar.

Já estava muito perto quando a explosão rasgou o silêncio. Uma onda de ar quente atingiu-o e projetou-o entre uma chuva de vidros partidos, pedras e lascas de metal.

A queda deixou-o atordoado durante alguns segundos. Então, voltou a levantar-se e recomeçou a correr. Não reparou no corte que tinha na têmpora, onde qualquer coisa aguda se tinha aproximado o suficiente para lhe rasgar a pele.

Não se deu conta de que a queda e aqueles poucos segundos de atordoamento lhe tinham salvado a vida. A única coisa que viu naquele momento foi como as chamas lambiam avidamente as janelas que a explosão tinha arrancado.

Quando chegou ao que fora a porta, produziram-se outras explosões, que ecoaram como num campo de batalha. Chamou-a aos gritos, apesar de o medo o estrangular de tal maneira que quase não conseguia ouvir a sua voz.

Mais qualquer coisa foi projetada. Um pedaço enorme de algum material passou a voar ao seu lado como uma bala. Não o atingiu por centímetros.

O calor fê-lo afastar-se, queimando-lhe a pele. Tossiu repetidamente e, quase asfixiado, ajoelhou-se e entrou arrastando-se para o interior do edifício. Através da espessa cortina de fumo, viu onde se desmoronaram as paredes, onde pedaços enormes de teto tinham caído para o chão.

Enquanto avançava para o interior, pôde ouvir o som angustiante do aço a soltar-se e a cair no chão. Às cegas, foi afastando os escombros. Cortou a palma de uma mão na diagonal.

O sangue que escorria da ferida que tinha na têmpora começou a entrar-lhe para os olhos, que já lhe ardiam por causa da fumaça e do medo. Então, viu a mão de Open.

Só a mão, quase coberta por um monte de escombros. Ccom uma força que nascia exclusivamente do desespero, começou a puxá-la.

O fogo crepitava à sua volta, Abrasando-o e consumindo tudo.

Quando a viu, reparou que estava a sangrar. Estava tão confuso que nem sequer conseguiu rezar para que estivesse viva. Quando lhe pegou no colo, ela permaneceu completamente imóvel.

Durante um instante, Cody perdeu o controle e sentou-se com ela no colo, embalando-a.

Então, o terror apoderou-se dele e o fez reagir.

Pouco a pouco, começou a levá-la para o exterior. Atrás dele, ardia um inferno de calor insuportável e ambição indescritível. Faltavam poucos minutos, talvez inclusive segundos, para que tudo se desmoronasse e os enterrasse.

Foi então que Cody rezou, desesperada e incoerentemente. Só se deu conta de

que estava fora do edifício quando avançou cerca de três metros no exterior.

O terreno que os rodeava estava coberto de bocados de aço, vidro e madeira fumegante. Cada vez que respirava, sentia como se lhe ardessem os pulmões, mas tentou levantar-se. Com Open nos braços, conseguiu avançar mais alguns metros, antes de sucumbir novamente.

Muito suavemente, como se fosse através de um túnel comprido e estreito, ouviu as primeiras sirenas.

Havia tanto sangue... Open tinha um braço e o cabelo completamente vermelhos.

Cody não parava de lhe chamar enquanto limpava seu rosto de sujeira, de fuligem e de sangue.

Quando estendeu a mão para lhe sentir o pulso, esta tremia incontrolavelmente.

Não ouviu o estrondo que provocava o último desmoronamento. No entanto, sentiu o leve batimento do coração de Open.

Doze

— Precisa que o examinemos, senhor Johnson.

— Isso pode esperar - replicou ele. Sentia um medo mortal no estômago.

— Diga-me como está Open. Para onde a levaram?

— A senhorita Wilson está nas melhores mãos - respondeu-lhe o médico. — Se perder mais sangue, vai desmaiar. Poupava-nos muitos problemas se nos deixasse tratar do senhor.

Cody agarrou-o pelas lapelas da bata e encostou-o à parede.

— Diga-me onde está!

— Senhor Johnson...

— Diga-me onde está ou será você quem começará a sangrar!

— Estão a prepará-la para a levarem para a sala de operações. Não sei muito sobre o seu estado, mas o doutor Bost é o chefe da equipe que vai operá-la e é o melhor.

Lentamente, Cody deixou que o médico se afastasse da parede, embora não o tivesse largado.

— Quero vê-la.

— Pode empurrar-me outra vez contra a parede, se quiser - replicou o médico, — mas não vai poder vê-la. Precisa que a operem. Os dois têm muita sorte por estarem vivos, senhor Johnson. Só estamos a tentar que estejam bem.

— Está viva... - sussurrou Cody.

O medo queimava-lhe a garganta com mais força do que a inalação de fumo.

— Sim, está viva. Agora, deixe-me cuidar do senhor. - disse o médico.

Com muita cautela, levantou as mãos e afastou de si as de Cody.

— Assim que ela sair da sala de operações, virei ter consigo.

Cody olhou para as mãos. O sangue já tingia a ligadura que lhe tinham posto na ambulância.

— Desculpe - murmurou.

— Não se preocupe. Pelo que os paramédicos me disseram, você passou por um mau bocado. Tem uma ferida na cabeça, senhor Johnson. Deixe-me suturá-la.

Naquele momento, um homem aproximou-se deles e mostrou-lhes um distintivo.

— Com licença. Sou o tenente Asaro. Eu gostaria de falar com o senhor Johnson.

— Quer falar com ele enquanto está a sangrar? - perguntou-lhe o médico.

Então, abriu uma cortina e fez sinal para a sala de tratamentos.

— Ou prefere esperar até que o tenha suturado?

— Importa-se? - perguntou Asaro a Cody.

— Não - respondeu ele.

Sentou-se numa mesa e tirou o que restava da camisa. Tinha tantas feridas e queimaduras no peito e nas costas que Asaro não conseguiu evitar uma expressão de dor.

— Eu diria que esteve muito perto da explosão. Importa-se de me dizer o que a senhorita Wilson e você estavam a fazer na obra ao amanhecer?

_—Estávamos a ver - respondeu Cody. Susteve a respiração ao sentir o ardor do anti-séptico.

— Ela é a engenheira do projeto e eu sou o arquiteto.

— Eu sei. Não vão lá o suficiente ao longo da semana?

— Tínhamos as nossas razões para irmos lá ontem à noite.

— Vou dar-lhe uma injeção para que não lhe doa tanto - informou-o o médico.

Cody simplesmente assentiu.

— No início da tarde de ontem, informaram-nos que tinha havido certas discrepâncias no trabalho. Utilizaram-se materiais de qualidade inferior.

— Entendo. Informaram a vocês dois?

— Sim - respondeu Cody.

Tentou separar o corpo da mente enquanto o médico lhe suturava muito competentemente a ferida da cabeça.

— Não vou dizer o nome da pessoa que nos informou, mas dir-lhe-ei o que sei.

— Agradecia-lhe imenso - disse Asaro. Cody explicou-lhe tudo, a descoberta, o confronto com Thornway e a confissão deste.

Já não sentia dor alguma. A única coisa que ocupava a sua mente naquele momento era Open. Explicou também que tinham visto um carro a abandonar o lugar, mas que, naquele momento, tinham pensado que seriam apenas adolescentes a aproveitar um lugar solitário.

— Continua a pensar isso?

— Não. Acho que alguém pôs explosivos em todos os edifícios da obra e os rebentou. Vai ser muito difícil identificar os materiais que não correspondem ao registo de qualidade quando já não resta muito.

— Está a fazer uma acusação, senhor Johnson?

— Estou a afirmar um fato, tenente. O pânico apoderou-se de Thornway e mandou que alguém destruísse tudo. Sabia que Open e eu iríamos hoje à

Comissão de Obras Públicas se ele não o fizesse. Agora, podemos esquecê-lo.

— Por quê?

— Porque, assim que Open sair da sala de operações, vou matá-lo. Já acabou, doutor?

— Quase - disse o médico. - Tem vidros nas costas e umas belas queimaduras de terceiro grau.

— É uma história muito interessante, senhor Johnson. - comentou o detetive. — Vou mandar investigá-la. Quer que lhe dê um conselho? Devia ter muito cuidado ao fazer ameaças diante de um policial.

— Não é uma ameaça. Numa sala de operações está uma mulher que significa para mim mais do que tudo no mundo. Você não viu o aspecto que tinha quando chegamos aqui. Sabe qual foi o único crime dela, tenente? Teve piedade suficiente daquele canalha para lhe dar algumas horas para que pudesse explicar tudo à sua esposa. Ele, por seu lado, poderia tê-la matado.

— Só mais uma pergunta: Thornway sabia que vocês iam visitar a obra?

— E o que importa isso?

— Responda.

— Não. Não o tínhamos planeado. Eu não conseguia dormir. Queria ver a construção, tentar resignar-me. Open acompanhou-me.

— Devia descansar, senhor Johnson - recomendou-lhe o tenente.

Despediu-se do médico com uma inclinação de cabeça.

— Manter-me-ei em contato.

— Vamos interná-lo durante um dia ou dois, senhor Johnson - informou-o o médico.

Tratou a última queimadura antes de lhe examinar os olhos com uma pequena luz.

— Pedirei para que a enfermeira lhe dê qualquer coisa para as dores.

— Não, não preciso que me interne, doutor. Preciso de saber em que andar está Open.

— Vá com a enfermeira e eu encarregar-me-ei de ver como está a senhorita Wilson - disse-lhe o médico.

Ao reparar como Cody olhava para ele, o médico levantou uma mão com resignação.

— Como queira. Talvez não tenha reparado, mas há pessoas aqui que gostam que lhes dedique o meu tempo e a minha atenção. Sala de espera do quinto andar. Primeiro, faça um favor a si mesmo: vá à farmácia - acrescentou. Rapidamente, passou uma receita e entregou-lhe.

— Peça para que lhe dêem isto. O fato de ter dores não a ajudará em nada.

— Obrigado. A sério.

— Diria que estou aqui para quando precisar de mim, mas estaria a mentir.

Cody não foi levantar a receita, não porque não sentisse dores, mas porque tinha medo de que o medicamento o fizesse dormir.

A sala de espera era a mesma onde tinha passado horas com Open e a senhora Méndez no dia em que David Méndez sofrera o acidente. Naquele momento, estava ali por causa de Open.

Recordou como se mostrara amável e preocupada com a esposa do acidentado. Encheu um copo de plástico de café simples, queimou a garganta abrasada ao bebê-lo e começou a passear de um lado para o outro.

Se pudesse sair durante algum tempo, iria atrás de Thornway. Tirá-lo-ia da sua casa perfeita e dar-lhe-ia uma boa sova sobre a sua relva bem cuidada.

Open estava na mesa de operações, a lutar pela sua vida, só por causa de dinheiro.

Amassou o copo e atirou-o para o outro lado da sala.

A dor rasgou-lhe o ombro e encheu-o de frustração. Não conseguia deixar de se culpar pelo fato de Open ter estado no interior do edifício, à espera dele, quando tinha afirmado que queria partir.

Open estava num estado muito grave e ele...

Naquele momento, Jessie entrou a correr na sala de espera.

— Cody - disse. — Meu Deus, Cody, o que aconteceu? O que se passou com Open? Disseram-nos que houve um acidente na obra, mas é domingo de manhã. O que estava lá a fazer no domingo de manhã?

— Jessie - sussurrou Barlow enquanto a acompanhava até uma poltrona. — Dá-lhe uma oportunidade para se explicar. Ele também está ferido.

Jessie estava a tremer. Viu os curativos e as feridas de Cody, e sobretudo a expressão que ele tinha no rosto, que falava com mais clareza do que as palavras do horror que tinham passado.

— Meu Deus, Cody, o que se passou? Disseram-me que está na sala de operações.

— Senta-te tu também, Cody! - ordenou-lhe Barlow. —— Vou buscar três cafés para que possas contar-nos tudo.

— Não sei como está. Não me deixaram vê-la... - murmurou. — O que sei é que está viva. Quando a tirei de lá, estava viva.

— Quando a tiraste? Quando a tiraste de onde? - perguntou Jessie, horrorizada, enquanto pegava no copo que Barlow lhe oferecia.

— Eu estava lá fora. Estava a voltar para o interior do edifício. Ela estava lá dentro quando explodiu.

Barlow pôs uma mão por cima do braço da sua esposa para tentar acalmá-la.

— Muito bem, Cody - disse. — Quero que te acalmes e que nos contes tudo

desde o início.

Tudo parecia um sonho. Cody começou falando-lhes da chamada de Carmen Méndez e contou-lhes tudo o que acontecera na noite anterior até ao momento em que os paramédicos da ambulância tinham levado Open numa maca.

— Devia tê-lo pressionado - murmurou. — Devia ter pegado o telefone e ter telefonado às autoridades eu mesmo, mas Thornway estava bêbedo e tivemos piedade dele. Queríamos dar-lhe a oportunidade de salvar o seu casamento. Além disso, se eu não tivesse querido ir à obra, ela não estaria ferida.

— Entraste num edifício em chamas para a tirares de lá - sussurrou Jessie. — Arriscaste a tua vida para salvares a dela.

— Eu não tenho vida sem ela.

— Sabes uma coisa, Cody? - perguntou-lhe Jessie, pegando-lhe na mão. — A maioria das pessoas jamais encontra alguém que a ame tanto. Ela sempre precisou de alguém que lhe desse amor e eu falhei. Não vais perdê-la.

— Bom - anunciou Barlow. — Eu tenho de fazer algumas chamadas. Não demorarei.

Jessie e Cody esperaram juntos. O tempo passava muito lentamente. Quando Nathan e Jackie entraram na sala de espera uma hora depois, Cody já não tinha forças sequer para se surpreender.

— Querido - disse Jackie. Dirigiu-se diretamente para ele. — Descobrimos quase assim que o avião aterrou. O que podemos fazer?

— Nada, por enquanto. Ela está na sala de operações.

— Eu sei. Encontramo-nos com o senhor Barlow no corredor e explicou-nos tudo. Não vamos falar de nada. Só vamos esperar.

Nathan deu-lhe uma palmada no ombro.

_ Antes tivéssemos conseguido chegar aqui antes! Se te servir de alguma coisa, Thornway já foi preso.

— Como sabes? - perguntou Cody.

— Barlow fez algumas averiguações. A polícia foi interrogar Thornway. Quando lhe disseram que Open e tu tinham ficado feridos na explosão, foi-se abaixo.

— Não importa - sussurrou ele. — Já não importa...

Levantou-se da cadeira onde estava sentado e dirigiu-se para a janela. Enquanto Open estivesse na sala de operações, nada lhe importava. Cada segundo era uma eternidade.

Nathan fez menção de ir falar com o seu amigo, mas a sua esposa impediu-o.

— Deixa-me ir - disse.

Aproximou-se silenciosamente de Cody e esperou que ele recuperasse o controle falando.

— É a engenheira, não é?

— Sim.

— Não tenho de te perguntar se a amas.

— Nem sequer lhe disse... Nunca encontrava o momento nem o lugar certos, Jack. Quando a tirei... Quando a tirei de lá, pensei que estava morta.

— Não estava então, nem está agora. Tenho a certeza de que não vais perdê-la, Cody. Quando estiver melhor, vão casar-se?

— Sim. bom, ela também ainda não sabe. Tenho de a convencer.

— És muito bom a convencer as pessoas, Cody. Tens um aspeto terrível, sabias? Quantos pontos te deram?

— Não os contei.

— Deram-te alguma coisa para as dores?

— Tenho uma receita...

- E tu, obviamente, não foste comprar os medicamentos! Dá-me isso! - ordenou-lhe Jackie. — Vou comprar-te os medicamentos e, quando voltar, vais tomar o que te receitaram.

— Não quero...

— Não me venhas com isso, Cody - disse-lhe. Deu-lhe um beijo na face antes de sair da sala de espera. Quando regressou, Cody tomou os comprimidos só para que Jackie o deixasse em paz.

Passou outra hora. A dor diminuiu, mas o seu medo tornou-se mais agudo. Reconheceu o médico. Era o mesmo que tinha operado Méndez.

Bost entrou na sala e olhou para o grupo. Dirigiu-se diretamente a Jessie.

— É a mãe da senhorita Wilson?

— Sim - respondeu ela. Não conseguiu levantar-se.

Pôs uma mão sobre a do seu marido e outra sobre a de Cody.

— Por favor, diga-me como está!

— Saiu da sala de operações. Ainda não recuperou a consciência e perdeu muito sangue. Conseguimos parar a hemorragia. Tem algumas costelas partidas, porém, felizmente, os pulmões não foram danificados. Tem o braço partido em dois lugars e uma fissura no joelho direito.

— Recuperará?

— Sim, senhora. Vamos fazer-lhe agora algumas radiografias e uma TAC.

— Isso significa que tem danos cerebrais?

— Sofreu uma pancada muito forte na cabeça. São exames rotineiros.

— Quando terá os resultados?

— Ao início da tarde. Demoraremos algumas horas.

— Quero vê-la - afirmou Cody. Levantou-se rapidamente. — Tenho de vê-la! - acrescentou, olhando para Jessie com um pedido de desculpas desenhado no

olhar.

— Eu sei.

— Não está acordada - explicou o médico. — Além disso, terá de ser muito brevemente.

— Só quero que me deixe vê-la.

Cody não sabia o que era pior, se todas as horas de espera ou vê-la ali, deitada na cama, tão pálida, com os hematomas realçados tão cruelmente nas faces e ligada a imensas máquinas.

Pegou-lhe na mão. Estava muito fria, mas sentiu-lhe a pulsação no pulso, que ecoava nos monitores que tinha ao seu lado.

Estava tão pálida... Observou-a atentamente e perguntou-se onde estaria. Não queria que ela fosse para demasiado longe. Não sabia o que fazer para a fazer regressar.

— Não deixam que fique contigo, ruiva, mas estarei na sala de espera até que acordes - disse, enquanto lhe pegava na mão através das barras da cama. — Não demores muito. Correu tudo bem. Têm de te fazer alguns exames, mas não é nada. Tens um golpe na cabeça, é só isso.

"Por favor, meu Deus, que seja só isso!", rezou.

Ficou novamente em silêncio.

Contentou-se com contar os batimentos monótonos nos monitores.

— Estava a pensar que podíamos ir ao Leste quando saíres daqui. Assim, poderás trabalhar para conseguires um bom bronzeado enquanto me repreendes sobre os pontos de apoio - sussurrou.

Agarrou-lhe com força nos dedos, quase incontrolavelmente.

— Pelo amor de Deus, Open, não me deixes...!

Pareceu-lhe, embora talvez fosse apenas um desejo, que lhe apertava a mão durante um breve instante.

— Tens de descansar, Cody.

— O que fazes aqui outra vez? - perguntou, ao ver que Nathan estava de pé ao seu lado.

— Estou a armar-me em teimoso contigo - replicou o seu amigo.

Sentou-se ao lado de Cody no sofá.

— Deixei Jack no hotel. Se não voltar para lhe dizer que te convenci a ires descansar, vai insistir em vir ela mesma.

— Estou melhor do que pareço.

— Devias estar, para continuares consciente.

— Por favor, Nathan! Não me pressiones...

— Lembro-me de te ter dito quase o mesmo uma vez, quando eu estava

confuso e aborrecido - respondeu Nathan. — Tu também não me ouviste.

— Não querias admitir os teus próprios sentimentos - disse Cody. — Eu sei perfeitamente o que sinto.

— Deixa-me oferecer-te qualquer coisa para comeres.

— Não quero estar ausente se Bost vier.

— O que te parece se te contar o que está a acontecer a Thornway?

— Está bem.

— Realizou uma confissão completa - contou-lhe Nathan, enquanto Cody acendia outro cigarro. Já tinha o cinzeiro cheio de bitucas.

— Admitiu tudo. A substituição dos materiais, os subornos, o dinheiro extra para os operários. Afirma que estava bêbedo e em estado de pânico depois do confronto que teve com Open e contigo. Realizou a chamada para que provocassem o incêndio, com a ideia louca de que ninguém poderia provar nada contra ele se destruísse o projeto inteiro.

— Não pensou que haveria uma investigação de qualquer modo? Achava que todos guardaríamos silêncio?

— Evidentemente, não pensou em nada disso.

— Não e, precisamente por isso, Open esteve prestes a morrer. Inclusive agora, poderia estar... - sussurrou.

Não conseguia dizê-lo. Nem sequer conseguia pensá-lo.

— Vai passar muitos anos na prisão.

— Não me importa quantos. Por muitos que sejam, nunca serão suficientes.

— Ainda continua aqui, senhor Johnson? - O jovem médico que o tinha atendido ao chegar ao hospital entrou na sala de espera.

— Sou o doutor Mitchell - explicou a Nathan.

— Eu tratei do seu amigo há... Meu Deus, há quase oito horas! - acrescentou, espantado, depois de olhar para o relógio. — Ainda ninguém o prendeu a uma cama?

— Não.

Mitchell sentou-se e esticou as pernas.

— Eu fiz um turno duplo, mas não me sinto tão mal como você parece estar.

— Obrigado.

— Esta opinião médica foi completamente gratuita. Na verdade, vim dizer-lhe que me encontrei com o doutor Bost no laboratório. Estava a acabar de levantar os resultados dos exames da senhorita Wilson. Parece estar tudo bem, senhor Johnson.

— Está a dizer-me que está bem? - perguntou ele, atônito.

— A sua condição passou de crítica a grave. Nem a TAC, nem as radiografias indicam que tenham existido danos cerebrais. Tem um belo traumatismo

craniano, se me perdoarem uma maneira tão pouco profissional de o dizer. Bost descerá dentro de alguns minutos para vos dar os detalhes, mas pensei que gostaria de ouvir boas notícias. Além disso, recuperou brevemente a consciência. Disse o seu nome, o seu endereço, recordou o nome do presidente e perguntou pelo senhor.

— Onde está?

— Vai passar algum tempo até que possa vê-la. Está sedada.

— Aquela é a mãe dela - disse Cody, assinalando o lugar onde Jessie estava sentada. — Importa-se de o dizer também a ela? Eu tenho de ir dar uma volta.

— Tenho uma cama com o seu nome - recordou-lhe Mitchell, levantando-se ao mesmo tempo que Cody. — A melhor maneira de permanecer perto da sua amada é registando-se no nosso pequeno hotel. Recomendo-lhe o frango.

— Tê-lo-ei em conta.

Cody saiu da sala de espera e saiu para apanhar um pouco de ar fresco.

Open queria abrir os olhos.

Ouvia ruídos, mas não parecia identificar nenhum deles. Não sentia dor alguma, mas sentia-se como se estivesse a flutuar a vários centímetros acima do chão.

De repente, recordou tudo. Primeiro, o sol a entrar pela cúpula. O sentimento de felicidade, de alegria.

Depois, o medo.

Parecia-lhe que tinha gritado por Cody, mas isso fora antes do ruído terrível. Fora projetada... Qualquer coisa parecida com uma mão invisível agarrara-a e atirara-a pelo ar.

Em seguida, nada.

Onde estava ele? Estava praticamente certa de que tinha estado ao seu lado. Tinha falado com ele ou teria sido também um sonho? Parecia-lhe que tinha aberto os olhos e que o tinha visto sentado ao seu lado. Tinha um curativo na cabeça e o seu rosto estava cansado e pálido.

Tinham estado falando... Ou não? Os medicamentos impediam-na de se lembrar.

A sua mãe também tinha estado ali. Tinha estado a chorar. Além disso, tinha visto rostos de muitos estranhos que a examinavam constantemente e lhe perguntavam coisas sem sentido.

Talvez estivesse morta.

Tinha perdido completamente o sentido do tempo, tal como Cody. Ele tinha passado todos os minutos que lhe tinham permitido ao seu lado. Tinham passado dois dias.

Ela tinha recuperado a consciência de vez em quando, mas a medicação mantivera-a sonolenta a maior parte do tempo. Ao terceiro dia, Cody viu que lhe custava concentrar-se.

— Não consigo permanecer acordada - disse. — O que estão a dar-me?

— Uma coisa para te ajudar a descansar.

— Não quero que me dêem mais... Diz-lhes que não me dêem mais...

— Precisas descansar.

— Preciso pensar - disse.

Tentou mexer-se. Viu o gesso que tinha no braço e esforçou-se para recordar. Tinham-lhe dito que estava partido. Também tinha gesso na perna.

Ao princípio, tinha achado que se vira envolvida num acidente de trânsito. Pouco a pouco, estava a ser-lhe mais fácil recordar.

— Os edifícios... já não existem.

— Não importa - respondeu Cody. Beijou-lhe docemente os dedos. — Pregaste-me um belo susto, ruiva!

— Eu sei. Tu também estás ferido... - sussurrou.

Estava a começar a sentir. Quando estava acordada durante algum tempo, começava a sentir. A dor tranquilizava-a.

— São só alguns arranhões. Estás com dores. vou chamar a enfermeira.

— Não quero que me dêem mais medicamentos.

Pacientemente, Cody inclinou-se para ela e beijou-a na face.

— Querida, não suporto ver-te a sofrer...

— Beija-me outra vez - murmurou ela. — Sinto-me melhor quando o fazes.

— Perdão - disse a enfermeira, depois de entrar no quarto. — Está na hora de o médico a examinar, senhorita Wilson. Você terá de esperar lá fora.

— É claro!

— Não pense que vou tomar mais medicação! - ouviu Open a exclamar. — Se tiver mais agulhas por aí, é melhor que as esqueça.

Pela primeira vez em muitos dias, Cody desatou a rir. Open estava a melhorar.

Ao fim de uma semana, Open desejava sair do hospital. Sentia-se presa. Tinha passado por fases de autocompaixão e de raiva.

Naquele momento, estava simplesmente chateada. Quando acordou de uma das muitas sestas que fazia, viu uma mulher no seu quarto.

Era muito bela e estava grávida. Estava a cuidar das plantas e das flores.

— Olá!

— Olá! - cumprimentou Jackie, com um sorriso radiante. — Finalmente, vejo-te acordada. Agora, Cody vai repreender-me porque o mandei à cafetária. Passou de esbelto a frágil numa semana. bom, como te sentes?

— Bastante bem. Quem és tu?

— Oh, desculpa! Sou Jack, a esposa de Nathan. Mesmo com as flores, os hospitais são deprimentes, não são? Estás muito chateada?

— Não sabes o quanto. Obrigada por vires ver-me.

— Cody é como se fosse da minha família. Isso também te torna família.

— Como está ele?

— Melhora à medida que tu melhoras. Estivemos muito preocupados com os dois durante algum tempo.

— Importas-te de me dizer uma coisa com sinceridade?

— Tentarei - prometeu Jackie.

— Podes contar-me o que aconteceu? Cada vez que tento falar com Cody a esse respeito, muda de assunto ou zanga-se comigo. Lembro-me de quase tudo, mas aos bocados.

Jackie também tentou mudar de assunto, porém, quando olhou para Open nos olhos, decidiu que ela merecia saber a verdade.

— Porque não me dizes do que te lembras?

— Tínhamos ido à obra e entramos no edifício principal. Estava tudo muito escuro, por isso, Cody foi buscar uma lanterna. Eu estava olhando para o hall. Sabes o que Thornway fez com os materiais de construção?

— Sim.

— Quando estava sozinha, vi o que ao princípio pensei ser um monte de composto. Era explosivo plástico. Comecei a correr para a porta. Não consegui chegar lá.

— Cody estava no exterior do edifício quando aconteceu a explosão - disse Jackie. — Conseguiu entrar e encontrar-te. Não sei muito bem os detalhes, porque ele não quis falar a esse respeito, mas deve ter sido aterrador. Conseguiu tirar-te. Disseme que tinha achado que estavas morta.

— Deve ter sido horrível - murmurou Open. — Horrível para ele.

— Culpa-se pelo que te aconteceu, Open.

— Por quê?

— Acha que, se tivesse deixado que a espada caísse imediatamente sobre Thornway... Se não tivesse querido ir à obra naquela noite... Se não te tivesse deixado sozinha no edifício... Se, se, se...

— Isso é estúpido.

— O quê?

Jackie levantou o olhar e viu que Cody acabava de entrar. Levantou-se e bateu-lhe suavemente na face.

— Acho que tu, querido - disse-lhe. — Deixo-os a sós. Onde está Nathan?

— Foi ver a maternidade.

Jackie acariciou a barriga e desatou a rir. — Acho que vou ter com ele -

comentou, antes de partir.

— Gosto dela - disse Open, quando ficaram a sós.

— É difícil não sentir simpatia por Jack - observou ele.

Entregou-lhe uma rosa com muito cuidado para não lhe tocar.

— Tens o quarto cheio de flores, mas pensei que gostarias de ter uma na mão.

— Obrigada.

— Passa-se alguma coisa?

— Sim.

— Vou chamar a enfermeira.

— Senta-te! - ordenou ela. — Eu gostaria que parasses de me tratar como se fosse uma inválida.

— Muito bem - respondeu ele.

No entanto, não se sentou. Percorreu o quarto, examinando as flores.

— Tens algumas novas.

— São de Swaggart e de Rodríguez. Decidiram fazer uma trégua para poderem trazer-me cravos, mas quando partiram já iam a discutir.

— Algumas coisas nunca mudam.

— E algumas, sim. Antes, falavas muito comigo e olhavas para mim quando o fazias.

Cody virou-se.

— Estou falando contigo e estou olhando para ti.

— Estás zangado comigo?

— Não sejas ridícula!

— Não estou a ser ridícula. Entras neste quarto todos os dias, todas as noites - disse ela, tentando endireitar-se na cama.

Rapidamente, Cody aproximou-se para a ajudar.

— Fique quieto! Posso fazê-lo sozinha. Um braço partido não é uma doença terminal.

— Desculpe...

— Vês? Já nem sequer te zangas comigo. A única coisa que fazes é mostrares-te compassivo e estares sempre atento, caso precise de alguma coisa. Vamos falar do que está a acontecer e vamos fazê-lo agora. Andas há alguns dias a tratar-me como se fosse uma criança e já estou farta. Nem sequer queres falar comigo sobre o que aconteceu.

— O que queres? - perguntou-lhe Cody, sem conseguir conter-se. — Que te diga o que senti ao ver que o edifício explodia sabendo que tu estavas lá dentro? Que te descreva como foi entrar nele para te procurar, encontrar-te semienterrada, ferida e a sangrar? Que te explique o que foi estar à espera neste maldito lugar, sem saber se ias viver ou morrer?

— Como vamos poder superá-lo se não falarmos? - perguntou-lhe ela.

Tentou agarrar-lhe na mão, mas ele afastou-a.

— Tu também foste ferido. Não sabes o que sinto ao ver-te a mão, o rosto e saber que tudo isto te aconteceu porque me foste buscar? Quero falar sobre isso, bolas! Não posso estar aqui deitada, a tentar reconstruí-lo.

— Então, não o faças. Tudo isso já faz parte do passado. Quando saíres daqui, não vamos olhar para trás. Nunca mais vais fazer-me passar por uma coisa assim. Compreendes-me? Não consigo suportá-lo. Quero que saias daqui. Quero que estejas comigo. Amo-te e estou cansado de estar deitado sozinho na cama, a pensar no que poderia ter acontecido...

— Mas não aconteceu. Estou aqui. Estou viva porque tu me salvaste. Tu não tiveste culpa do sucedido, tolo. Salvaste-me a vida. Amo-te demasiado para continuar aqui sentada a ver como as lembranças te consomem. Isto vai acabar, Johnson. Digo-o a sério! Se não conseguires tratar-me com normalidade, não venhas ver-me.

— Está bem. Se queres que me vá embora, fá-lo-ei, mas não antes de te dizer o que tenho para te dizer. Talvez me culpe pelo sucedido, mas isso diz-me respeito. Não vou consentir que tu me digas o que devo sentir ou não. Já segui o modo que tu tens de fazer as coisas durante demasiado tempo, Open.

— Não sei do que estás falando.

— Sem compromissos, sem planos a longo prazo. Não foi este o modo como planeaste a nossa relação?

— Concordamos...

— Estou farto de não concordar com nada e de esperar que chegue o momento certo, que o lugar seja certo e que o ambiente seja certo. Ouviste o que te disse há alguns minutos? Disse que te amo.

— Não o disseste. Gritaste-o para mim.

— Muito bem. Gritei-o - admitiu ele, sentando-se na cama. — Agora, vou dizer-te e também te digo que vais casar-te comigo. Não há mais nada a dizer.

— Mas...

— Não fale mais nada! Não me contradigas.

— Cody, eu...

— Cala-te, está bem? Não queria que fosse assim, entre gritos e aborrecimentos, contigo prostrada numa cama. Parece que as coisas nunca correm como as planeamos, portanto, aqui vai! Ruiva... Sem planos, nem acordos. Preciso de ti. Quero que te cases comigo e que vás para o Leste para viveres a tua vida ao meu lado.

Open olhou para ele e respirou fundo.

— Está bem.

— Está bem? - perguntou Cody, completamente incrédulo. — Já concordou?

— Não exatamente. Venha cá! - pediu. Estendeu o braço e rodeou-o com ele.

Pela primeira vez em muitos dias, Cody correspondeu-lhe como se realmente desejasse ter contato físico com ela.

— Provavelmente, ouviste o que te disse antes, que estava apaixonada por ti.

— Não o disseste. Gritaste-o.

— É verdade. Desculpe.

— Por quê?

— Por te ter feito passar por isto tudo.

— Não tiveste a culpa - afirmou Cody.

— Tens razão, mas tu também não tiveste. Eu não gostaria de voltar a passar por isto, mas levou-te a pedires-me para que me casasse contigo.

— Acho que o teria feito de qualquer modo... Talvez - acrescentou, com um sorriso.

Open franziu a sobrancelha. Tinham esmagado a rosa entre os dois. com muito cuidado, Open tentou alisar-lhe as pétalas.

— Tenho uma confissão para te fazer. Ia para o Leste, tanto se quisesses que o fizesse como se não.

— A sério?

— Pensei que, se me visses o suficiente, te habituarias a mim. A minha cabeça dizia-me que te deixasse partir, mas o meu coração... Não ia dar-te nenhuma oportunidade.

Cody inclinou-se para ela para a beijar.

— Nem eu ia a lado nenhum.

Epílogo

Cody preencheu o formulário de registo.

Do outro lado do balcão, as rochas estavam cobertas de cato que estava a começar a florescer. A luz entrava pelo arco de vidro.

O chefe da recepção dedicou-lhe um sorriso radiante.

— Espero que aproveitem a vossa estadia no nosso hotel, senhor Johnson.

— Temos intenção de o fazer - respondeu ele, depois de enfiar a chave no bolso.

As pessoas entravam e saíam do hall. Algumas desciam ou subiam pelas escadas amplas em curva e outras faziam o mesmo nos elevadores silenciosos. Sobre as suas cabeças, a cúpula deixava que o sol entrasse, formando uma fantasia de cor.

A cascata caía musicalmente sobre o pequeno lago de pedras. Com um sorriso, aproximou-se do lago e da mulher que estava ao seu lado, a observar a água.

— Alguma queixa?

Open virou-se e inclinou a cabeça.

— Ainda recordo os metros de tubos de que precisamos para darmos forma ao teu pequeno capricho. De qualquer forma, graças a mim, é funcional - brincou.

Apoiou a cabeça sobre o ombro de Cody e virou-se novamente para observar a água.

— O que se passa?

— Vais pensar que sou uma estúpida, mas sinto falta dos meninos.

— Isso não é nenhuma estupidez, mas tenho a certeza de que te tirarei isso da cabeça durante algum tempo quando chegarmos ao bangalô.

— Talvez... Se te esforçares de verdade - disse ela, em jeito de desafio.

— Suponho que uma segunda lua-de-mel deveria ser inclusive melhor do que a primeira.

— Nesse caso - sussurrou ela, — vamos começar.

— Daqui a pouco - respondeu Cody. — Há cinco anos, estivemos aqui ao amanhecer. Estava tudo vazio e nenhum dos dois podia ter a certeza de o ver finalizado no futuro.

— Cody, não serve de nada recordar isso tudo.

— Eu nunca o esquecerei - murmurou ele. Então, levou as mãos da sua esposa aos lábios.

— Há uma coisa que nunca te disse. Naquela manhã, ia pedir-te aqui mesmo que te casasses comigo.

Open ficou muito surpreendida, inclusive depois de cinco anos de casamento e companheirismo.

— Suponho que já é demasiado tarde. Já não podes livrar-te de mim.

— Sim, é demasiado tarde para isso - murmurou ele.

Sem prestar atenção às pessoas que os rodeavam, Abraçou-a. Para eles, estavam a sós, tal como tinham estado naquela manhã, cinco anos antes.

— No entanto, não é demasiado tarde para que eu te diga que foste o melhor que me aconteceu na vida e que te amo muito mais agora do que te amava há cinco anos.

— Cody... - murmurou ela. Beijou-o.

O sentimento que experimentou foi tão forte como sempre.

— Sou tão feliz por te ter ao meu lado, por ter uma família... Regressar aqui faz-me dar-me conta de como sou sortuda - acrescentou.

Acariciou-lhe suavemente a cicatriz que lhe percorria a têmpora.

— Podíamos ter perdido tudo. No entanto, ganhámos tudo o que desejávamos - concluiu. Abraçou-o com força durante um instante. Então, esboçou um sorriso.

— E eu gosto muito da tua cascata.

— Toma - disse ele, tirando uma moeda do bolso.

— Pede um desejo.

— Não preciso de desejos - replicou ela. Atirou a moeda por cima do ombro.

— Apenas de ti - concluiu.

A moeda afundou-se lentamente no lago enquanto os dois se afastavam juntos.